



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: CULTURA ESCRITA, LINGUAGENS E APRENDIZAGEM

O VALOR SIMBÓLICO DA LEITURA: CARTAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE LEITORES PROFESSORES

Flávia Griep Mancini

Pelotas, fevereiro de 2013

FLÁVIA GRIEP MANCINI

**O VALOR SIMBÓLICO DA LEITURA: CARTAS
(AUTO)BIOGRÁFICAS DE LEITORES PROFESSORES**

Tese de Doutorado em Educação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia Maria Vaz Peres
Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Eliane Peres**

Pelotas / RS, 2013

Dados de catalogação na fonte:
Kênia Moreira Bernini CRB - 10/920

M269v Mancini, Flávia Griep
O valor simbólico da leitura: cartas (auto)biográficas de
leitores professores / Flávia Griep Mancini ; Orientador : Lú-
cia Maria Vaz Peres ; Co-orientador: Eliane Teresinha Peres
– Pelotas, 2013.
148 f.

Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-
Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas.

1. Educação 2. Formação 3. Leitura 4. Antropologia
do imaginário I. Peres, Lúcia Maria Vaz, orient. II. Peres,
Eliane Teresinha, co-orient. III. Título

CDD 370

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Lúcia Maria Vaz Peres – UFPEL

Prof.^a Dr.^a Eliane Teresinha Peres – UFPEL

Prof. Dr. Hilário I. Bohn – UCPel

Prof.^a Dr.^a Valeska Fortes de Oliveira – UFSM

Prof.^a Dr.^a Denise Marcos Bussoletti – UFPEL

Prof.^a Dr.^a Tânia Maria Esperon Porto – UFPEL

Dedicatória:

Dedico esta Tese de Doutorado, com todo meu carinho, à pessoa que me ensinou o verdadeiro significado de três palavras:
Felicidade, Generosidade e Amor.

Não consigo descrevê-lo com adjetivos, porque é, para mim, o mais lindo e especial ser de toda a minha vida – o Sol que tem alegrado, enternecido e iluminado os meus dias há onze anos:

Meu muito amado filho **Vitório!**

Agradecimentos

É chegado o momento e o desejo de agradecer...

Ao **Pai Celeste**, por ter me concedido a vida e por guiar os meus passos, sempre me alcançando sua Mão Amiga e me ajudando a me erguer nos momentos difíceis;

À minha **mãe**, Erica – meu porto seguro de todas as horas – por todo amor, apoio, dedicação, cuidado, confiança e carinho, neste e em todos os dias da minha vida. Meu eterno agradecimento por todo ‘suporte técnico’ durante a execução do Doutorado e por ter sido minha primeira e mais importante incentivadora do ato de ler;

Ao meu **pai**, Enio, por ter ‘plantado a semente’ de cursar o Doutorado em Educação em mim e pela eterna torcida, sempre acreditando que ‘vai dar tudo certo’;

Aos meus **avós** maternos – Ernesto e Elvina – por me ensinarem que amar pode dar certo e por me proporcionarem uma infância muito feliz;

Às minhas tão amorosas e companheiras **Belinha** e **Vivi**, pelo apoio silencioso e alegre durante as muitas horas sentada ao computador;

Aos meus sempre muito queridos **alunos** – de todos os tempos – pelo desafio cotidiano de ensiná-los e de aprender com eles. Obrigada por não permitirem que minha alma envelheça!

Aos meus **amigos** – colegas, equipe diretiva e funcionários da **Escola Estadual de Ensino Médio Areal** – que a cada dia renovam em mim vivências de pertencimento e de alegria no trabalho;

Aos meus caros colegas professores, **colaboradores desta pesquisa**, sem os quais este trabalho não se concretizaria. A eles a minha gratidão e o meu reconhecimento!

À minha co-orientadora, Professora Doutora **Eliane Peres**, por me convidar a viajar com ela pelos sempre fascinantes caminhos da leitura;

Aos meus **professores da Faculdade de Educação** da Universidade Federal de Pelotas, que me brindaram, por quase quatro anos, com suas experiências e sabedoria;

Ao meu querido Professor **Hilário**, meu orientador do Mestrado em Letras, pela sua sabedoria e por ter aceitado fazer parte desse momento tão importante de minha vida;

Às queridas Professoras **Valeska**, **Tânia** e **Denise**, por suas participações atentas e conselhos enriquecedores para este trabalho;

Aos meus queridos **colegas do GEPIEM**, por todo carinho e compartilhamento; pela amizade, pela calorosa acolhida e pelos lindos momentos de troca!

À minha fiel escudeira **Andrisa** – colega de grupo – por compor comigo uma ‘dupla dinâmica’; uma parceria muito especial, me fazendo sentir de novo com vinte anos e me ajudando a tornar essa jornada mais leve, colorida e alegre!

Por último, mas jamais menos importante, um agradecimento muito especial à minha querida orientadora – Professora Doutora **Lúcia Maria Vaz Peres** – pela escolha, pela confiança, por toda dedicação, afeto e amizade e, principalmente, por acreditar que dentro do casulo pode haver uma borboleta!

Muito Obrigada!

Resumo

O presente trabalho construiu-se na linha de Pesquisa Cultura Escrita: linguagens e aprendizagem, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, no interior do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM). Tem como objetivo principal investigar qual é o **valor simbólico** atribuído à leitura nos trajetos (como leitores) dos sujeitos participantes deste estudo; ou seja, o foco principal desta pesquisa é dirigido aos **núcleos simbólicos** que afloram quando – em **processos (auto)biográficos** – cada pessoa se narra. O estudo efetuado para esta tese sustenta-se em um tríplice referencial teórico: (Auto)Biografia Educativa como Trajeto de Formação relacionado à Leitura, Antropologia do Imaginário e Antropologia da Leitura. O aporte metodológico, de caráter qualitativo sócio-fenomenológico, vinculou-se, em especial, à metodologia de convergências proposta por Gilbert Durand, ligada à Antropologia do Imaginário. A tese que emerge é a de que a leitura, inserida no cotidiano, pode atuar como um equilibrador biopsicossocial, auxiliando na formação do sujeito e na internalização de valores no decurso do trajeto de vida, abrangendo, de modo indireto, seus impasses individuais, conduzindo ao autoconhecimento, ao conhecimento do outro e ao conhecimento do mundo. A investigação foi realizada a partir de dezoito (18) cartas escritas por leitores professores que vivem e trabalham na região sul do Rio Grande do Sul (Pelotas e municípios vizinhos: Rio Grande, Canguçu e São Lourenço do Sul). Os **núcleos simbólicos** percebidos nas narrativas foram agrupados (por afinidades simbólicas) em **três mitemas: Aventura – Descoberta – Construção, Ferramenta, Refúgio – Cura – Esteio**. Tais **núcleos simbólicos**, reunidos em **mitemas**, denotam polarizações referentes aos Regimes (Diurno e Noturno) estudados pelo viés da Antropologia do Imaginário. Os resultados da pesquisa demonstram que cada pessoa atribui um valor simbólico à leitura e que esse varia de indivíduo para indivíduo. Lê-se por prazer e por necessidade. Os leitores ‘ávidos’ encontram maneiras de conseguir seus objetos de leitura, independentemente de suas condições de vida. Também foi constatado que o processo de se (auto)biografar desencadeia (tanto em quem escreve quanto em quem lê) um processo de contemplação da vida. Na perspectiva de investigar o fenômeno da leitura, entrelaçando perspectivas teóricas diferentes, mas ao mesmo tempo convergentes, esse processo é percebido como uma importante experiência de formação, o qual demonstra que a leitura, como uma tecnologia do Imaginário, de fato se constitui em um significativo equilibrador biopsicossocial.

Palavras-Chave: Educação; Formação; Leitura; Antropologia do Imaginário; Antropologia da Leitura; (Auto)Biografias Educativas.

Abstract

The present work was constructed in the line of Written Culture Research: languages and learning, in the Post-graduation Program in Education from the Universidade Federal de Pelotas, inside the Group of Studies and Research about Imaginary, Education and Memory (GEPIEM). It has as its main objective to look into the **symbolic value** ascribed to the reading in the trajectory (as readers) of the participant subjects of this study; that is, the principal focus of this research is directed to the **symbolic nuclei** that come up when – in (auto)biographical processes – each person narrates himself (or herself). The study which was carried out for this thesis is supported by a triple theoretical referential: Educational (Auto)Biography as a Formation Trajectory related to Reading, Imaginary Anthropology and Reading Anthropology. The methodological anchorage, of a qualitative social-phenomenological character, is linked, especially, to the methodology of convergences, proposed by Gilbert Durand, tied to the Anthropology of the Imaginary. The thesis that emerges is that the reading, inserted in the quotidian, may act as a bio-psycho-social balancer, helping in the formation of the subject and in the internalization of values during the life path, reaching indirectly his individual impasses, leading to self-knowledge, to the knowledge of the other and to the knowledge of the world. Investigation was performed on eighteen (18) letters written by teachers readers that live and work in the southern region of Rio Grande do Sul (Pelotas and neighbor counties: Rio Grande, Canguçu e São Lourenço do Sul). The **symbolic nuclei** perceived in the narratives were grouped (by symbolic affinities) in **three mythemes: Adventure – Discovery – Construction, Tool, Refuge – Cure – Support**. Such symbolic nuclei, joined in **mythemes**, show different polarizations referring to Regimes (Daily and Nightly) studied by the obliquity of the Anthropology of the Imaginary. The results of the research show that each person attributes a symbolic value to the reading and this varies from individual to individual.

Reading is for pleasure and for necessity. ‘Avid’ readers find ways to reach their reading objects, independently of their life conditions. It was also found out that the process of writing an (a) (auto)biography unleashes (both in the one who writes as in the one who reads) a process of contemplation of life. Under the perspective of looking into the reading phenomenon, entwining different theoretical perspectives, but convergent at the same time, this process is an important experience of formation, which shows that the reading, as a technology of Imaginary, really constitutes an important bio-psycho-social balancer.

Key-Words: Education; Formation; Reading; Anthropology of Imaginary; Anthropology of Reading; (Auto)Educational Biographies.

Sumário

Apresentação	13
1 – Demarcação de um lugar (auto)biográfico: minhas memórias de vida-leitura entrecruzadas com ideias de alguns autores com quem tenho dialogado	18
2 – (Auto)Biografia Educativa como Trajeto de Formação relacionado à Leitura	29
3 – Antropologia do Imaginário na abordagem sobre o valor simbólico da Leitura	37
4 – Antropologia da Leitura como fomentadora do Imaginário	47
5 – Encaminhamentos metodológicos	57
6 – As cartas e o que elas me revelaram	66
6.1- 1º mitema: A Leitura como Aventura, Descoberta e Construção	66
6.2- 2º mitema: A Leitura como Ferramenta	119
6.3- 3º mitema: A Leitura como Refúgio, Cura e Esteio	125
Uma pequena dose de ousadia rumo ao valor simbólico da leitura presente nas cartas (auto)biográficas de leitores professores.....	134
Referências	142
Anexo 1: carta-pedido endereçada aos leitores professores	148
Anexo 2: modelo da carta de aceite enviada aos sujeitos da pesquisa	149

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – capa do livro infantil “Animaizinhos da Fazenda”	20
Figura 2 – interior do livro “Uma Fábula Chinesa”	20
Figura 3 – capa do livro infantil “Heidi”	21
Figura 4 – capa do livro infanto-juvenil “Pollyana”	21
Figura 5 – capa do romance “Bonequinha de Seda”	22
Figura 6 - capa do romance “Melancia”.....	24

Como arfar sem a presença de um livro que nos ensina a viver melhor que a própria vida?
A vida precisa do livro para não ser insequente. Para não ficarmos sujeitos à pasteurização
social.

Ler é um maravilhoso ato de rebeldia, de resistência, de encantamento. De um fruir
comovedor.

Nélida Piñon, 2005

Apresentação

Este texto consiste em minha Tese de Doutorado em Educação, a qual apresenta como objetivo principal investigar qual é o **valor simbólico** atribuído à leitura no trajeto (como leitores) dos sujeitos participantes deste estudo; ou melhor, o problema de pesquisa consistiu em encontrar nas cartas a mim enviadas os **núcleos simbólicos**¹ que afloraram quando – em **processos (auto)biográficos**² – cada pessoa se narrou.

Minha tese – referendada pelos dados empíricos – é a de que a leitura, inserida no cotidiano, pode atuar como um equilibrador biopsicossocial, auxiliando na formação do sujeito e na internalização de valores no decurso do trajeto de vida, abrangendo, de modo indireto, seus impasses individuais, conduzindo ao autoconhecimento, ao conhecimento do outro e ao conhecimento do mundo.

Explicitando um pouco melhor, as questões da pesquisa são as seguintes:

- a) O que a leitura desencadeia no Imaginário das pessoas e o que o Imaginário desencadeia na leitura?
- b) Por que (ou para que) as pessoas leem? Como, onde e quando elas leem?
- c) O que acontece quando alguém lê? Ao longo da vida, de que maneira a leitura vai influenciando na constituição dos sujeitos? Ou ainda, como dela os sujeitos se apropriam?
- d) Qual é o **valor simbólico** atribuído a ela no trajeto formativo, a fim de saber os núcleos que daí emergem?
- e) O que o conjunto das narrativas faz emergir para pensar a Antropologia do Imaginário e da leitura?

As questões acima elencadas são norteadoras, servindo como uma espécie de ‘mapa’ para a análise de meu objeto de pesquisa.

Tenho a convicção de que a maioria daquilo que realizamos tem o seu embrião fecundado no sonho, na imaginação; vide autores como Gaston Bachelard, Gilbert Durand e

¹ Núcleos simbólicos: imagem ou imagens que emergem dos objetos pesquisados, cuja leitura assenta-se na Antropologia do Imaginário, preocupada com todos os tipos de produção humana. No capítulo “Encaminhamentos Metodológicos” deverá ficar mais clara a ideia do que são os núcleos simbólicos (ou o que Gilbert Durand, ao aprofundá-los e agrupá-los, designa de mitemas).

² Na escrita desta tese, optei pela grafia da palavra com o uso de parênteses: (auto)biografia, do mesmo modo como o fazem os autores que se dedicam ao estudo das Histórias de Vida e dos Processos (Auto)biográficos.

os estudos efetuados pelo GEPIEM³. A representação imaginária apresenta-se carregada de afetividade e de emoções criadoras e poéticas. Como estudiosos da contemporaneidade têm apontado, a ciência não é livre da subjetividade, pois antes de serem pensadas por cientistas, muitas invenções foram, primeiramente, imaginadas por escritores ou poetas.

Durante toda a minha vida, os livros estiveram sempre comigo; por isso, eles se farão presentes. Estar próxima da leitura talvez tenha sido um dos fatores que me encaminhou para a graduação em Letras, para o ofício de ser professora, para as investigações do Mestrado em Letras e, agora, para o Doutorado em Educação.

Pela via dos estudos do Imaginário⁴, vislumbrei a possibilidade de investigar de que maneira a leitura se apresenta na vida das pessoas, a começar por minha narrativa pessoal. Assim, escolhi conhecer os trajetos de leitores professores da região sul do Rio Grande do Sul – Pelotas (onde resido e trabalho) e municípios próximos: Rio Grande, Canguçu e São Lourenço do Sul. A esses colegas (atuantes em séries e disciplinas diversas) enderecei uma carta-pedido⁵, solicitando-lhes que, em cartas a mim endereçadas, contassem um pouco de suas vivências vislumbradas pelos ‘óculos da leitura’⁶.

Presentemente, os profissionais do magistério encontram-se quase sempre assoberbados pela extensa carga horária de suas jornadas de trabalho, muitas vezes tornando-se quase inviável, sob o ponto de vista prático, a formação de um grupo⁷ para investigação. Essa questão foi um dos motivos para a escolha das cartas. Meus/minhas colaboradores/as da pesquisa puderam expressar-se em diferentes momentos, de acordo com suas disponibilidades pessoais, profissionais, espaciais e temporais.

Por meio das cartas, constatei que o caráter de certo modo intimista de uma carta e seu tom meio confessional despertou a movimentação do Imaginário tanto de quem escreveu quanto de quem as leu. O recebimento das correspondências confirmou o que antes era apenas uma suspeita.

A escolha pela modalidade epistolar⁸, como forma de comunicação, foi uma estratégia

³ GEPIEM – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória.

⁴ Faço parte do grupo de pesquisa liderado por minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Lúcia Maria Vaz Peres, o GEPIEM, o qual estuda e pesquisa principalmente assuntos referentes ao Imaginário, à Educação e aos processos (auto)biográficos e formativos. Recebo a co-orientação da Prof.^a Dr.^a Eliane Peres, a qual tem me apontado o caminho a seguir no que se refere aos estudos sobre aspectos de uma Antropologia da Leitura.

⁵ A carta enviada aos professores consta no ANEXO nº 1.

⁶ No texto da tese, optei pelo uso de aspas simples para quando desejo simplesmente ressaltar alguma expressão e aspas duplas para demarcar expressões ou citações de outrem.

⁷ Refiro-me à formação de grupo do modo como faz referência Marie-Christine Josso (2004) em seu livro “Experiências de Vida e Formação”. Essa questão encontra-se um pouco mais desenvolvida no capítulo referente à (Auto)Biografia Educativa como Trajeto de Formação relacionado à Leitura.

⁸ A carta pessoal é um dos textos epistolares que permitem a troca de mensagens por escrito entre duas pessoas;

adotada para despertar as lembranças das **memórias de vida-leitura** desses leitores, para perceber de que maneira foram influenciados por suas leituras, ou melhor, que **núcleos simbólicos** cada pessoa atribuiu ao seu processo como leitor(a). Ou ainda: que Imaginários habitam as leituras dessas pessoas? Além disso, as cartas encontram-se permeadas por uma linguagem simbólica, ou seja, uma modalidade de “conhecimento indireto” (Durand, 1993).

Esclarecendo um pouco mais, no pensamento do autor (op. cit., p. 97-98), o pensamento simbólico atuaria nas pessoas como um restabelecedor do equilíbrio vital, psicossocial e antropológico.

Nessa perspectiva singular-plural, individual-coletiva surgiram, também, questões importantes relativas à história cultural e à sociologia da leitura, na ocasião em que as pessoas se referiram, em seus relatos, também ao que leem, por que leem, como, onde e quando leem e de que modo acontece a apropriação da leitura, ou seja, o que fazem com a leitura e o que a leitura faz com elas.

Esta tese estrutura-se da seguinte maneira:

Apresentação, na qual mostro as intenções e as localizações do trabalho.

Capítulo 1, no qual busco (re)visitar um pouco da minha história, ao me contar, entremeando os fios de minha narrativa pessoal com as leituras de livros que me fizeram companhia.

Os capítulos 2, 3 e 4 são dedicados a referir teoricamente os estudos que tenho realizado: a (Auto)biografia Educativa como trajeto de formação relacionado à leitura, os estudos da Antropologia do Imaginário na abordagem sobre o valor simbólico da leitura e a leitura de livros analisada sob um ponto de vista de uma Antropologia da Leitura.

O capítulo 5 tem o intuito de desenhar os contornos da metodologia adotada, assim como os encaminhamentos realizados na captação de dados para a pesquisa da tese.

O capítulo 6 trata dos achados encontrados nas cartas, ou ainda, consta da análise por mim realizada e dos **núcleos simbólicos** percebidos em cada uma das cartas, com a reunião desses vários núcleos em três grupos, isto é, em três **mitemas**.

O último capítulo aborda as reflexões finais deste trabalho.

Conduzida pelos estudos do Imaginário, da Antropologia da Leitura e das (Auto)biografias como processos formativos, procurei, neste trabalho, investigar o fenômeno

são formas textuais muito antigas, ligadas a uma necessidade de comunicar a distância, como também se caracterizam pela comunicação de mensagens de foro íntimo. Hoje, com o advento de formas mais rápidas de comunicação a distância (telefone, internet etc.), a carta pessoal fica restrita a situações especiais de comunicação.

da leitura, entrelaçando perspectivas teóricas diferentes, mas ao mesmo tempo convergentes. Conhecer um pouco desse fenômeno que para mim é tão atraente foi o desafio a que me propus.

A PAIXÃO DE BASTIÁN⁹

As paixões humanas são um mistério, e com as crianças acontece a mesma coisa que com os adultos. Aqueles que se deixam levar por elas não podem explicá-las, e os que não as viveram não podem compreendê-las. Alguns homens arriscam a vida para escalar uma montanha. Ninguém, nem mesmo eles, pode explicar por que o fazem. Outros se desgraçam para conquistar o coração de uma pessoa que não quer nada com eles. Outros se destroem por não saberem resistir aos prazeres da mesa... ou da bebida. Alguns perdem tudo o que têm em um jogo de azar ou sacrificam tudo a uma ideia fixa que jamais poderá se realizar. Alguns acreditam que só poderão ser felizes em um lugar diferente e percorrem o mundo inteiro. E ainda outros não descansam até se tornarem poderosos. Em resumo: existem tantas paixões quanto seres humanos.

A paixão de Bastián Baltasar Bux eram os livros. Quem não tiver passado nunca tardes inteiras diante de um livro, com as orelhas ardendo e o cabelo caído no rosto, lendo e lendo, esquecido do mundo e sem perceber que estava com fome ou com frio...

Quem nunca tiver lido à luz de uma lanterna, embaixo das cobertas, porque papai, mamãe ou alguma outra pessoa solícita apagou a luz com o argumento bem intencionado de que tem de dormir, porque amanhã precisa levantar bem cedinho...

Quem nunca tiver chorado aberta ou dissimuladamente lágrimas amargas porque uma história maravilhosa acabou e era preciso se despedir dos personagens com os quais tinha corrido tantas aventuras, que amava e admirava, pelo destino dos quais temera e rezara e sem cuja companhia a vida pareceria vazia e sem sentido...

Quem não conhecer tudo isso por experiência própria, provavelmente não poderá compreender o que Bastián fez então.

M. Ende, 1982

⁹ Este texto tem, para mim, caráter epigráfico, uma vez que revela e traduz um pouco da paixão de um leitor pelos livros.

1 – Demarcação de um lugar (auto)biográfico: minhas memórias de vida-leitura¹⁰ entrecruzadas com ideias de alguns autores com quem tenho dialogado

O texto a seguir apresenta caráter (auto)biográfico, no sentido de delimitar ao leitor o lugar base do meu trajeto formativo, de onde falo, como pessoa e pesquisadora, assim como minha formação pessoal e profissional, minhas vivências como docente, a paixão pela leitura e o porquê do tema escolhido. Enfim, uma espécie de mapeamento de meu itinerário de formação.

Ele trata da história de uma menina que via o mundo através dos ‘óculos da leitura’ e que cresceu, tornando-se mulher; entretanto, seu apreço pelos livros só fez aumentar com a passagem dos anos.

O interessante de se (re)visitar é a potência da experiência formadora, pois acontece o processo de tomada de consciência, utilizando-se a narrativa como instrumento de formação. Dominicé (2010, p. 83) refere que “não há formação sem modificação, mesmo que muito parcial, de um sistema de referências ou de um modo de funcionamento”.

Na formação de um indivíduo reside um importante valor atribuído à família a que o autor (op. cit.) faz referência, mencionando que “o essencial da formação reside no processo”:

Atribuindo um valor importante à família, como fazem os autores das biografias educativas das quais dispomos, quisemos demonstrar que a história de vida se constrói num campo relacional e que a formação está em grande parte ligada às soluções adotadas no decurso da vida, para a resolução de conflitos ou de tensões relacionais que se prendem com a dificuldade de conduzir a própria vida, encontrando uma distância adequada daqueles que nos estão mais próximos. (p. 89)

Devido às contingências e mudanças em meu vivido, eu, que já adorava livros, fui neles buscar um refúgio, um porto seguro para mim. Lá eu sabia que não haveria decepções. Como diz minha orientadora, fui (e ainda sou) uma menina que enxerga o mundo através dos ‘óculos da leitura’.

Talvez possamos compreender um pouco melhor o fascínio que a Literatura exerce

¹⁰ Ou ainda: “A história de uma menina que via o mundo através dos ‘óculos’ da leitura” (Uma imagem ‘imaginada’ muito próxima da que ilustra a capa desta tese.)

sobre algumas pessoas quando Candido (2004, p. 175) refere que ela “é o sonho acordado das civilizações”. Menciona ainda que “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (p. 180)

Tais posições são reforçadas por Soares (2004, p. 31) quando afirma que “a leitura literária democratiza o ser humano porque mostra o homem e a sociedade em sua diversidade e complexidade, e assim nos torna mais compreensivos, mais tolerantes (...)”.

Ao retomar minhas memórias de vida-leitura, percebo o quão formadoras se tornaram, embora este caminho de volta às vezes não seja uma tarefa das mais fáceis. Também não podemos olvidar que a recordação de nossa escrita – ou ainda, da nossa versão de determinados fatos (de nossa 'verdade') – pode traduzir um ponto de vista diverso de alguém que vivenciou conosco o relatado. Por isso, a partir dos autores com quem tenho dialogado, penso que a leitura possa ajudar as pessoas a suportar a diversidade e a complexidade inerentes à condição de ser humano.

Segundo Delory-Momberger (2008, p. 22),

a escrita biográfica não dissocia jamais a relação consigo mesmo da relação com o outro. A compreensão da narrativa pessoal é enriquecida pelo efeito de eco proveniente da escuta ou da leitura da narrativa do outro. (...) A narrativa do outro é um dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica.

A autora (op. cit., p. 16) sugere ainda que “o sujeito se aproprie do seu processo de formação ao se tornar autor de sua história”; o que também defendemos dentro do GEPIEM.

Voltando à questão da leitura... Quem de nós, pelo menos em algum momento da vida, não sentiu certo encanto ao ouvir ou ler uma história? Quem de nós não gosta de ouvi-las?

Sempre – desde quando é possível lembrar – uma paixão genuína pelos livros e pela leitura se manifestou. Contudo, não sei se sou capaz de explicar o motivo desse sentimento.

Na primeira infância, havia a magia das imagens e dos livros que, na sua materialidade, nos contam e mostram esse encantamento. Bachelard (1989), em sua obra “A Chama de uma Vela”, argumenta que “a chama, dentre os objetos que nos fazem sonhar, é um dos maiores **operadores de imagens**. Ela força-nos a imaginar”. (p. 9) Certamente, para mim, os livros e a leitura são potencialmente uma das 'chamas' que alimentam minha existência.

Minha primeira 'memória de leitura', na verdade, não é totalmente minha e sim uma referência contada por minha mãe. Trata-se de um livro infantil, que ainda guardo, sobre os animais da fazenda; era meu companheiro na hora do almoço e do jantar. Comia olhando as

figuras do livro, apontava os bichos e tentava balbuciar seus nomes, manchando-o de sopa.

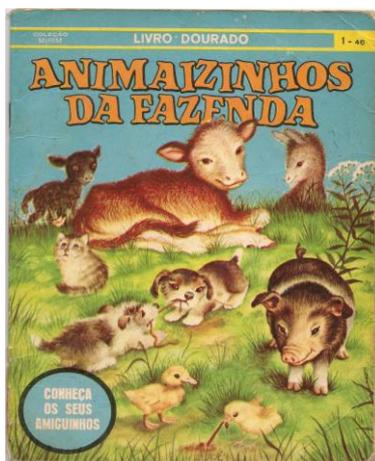


Figura 1 – capa do meu livro infantil “Animaizinhos da Fazenda”

Ao longo da infância (e desde muito cedo), vários livros me foram presenteados. Já, de antemão, as pessoas sabiam que eles eram um presente apreciado. Ainda não era alfabetizada e me sentia (ainda me sinto!) fascinada pelas imagens e ilustrações¹¹ que eles continham. Refletindo sobre isso, fico pensando que me desfiz de quase todos os outros objetos da infância, mas os livros permaneceram. Minha mãe contribuiu para isso. Ela dizia: “guarda os teus livros, porque um dia poderás dá-los para os teus filhos”. E, assim, eles foram ficando comigo, como relíquias do meu passado infantil.

Ainda são nítidas as lembranças de histórias contadas por ela, que era professora de manhã e à noite. À tarde ficava em casa e lia para mim. Eu pedia-lhe quase sempre a mesma história: Uma Fábula Chinesa.

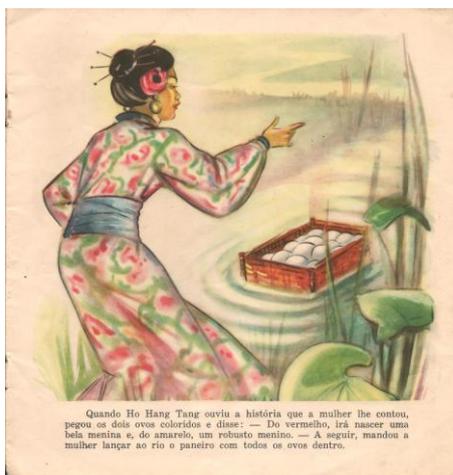


Figura 2 – interior do livro “Uma Fábula Chinesa” (não há a referência, pois o livro perdeu a capa)

¹¹ Por essa razão, desejei anexar a este texto algumas das imagens que tanto me fascinaram e fascinam.

Refletindo um pouco a esse respeito, Paiva (2008, p. 36) afirma que:

(...) a literatura infantil cumpre um papel fundamental no processo de escolarização da criança, o que, conseqüentemente, contribuiria de forma decisiva para a formação do futuro leitor; especialmente o leitor literário que poderá apreciar, a qualquer momento e ao longo de sua vida, a Literatura, com “L” maiúsculo, desfrutando, assim, da experiência estética proporcionada por essa manifestação artística.

Na escola, tudo era interessante. Adorava estudar, ler e escrever, tirar boas notas, ir à biblioteca – que tinha livros que eu não conhecia.

Heidi e Pollyana definitivamente eram as personagens em quem eu me inspirava pelo modo corajoso de se conduzir e em quem, num futuro muito próximo àquela época, eu me espelharia. Provavelmente, haja aí a presença ou a necessidade de uma **polarização** heroica, numa necessidade ascensional, como nos ensina Durand (2002).



Figura 3 – capa do livro infantil “Heidi”

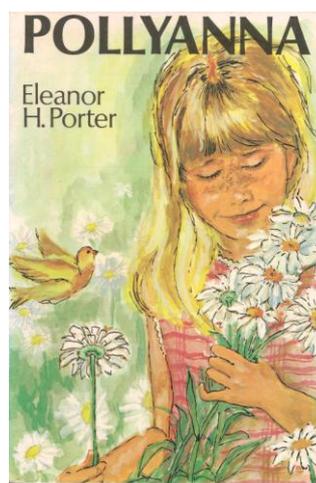


Figura 4 – capa do livro infanto-juvenil “Pollyana”

Então, nos livros, vivia no mundo que desejava.

Walty (1999, p. 52) afirma que “a leitura é uma das produções sociais onde o Imaginário tem espaço de circulação garantido. E é lá que, ao lado das regras, encontra-se a possibilidade de transgressão rumo à utopia”.

Com a chegada à adolescência, além das transformações de praxe e dos acontecimentos vivenciados, os livros se constituem nos grandes amigos socorristas na descoberta de que o mundo e os fatos da vida não são exatamente como gostaríamos.

Petit (2008) realiza uma reflexão interessante sobre a importância da leitura na adolescência:

Comprendemos que por meio da leitura, mesmo esporádica, (os jovens) podem

estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização. Compreendemos que ela os ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro. (p. 19)

A menina/mocinha refugia-se nos livros – seus e da Bibliotheca Pública Pelotense (Biblioteca das Moças, entre outros tantos). É marcante a leitura do romance de Gilda de Abreu (s/d), “Bonequinha de Seda”, que narra uma história em que a heroína carioca é uma espécie de 'Cinderela do Morro'.



Figura 5 – capa do romance “Bonequinha de Seda”

Aqui, faço um comentário relevante para mim. Por vezes, ao longo da vida, recordava-me do livro retirado na Biblioteca. Lembrava-me, inclusive, da ilustração da capa. Passados muitos anos, arrisquei uma busca no site Estante Virtual: havia uma edição disponível. Em poucos dias, o exemplar chegava até minha casa. Posso dizer que senti uma emoção ao abrir o pacote: lá estava ele, idêntico a como me lembrava – o mesmo papel, a mesma capa com a figura de uma moça vestida de rosa. A única diferença era o estado de conservação: meu exemplar está inteiro e bem cuidado, apesar das folhas amareladas pelo tempo; diferentemente daquele emprestado da Biblioteca, bastante manuseado, com a capa muito colada. Esses comentários – por entre realidade e ficção – expressam, na prática, o que sente alguém que ama os livros e a leitura. Da narrativa, quase já não me recordava; todavia, ao relê-la, veio-me à mente, com bastante clareza, a vida da menina leitora de outrora. Neste relato, presentifico uma das ‘chamas’ que alimentou meu Imaginário e me ajudou a iluminar o caminho.

Apesar dos conflitos interiores e do sentimento de inadequação, talvez próprios de muitos adolescentes, existia o anseio romântico, a curiosidade pela descoberta da vida. Na

busca pelo equilíbrio entre minhas “pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 2002, p.41) recorria aos livros 'água com açúcar', vendidos em bancas de jornais e de revistas, como “Júlia”, “Sabrina”, “Bianca”. Todos eles com a mesma estrutura narrativa: belos personagens; finais felizes, após alguns desencontros e percalços; mocinhas indefesas e desprotegidas que acabavam encontrando seus 'príncipes encantados'. Tudo regado a muito sonho, romance e aventura. Na época, um verdadeiro deleite para uma alma adolescente. Em verdade, a presença do Imaginário como potente equilibrador biopsicossocial, que ali estava operando sem mesmo eu saber.

Um pouco solitária, dedicava o tempo aos estudos e à leitura. Petit (2008) esclarece-nos a respeito do porquê de fazer da leitura um refúgio (e também por que escolhemos alguns textos, apesar de sua questionável qualidade literária):

Para a psicanálise, a leitura tem um parentesco com as atividades ditas de sublimação, que se desviam das pulsões sexuais para objetos socialmente valorizados: principalmente, segundo Freud, a atividade artística e a investigação intelectual. (p. 108)

O ingresso na universidade, no curso de Arquitetura da UFPEL, chega rapidamente. A solidão persiste, junto a outras dificuldades. Assim, mais romances. Jouve (2002) afirma que

Ao ler um romance, aceitamos esquecer por um tempo a realidade que nos cerca para nos ligarmos novamente com a vida da infância na qual histórias e lendas eram tão presentes. Ao acordar o eu Imaginário, normalmente adormecido no adulto acordado, a leitura nos leva de volta ao passado. (p. 114-115)

Muitas leituras de histórias de amor. Os autores preferidos são aqueles de *best sellers*: Sidney Sheldon, Danielle Steel, Janet Dailey; “romances cujas estruturas narrativas são extremamente reduzidas. A leitura deles é, portanto, o encontro entre uma oferta e uma demanda”. (GOULEMOT, 1996, p. 113)

Quase no final da graduação, o sentimento era de insatisfação e de não pertencimento àquele grupo. Ansiando por outra experiência acadêmica, resolvi fazer um novo vestibular: finalmente, chegava ao Curso de Licenciatura Plena em Letras Português/Inglês (UCPel). Felicidade e êxito deram-me a impressão de que o tempo corria, pois parecia estar no 'Reino dos Livros', um lugar ideal.

Logo após o término do curso, o inesperado convite para fazer parte do corpo docente daquele curso; ser professora universitária era uma realização.

Creio que aqui cabe o esclarecimento de que a escolha pelo magistério foi (e é) uma

opção que fiz levada pelo entusiasmo e da qual não me arrependo.

Vivenciando a maternidade, foi preciso buscar inspiração e coragem nas minhas tantas heroínas literárias. O tempo torna-se escasso. As leituras ficam para depois. Tudo é muito rápido, sou agora muito requisitada. “Melancia”, da autora irlandesa Marian Keyes, é um romance sobre a sobrevivência e a arte de se manter o bom humor mesmo diante das circunstâncias adversas. Esse livro, uma emblemática vivência de leitura, causa repercussão em mim, uma identificação, devido à trama muito similar à experiência que estava vivendo. É preciso “remendar a tristeza¹²” com histórias. Os textos rápidos e ágeis das crônicas de Martha Medeiros ajudam-me no cotidiano.

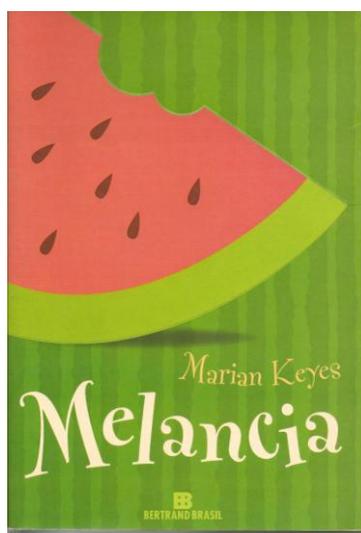


Figura 6 – capa do romance “Melancia”

Contudo, o tempo passa, a vida se modifica, as dores se amainam, os bebês crescem e novos caminhos se descortinam. É nessa fase que se inicia meu retorno aos estudos.

Voltando a falar em livros, é impossível não mencionar aqui outras leituras e livros para mim muito caros: aqueles de amigos escritores, presenteados e autografados com carinho; algo inesquecível, de valor inestimável.

E, também, os livros herdados de pessoas que já se foram, que, na sua materialidade, guardam um pouco de mim (do que fui e já não sou mais, mas ainda um tanto de minha essência) e um pouco deles – os avós, nos meus livros de infância e os amigos, que, naquelas páginas, ainda vivem.

Acredito que esses ‘objetos de desejo’ sejam tão importantes para mim pelo forte **valor simbólico** que carregam consigo, ou seja, pelo quanto eles equilibram minhas faltas e

¹² A expressão “remendar a tristeza” com histórias é de Petit (2009, p. 124).

me fazem suportar as adversidades da vida. Lá, simbolicamente, está presente o meu mundo perfeito, idealizado na infância, na adolescência e ainda hoje. Quando leio, posso ser quem eu quiser, não há limites para a minha imaginação.

Durand (1993, p.12) menciona que “o símbolo é, pois, uma representação que faz aparecer um sentido secreto, é a epifania de um mistério”. Ressalta ainda que

Todo o simbolismo é, pois, uma espécie de gnose, isto é, um processo de mediação por meio de um conhecimento concreto e experimental. Como uma determinada gnose, o símbolo é um “conhecimento beatificante”, um “conhecimento salvador” que, previamente, não tem necessidade de um intermediário social (...). (p. 31)

Peres (1999) dialoga com Durand, ao referir que

símbolo e imaginário são ferramentas que distinguem o homem do animal, através da sua capacidade de orientar-se em termos simbólicos. Traço distintivo da vida humana que faz com que possamos viver *em outra dimensão da realidade, utilizando, na sua adaptação ao mundo exterior, um sistema “efetor”¹³* de uma qualidade que não se acha entre os animais. (p. 37-38)

No meu encontro com os estudos do Imaginário, construí a convicção de que as minhas leituras foram, são e serão, durante o meu trajeto formador, o meu equilibrador; como diria Durand, minha “bacia semântica”, meu “lago existencial” próprio.

Machado da Silva (2004, p. 22) ressalta que “o Imaginário é aquela força afetiva, não racional, intimista, que vai se acumulando em nós, mesmo que nós não o saibamos, sendo vetor de nossas ações e é completamente arraigado em nós”.

Dessa forma, é, também, por intermédio dos livros, que consigo um caminho para me relacionar comigo mesma e, conseqüentemente, com as outras pessoas. Na leitura, estão presentes o devaneio, o sonho, a fantasia, a busca pelo (auto)conhecimento, as respostas para algumas questões da vida.

No movimento de ser, os livros são sempre um belo presente: o amigo, o fiel companheiro, o confidente, o conselheiro.

Chartier (1996, p. 90) afirma que o livro se torna “companheiro de aflição (...) [pois] ele introduz no claustro carcerário a memória do mundo exterior e fortalece a alma na sorte contrária e injusta”.

Chegando até aqui, o leitor ou a leitora talvez esteja se perguntando o que tudo isso que foi escrito tem a ver com as cartas dos leitores professores a mim endereçadas e que contêm em si fragmentos de memórias de vida-leitura dessas pessoas. Ou ainda: por que

13 CASSIRER, Ernest. *Ensaio sobre o Homem*, 1994, p. 47.

escolhi as narrativas de professores e professoras como sujeitos de pesquisa?

Começo respondendo pelo final. Na busca de entender um pouco o que acontece com a leitura e sua relação na vida das pessoas e nos seus processos de formação, acredito que exista uma afinidade pessoal e profissional entre meus pares e eu, assim como as aflições e as alegrias compartilhadas, tanto na leitura, quanto na docência. Ou ainda: a busca de conhecer um pouco sobre como a leitura é formadora, em todos os sentidos.

Respondendo à questão referente ao porquê de me contar, digo que nasceu em mim a necessidade de (re)visitar o passado e escrever sobre o que guardo na memória, ou melhor, (re)conhecer meu trajeto formador como pessoa-leitora-professora, para então (re)conhecer os trajetos alheios. Esse processo aconteceu concomitantemente ao longo do Curso de Doutorado em Educação, além, é claro, de ser uma prática costumeira no grupo de pesquisa do qual faço parte.

Ao finalizar esse fragmento da minha narrativa pessoal, cito as palavras de Chiené (2010, p. 132) quando refere que com a produção de uma escrita constrói-se a experiência de formação. “O texto pode servir de charneira entre a irracionalidade do vivido e a racionalidade do sentido da experiência” (p. 133). Contudo, a narrativa de formação é a narrativa de um **fragmento** de vida; por mais que se conte a experiência, essa nunca cabe por inteiro na narrativa (p. 136). No entanto, o interessante é que cada um se encontra, numa certa medida, na leitura dos outros (p. 137).

No afã de estudar o Imaginário e os processos (auto)formativos, faço referência às ideias de Nóvoa (2010) de que a biografia é, simultaneamente, um meio de investigação e um instrumento pedagógico: é essa dupla função que justifica a sua utilização no domínio das ciências da Educação e da formação. Assim, a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida.

Nóvoa e Finger (2010, p. 7) analisam “as narrativas de vida como fenômeno discursivo antropológico e suas potencialidades como método de pesquisa, prática social de formação e de intervenção educativa”.

A abordagem (auto)biográfica reforça o princípio segundo o qual é sempre a própria pessoa que se forma e forma-se à medida que elabora uma compreensão sobre o seu percurso de vida: a implicação do sujeito no seu próprio processo de formação torna-se assim inevitável. Deve ser entendida como uma tentativa de encontrar uma estratégia que permita ao indivíduo-sujeito tornar-se ator do seu processo de formação, por meio da apropriação retrospectiva do seu trajeto. Através da (auto)biografia educativa, o processo de formação é

estimulado, sendo encarado como um objeto de investigação, o que cria as condições para uma tomada de consciência individual e coletiva.

Em resumo, a compreensão da experiência de formação é a compreensão do eu. A pessoa molda no tempo e no espaço da escrita a sua relação com as vivências de formação; confrontado com essa escrita, descobre em seguida o que ela diz e o que ela não diz, e encontra no percurso do texto os momentos de verdade que têm um sentido – forma-se, aí, o sujeito do discurso. (op. cit., p. 138-139)

Então, do que venho estudando, me permito afirmar que as teorias traduzem a ideia de que é possível construir, com o devido e necessário rigor, uma metodologia de pesquisa relacionada às histórias de vida e às (auto)biografias educativas. Os anseios de pesquisar esse campo (e a inevitável necessidade de construção de um método), que antes talvez se configurassem num caminho frágil e um pouco nebuloso para um pesquisador, ganham força e vigor teóricos necessários para seguir em frente.

Assim, finalizo o fragmento da história de uma leitora... Uma história que se constrói a cada dia, porque ler é viver, é sonhar, é refletir sobre a vida e o mundo, é ser mais feliz.

Dando continuidade ao texto, passo, agora, às reflexões teóricas acerca dos estudos que fundaram esta tese e que versam sobre três questões fundamentais:

- (1) a (auto)biografia educativa como trajeto de formação relacionado à leitura;
- (2) os estudos do Imaginário auxiliando-me nas questões referentes ao valor simbólico da leitura na formação das pessoas (**núcleos simbólicos** que cada indivíduo atribui ao seu processo como leitor/leitora);
- (3) a leitura de livros analisada sob o ponto de vista de uma antropologia da leitura.

Formar-se não é instruir-se; é antes de mais, refletir, pensar numa experiência vivida [...]
Formar-se é aprender a construir uma distância face à sua própria experiência de vida, é aprender a contá-la através de palavras, é ser capaz de a conceptualizar. Formar é aprender a destrinchar, dentro de nós, o que diz respeito ao Imaginário e o que diz respeito ao real, o que é da ordem do vivido e o que é da ordem do concebido (ou a conceber), o que é do domínio do pretendido, isto é, do projeto, etc.

Rémy Hess, 1985

2 – (Auto)Biografia Educativa como Trajeto de Formação relacionado à Leitura

A escrita deste texto encaminhou-se, até aqui, numa direção (auto)biográfica, com o objetivo de capturar as memórias de vida-leitura de leitores professores. Sendo assim, na sequência, ao dirigir as reflexões acerca dos estudos fundantes para esta tese, baseio-me teoricamente em autores como Nóvoa (2010)¹⁴ (como um dos precursores da metodologia de trabalho quando se deseja investigar histórias de vida), Finger (2010) (na formação crítica da pessoa), Dominicé (2010) (na importância do contexto familiar na formação do indivíduo), Josso (2004) (com suas buscas existenciais) e Chiené (2010) (na narrativa como instrumento de formação), já que seus estudos preconizam as questões aqui abordadas sobre essa temática. Os autores acima referidos contribuem para o necessário rigor e oferecem o sustentáculo teórico para as referências aos processos (auto)biográficos como fundantes do trajeto formador de cada pessoa. Em outras palavras, esses processos têm ressonância com os estudos preconizados pela Antropologia do Imaginário. Então, é necessária certa robustez teórica para pesquisar sobre esse campo e para construir um método para esse tipo de abordagem.

O trabalho de um educador é, na essência, com o humano; por isso, existe a necessidade cotidiana de reinventar-se, reconstruir-se e reabastecer-se de novas propostas e energias. O que um(a) professor(a) busca constantemente? Além de tentar compreender o que sentem, pensam e desejam os alunos, persegue a permanente renovação dos recursos didáticos e de novas formas de transmitir conhecimentos, tentando sempre trazer o novo, o valioso, o estimulante, pois o humano que vive nas pessoas precisa de retroalimentação. Daí o porquê da busca de felicidade e da alegria de viver nas coisas que se vive. Josso (2004) refere que a busca de uma sabedoria de vida consiste em tentar a integração de quatro buscas: busca da felicidade, busca de si e de nós, busca de conhecimento ou do “real” e busca de sentido.

É preciso refletir para mudar, esquecer para ser capaz de seguir em frente, abrir-se para outras possibilidades de nós mesmos.

¹⁴ Saliento que António Nóvoa (2010) começou este processo pensando na (auto)formação; cito-o aqui como um dos autores precursores deste estudo, através do projeto PROSALUS, em Portugal, embora não seja o foco deste trabalho. Minha ênfase é a (auto)biografia através das memórias de vida-leitura.

A essa re-invenção/re-construção podemos dar o nome de processo (auto)formativo.

Para melhor compreender o foco deste estudo é preciso que, de imediato, seja compreendido que ele trata ao mesmo tempo do individual e do coletivo, simultaneamente do intelectual e do afetivo. Portanto, as narrativas de vida auxiliam-nos como instrumento discursivo antropológico, pelas suas potencialidades como método de pesquisa, prática social de formação e de intervenção educativa. (NÓVOA & FINGER, 2020, p. 7)

Os autores referências das (auto)biografias educativas refletem a respeito dos percursos de vida, questionando os modos de viver contemporâneos. Segundo eles:

De que modo os percursos de vida contemporâneos, caracterizados pela pluralidade das experiências educativas, sociais e profissionais, singularizam-se nas histórias individuais? A pesquisa (auto)biográfica analisa as modalidades segundo as quais os indivíduos e, por extensão, os grupos sociais trabalham e incorporam biograficamente os acontecimentos e as experiências de aprendizagem ao longo da vida.

As fontes (auto)biográficas, constituídas por histórias de vida, relatos orais, fotos, diários, autobiografias, biografias, cartas, memoriais, entrevistas, escritas escolares e videográficas, configuram-se como objeto de investigação transversal nas Ciências Sociais e Humanas. Em Educação, a pesquisa (auto)biográfica amplia e produz conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos. (2010, p. 5)

A (auto)biografia educativa é, simultaneamente, um meio de investigação e um instrumento pedagógico: é essa dupla função que justifica a sua utilização no domínio das ciências da Educação e da formação. Assim, a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida.

O objetivo teórico da investigação ou a busca de uma teoria da formação tornam-se, então, indissociáveis de um aprofundamento da análise que cada um pode fazer sobre a sua formação.

Dominicé (2010) ressalta a importância do contexto familiar como o lugar que marca todo o processo de autonomização, mostrando o papel desempenhado por um professor ou por outro interlocutor em ‘momentos-encruzilhada’ da vida, indicando que a formação se modela por meio de uma socialização inseparável das aquisições escolares ou dos efeitos da formação contínua.

Demonstra ainda a importância do universo das relações familiares como contexto de formação. Refere que aquilo que o adulto diz da sua história não é idêntico em todos os momentos da sua vida, nem em todos os contextos nos quais se exprime. Entretanto, o essencial da formação reside no processo.

O autor concede um valor importante à família, assim como fazem outros autores das (auto)biografias educativas, indicando que a história de vida é construída num campo relacional e que a formação está em grande parte ligada às soluções adotadas no percurso da vida, para a solução de conflitos ou de tensões relacionais que se conectam às dificuldades de conduzir a própria vida; uma distância adequada daqueles que estão mais próximos deve ser encontrada. Na perspectiva do autor, não é o acontecimento em si que interessa, mas sim a importância que o sujeito lhe atribui na regulação do seu percurso de vida.

Para Dominicé (2010),

Na família de origem, na escola, no seio dos grupos profissionais, as relações marcantes, que ficam na memória, são dominadas por uma bipolaridade de rejeição e de adesão. A formação passa pelas contrariedades que foi preciso ultrapassar, pelas aberturas oferecidas. (p. 94)

As palavras de Sartre (1940, s/p) reforçam a reflexão do autor referido acima quando afirma que “o homem caracteriza-se, sobretudo, pela capacidade de ultrapassar as situações, pelo que consegue fazer com o que os outros fizeram dele”.

Ao fazer a leitura das cartas, é possível observar a importância atribuída à família, as soluções encontradas (ou não) para determinados conflitos, como também o modo que cada pessoa encontra para se narrar, muitas vezes dando relevância para uma fase específica de sua vida. O retorno à infância, por exemplo, é, algumas vezes, recorrente.

Voltando-se para uma formação crítica da pessoa, Finger (2010, p. 125) faz referência ao “método biográfico”, o qual deve valorizar uma compreensão que se desenrola no interior de cada um, especialmente em relação a vivências e a experiências que tiveram lugar no decurso da sua história de vida.

Este método (também inspirado em Josso, 2004) organiza-se ao redor dos grupos de formação, por meio da pesquisa formadora, voltada para um saber crítico, reflexivo, histórico, através de processos de tomada de consciência, já que é por intermédio deles que a pessoa atribui um sentido às suas próprias vivências e experiências. Esse saber elabora-se pela pessoa, por meio de processos de tomada de consciência (os quais não são exclusivamente racionais). Faço essa necessária referência aos grupos de formação, entretanto, em minha abordagem metodológica explico o porquê de não utilizar exatamente este tipo de abordagem.

Chiené (2010), ao analisar a narrativa como instrumento de formação, refere que a Educação tem uma relação com o saber que permite à pessoa recriar o seu saber e ultrapassá-lo. Esse saber deve adquirir um sentido que seja mais claro para a consciência para que a pessoa adquira um poder sobre ele. Honoré (1977) reforça esse ponto de vista ao afirmar que

a relação com o saber se torna mais importante do que o próprio saber.

Dessa maneira, com a produção de uma escrita constrói-se a experiência de formação; contudo, a narrativa de formação é a narrativa de um fragmento de vida, pois “por mais que se conte a experiência, essa nunca cabe por inteiro na narrativa”. (op. cit, p. 136) A autora ressalta ainda que “cada um se encontra, numa certa medida, na leitura dos outros” (p. 137), mencionando que

O formando molda no tempo e no espaço da escrita a sua relação com as vivências de formação; confrontado com essa escrita, descobre em seguida o que ela diz e o que ela não diz, e encontra no percurso do texto os momentos de verdade que têm um sentido. (2010, p. 138-139)

A compreensão da experiência de formação é a compreensão do eu; forma-se, aí, o sujeito do discurso. Essas afirmativas transparecem quando realizamos a leitura das cartas sobre memórias de vida-leitura.

Então, “a narrativa (auto)biográfica instala uma hermenêutica da “história de vida”, isto é, um sistema de interpretação e de construção que situa, une e faz significar os acontecimentos da vida como elementos organizados no interior de um todo” (Delory-Momberger, 2008, p. 56). Assim, a dimensão hermenêutica da narrativa (auto)biográfica provoca aquele ou aquela que está em formação a confrontar-se com a sua própria narrativa. Realizar uma reconstrução do sentido do texto poderá servir como instrumento mediador na compreensão da sua experiência de formação. Ao se aliarem semiótica e hermenêutica na interseção da relação de produção e da relação de interpretação com o texto, aquele indivíduo que está em formação pode encontrar um lugar para estruturar a sua experiência e compreender o que é e o que não é. Em suma, a construção da narrativa leva à compreensão do percurso de formação.

Ao realizar meu primeiro movimento de pesquisa, percebi, com clareza, o quanto há força na afirmativa acima, pois à medida que eu própria me narrava, percebia que a percepção dos fatos ia sendo transformada. O mesmo ocorria com as alunas da pesquisa¹⁵, que realizavam seus relatos (algumas vezes emocionados) e referiam para o grupo as transformações causadas em suas percepções. Mais adiante, ao realizar a leitura das cartas dos professores (sujeitos desta pesquisa), verifiquei, novamente, a força e a percepção de si que existem nas narrativas que a mim foram enviadas.

Ao investigar as histórias de vida e a procura de uma nova epistemologia da formação, Nóvoa (2010) faz referência à obra de Pineau (*Vidas das histórias de vida*, 1980), como um

¹⁵ Refiro-me ao primeiro ensaio realizado por mim para esta pesquisa junto às alunas do Curso de Pedagogia.

livro que marca o início da utilização sistemática do método (auto)biográfico no âmbito da formação de adultos.

Percorrendo diversos autores, Gaston Pineau refere-se às formas literárias, às abordagens psicológicas e às utilizações sociológicas e antropológicas das histórias de vida, concluindo que o impacto social das autobiografias está intimamente ligado ao seu paradoxo epistemológico fundamental: *a união do mais pessoal com o mais universal*¹⁶. Situando-se numa ótica sociológica, Gaston Pineau considera as histórias de vida como um método de investigação-ação, que procura estimular a (auto)formação, na medida em que o esforço pessoal de explicitação de uma dada trajetória de vida obriga a uma grande implicação e contribui para uma tomada de consciência individual e coletiva. A biografia é, simultaneamente, um meio de investigação e um instrumento pedagógico: é essa dupla função que justifica a sua utilização no domínio das ciências da educação e da formação. (NÓVOA, 2010, p. 167)

Portanto, a abordagem (auto)biográfica fortalece o princípio segundo o qual é sempre a própria pessoa que se forma e forma-se à medida que elabora uma compreensão sobre o seu percurso de vida – assim, torna-se inevitável a implicação do sujeito no seu próprio processo de formação. Esse tipo de abordagem deve ser entendido como “uma tentativa de encontrar uma estratégia que permita ao indivíduo-sujeito tornar-se ator do seu processo de formação, por meio da apropriação retrospectiva do seu percurso de vida”. (NÓVOA, 2010, p. 168)

Através da (auto)biografia educativa, o processo de formação é estimulado, sendo encarado como um objeto de investigação, o que cria as condições para uma tomada de consciência individual e coletiva.

O autor (2010, p. 181) também ressalta três ideias importantes (que transparecem na leitura das cartas):

1ª) A narrativa (auto)biográfica não se elabora numa perspectiva cronológica-vivencial, mas através da reconstrução retrospectiva de um dado percurso de vida, com base na articulação entre os diversos momentos-ruptura.

2ª) A narrativa (auto)biográfica organiza-se a partir de um determinado eixo de investigação, que impede a “derrapagem” num sentido intimista e assegura um desenvolvimento de uma reflexão teórica e epistemológica sobre a formação (a essa questão é preciso referir que o tom um tanto quanto confessional algumas vezes aparece nos relatos e com relação a isso se deve ter cuidado).

3ª) Nunca se deve esquecer de que o objetivo final da abordagem (auto)biográfica é a construção de uma teoria da formação dos adultos, ainda que para lá chegar seja necessário passar pela narrativa de vida, num primeiro momento, e pela tentativa de esboçar uma teoria

¹⁶ PINEAU, Gaston. **Vies des histoires de vie**. Montreal: Universidade de Montreal, 1980, p. 50.

da sua própria formação, num segundo momento (no caso de minha pesquisa, a formação fica subsumida, já que o relevante são as memórias de vida relacionadas ao trajeto de leitura dos/das professores/as).

As três ideias do autor auxiliam a situar o objeto de investigação e a estratégia de formação com clareza, “desativando” certas reações críticas à abordagem biográfica.

Ao se referir sobre as histórias de vida, Dominicé (2010) postula que as questões que cada um procura resolver pertencem à sua história; porém, as semelhanças biográficas existem.

No decurso do processo de formação – o qual é atravessado por múltiplos processos relacionais – a (auto)biografia educativa é um instrumento de formação para quem participa do processo e um instrumento de investigação para os pesquisadores. A compreensão que os investigados têm do seu processo de formação contribui para o saber do investigador. Assim, a articulação entre investigação e formação adquire um novo significado.

A abordagem (auto)biográfica acaba se constituindo em “um lugar de confrontação de verdades construídas no decurso da existência, como um espaço onde se entrecrocaram reflexões sobre a formação, provenientes de diferentes percursos de vida”. (DOMINICÉ, 2010, p. 208)

O autor ressalta ainda que

Não há nenhuma maneira ideal de se conduzir a abordagem (auto)biográfica em educação. A construção de (auto)biografias educativas confronta-se com limites, tanto na sua elaboração, como nos resultados aos quais conduz. Por ser um processo, a formação não se dá a conhecer de uma só vez nem num lugar preciso. (p. 213)

Quando faz referência às narrativas, menciona que cada uma é o reflexo da maneira como o caminho percorrido foi compreendido, a formação definida e o processo interpretado. Dessa forma, a variedade de elaboração (auto)biográfica serve como uma garantia do seu efeito formador – algo por mim percebido nos momentos de leitura e de análise das cartas da pesquisa e traduzido por meio das diversas manifestações de contentamento expressas pelos sujeitos ao lerem, posteriormente, as análises de suas cartas.

Acredito na relevância dos comentários de Dominicé, pois são ideias que, na maioria das vezes, acabam transparecendo nas narrativas pessoais, como é possível observar na leitura das cartas: a dimensão afetiva acompanha todos os tempos fortes da existência; a organização social marca a cronologia da existência; os momentos considerados ‘charneira’ são momentos de regulação; não existem processos que não sejam simultaneamente intelectuais e afetivos. Inspirada em Josso (2004, p. 64), “momentos ou acontecimentos ‘charneira’ são aqueles que

representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas” (...) Acontecimentos que separam, dividem, articulam as etapas da vida”.

Nóvoa e Finger (2010) fortalecem a compreensão dessas práticas ao referirem que:

A prática da escrita de si é aqui apresentada como uma nova epistemologia da formação, ela se adéqua melhor à ideia de que já não se trata de promover a aquisição de conhecimentos duradouros, definitivos, mas de ajudar o adulto a desenvolver uma reflexividade crítica face a saberes em evolução permanente. Para tanto, busca-se uma teoria da formação. (p. 11)

Como já tenho referido (e amparada pelos teóricos estudados), em nossa vida pessoal e também acadêmica e profissional (sem nunca dissociá-las), é pouco provável prescindir da subjetividade e da constante reflexão, sob pena de nos tornarmos seres descrentes da possibilidade de um mundo melhor e mais humano para todas as pessoas.

As ações-reflexões-ações que julgo pertinentes e necessárias encaminham para as palavras de Josso (2004) quando refere que aquele que ‘ensina’ é alguém que conduz alguém até si mesmo e reforça essa ideia, tornando-a um pouco mais abrangente, quando afirma que é preciso caminhar para si para ser capaz de caminhar com e para o outro.

A autora nos ensina que:

A busca de uma sabedoria de vida consiste, pois, em tentar a integração das quatro buscas¹⁷, subordinando-as a uma presença empática consigo e com o mundo, e a uma presença consciente da complexidade das causas e das condições que fundamentam uma arte de viver, associada a um sentimento de integridade, de autenticidade que permitem sentir a vida como um desafio que tem valor, em outras palavras, uma vida que vale a pena ser vivida. (p. 103-104)

Finalmente, o papel do formador neste processo é fundamental, porque caminhar para si não significa caminhar sozinho, mas olhar seu percurso, apropriar-se dele e projetar o futuro para, então, consciente de si ajudar o outro.

Ao realizar a pesquisa para esta tese, pude perceber, com maior clareza, os entrecruzamentos existentes entre teoria e prática; melhor dizendo, foi possível vislumbrar – através da leitura e da análise das cartas, ainda que no seu microcosmo – como acontece o processo de (auto)biografização e o quanto ele pode ser enriquecedor, no sentido de ser formativo, tanto para pesquisadores, quanto para pesquisados.

Na sequência desta escrita, direciono as reflexões teóricas para os estudos da Antropologia do Imaginário na abordagem sobre o valor simbólico da leitura.

¹⁷ As buscas orientadoras dos itinerários e das escolhas de vida: a busca de felicidade, a busca de si e de nós, a busca de conhecimento ou busca do “real” e a busca de sentido. (JOSSO, 2004, p. 88)

Assim como existe na escrita uma verdade literal e uma verdade poética, também no ser humano existe uma anatomia literal e uma anatomia poética. Uma delas você pode ver; a outra, não. Uma é feita de ossos, dentes e carne; a outra é feita de energia, memória e fé. Mas ambas são igualmente verdadeiras.

Elizabeth Gilbert, 2006

A nossa alma, por mais que esteja envolvida nas coisas deste mundo, nunca deixa de estar do outro lado das coisas.

Mario Quintana, s/d

3 – Antropologia do Imaginário na abordagem sobre o valor simbólico da Leitura

Ao refletir sobre questões relacionadas ao Imaginário, uma pergunta parece ficar pairando no ar: Qual o diferencial entre espécie humana e os demais seres que habitam o Planeta Terra? De imediato, os linguistas responderiam, sem titubear, que o principal caráter distintivo entre Humanidade e 'animais' é – e sempre será – a capacidade de articular linguagem. Remeto-me a esse lugar devido à minha formação inicial. Contudo, no momento em que vão sendo aprofundados os estudos sobre Imaginário, aflora outra questão que vai além da linguagem. A capacidade de imaginar é inerente às pessoas, ou seja, não se pode viver sem imaginar. O poeta William Blake¹⁸ diria: “A imaginação não é um estado, é a própria existência humana.”

Durand¹⁹ – no campo da Antropologia – atribui enorme importância ao Imaginário para o psiquismo humano. No entanto, existe no pensamento ocidental uma bipartição entre mente e corpo, entre psique e matéria; racionalidade *versus* subjetividade. Todavia, é necessário compreender a 'realidade' em toda a sua complexidade e interconexões.

Estudando os pensadores do Imaginário e reconhecendo-o como um grande tecido conjuntivo (DURAND, 2002) que une as partes do todo, talvez seja possível tecer a rede que envolva os pedaços, na construção/ligação de um todo harmônico.

O enfoque proposto pelo autor, para o estudo do Imaginário, vem sendo utilizado em estudos no campo da estética, da crítica literária e, mais recentemente, na área da Educação, já que, para o estudioso, o ser humano é dotado de uma significativa faculdade simbolizadora em sua vida social e cultural.

A fim de que possamos interpretar os símbolos e as imagens que se configuram nas

¹⁸ http://pensador.uol.com.br/autor/william_blake/

¹⁹ Na Escola de Grenoble, podemos encontrar as formulações para uma Antropologia do Imaginário, cujo mais significativo representante é Gilbert Durand, autor de livros como *A Imaginação Simbólica* (1982); *Mito, símbolo e mitologia* (1982); *Mito e sociedade: a mitanálise e a sociologia das profundezas* (1983) e a obra hoje considerada clássica: *As Estruturas Antropológicas do Imaginário* (2002). Importa salientar que a proposta do autor é uma relevante contribuição para o estudo do Imaginário na segunda metade do século XX, além de denotar uma reação à desvalorização ontológica da imagem e do Imaginário no Ocidente.

profundezas do inconsciente coletivo²⁰, ele propôs uma classificação taxionômica abrangente das imagens do sistema antropológico, organizando uma espécie de “atlas” arquetipológico da imaginação humana.

Os fundamentos da produção do Imaginário vão ser entendidos a partir da emergência existencial de uma angústia original (de driblar as faces do tempo); qual seja: **a consciência da finitude humana e da passagem do tempo**, pois para Durand a capacidade do *sapiens* para imaginar está diretamente relacionada a essa ‘temporalidade’.

Na visão de Cassirer (1994), o símbolo é o *elo funcional* que liga e une todas as diversas formas culturais. Para ele, o Homem, como o conhecemos, não mais vive num universo meramente físico de fatos concretos, mas no meio de suas emoções imaginárias, em suas ilusões, fantasias e sonhos. Homens e mulheres, de tal modo se cercaram de formas linguísticas, imagens artísticas, símbolos míticos ou ritos religiosos que não podem ver ou conhecer algo, exceto através da interposição do símbolo. Por isso, para o autor, o ser humano tornou-se um *animal symbolicum* e os pensamentos humanos estão imersos num *universo simbólico*, apontando para a presença decisiva do sentido. Nessa direção, Peres (1999) problematiza “as re-apresentações da consciência humana, quando refere que nada mais se apresenta: tudo é re-apresentado”. (p. 27)

Movido pela consciência de finitude, o *sapiens* necessita do dinamismo da eufemização²¹ para enfrentar estes processos, já que são necessários para sua relativa equilíbrio psicológica.

Então, é nesse contexto que os **regimes de imagens** e suas configurações simbólicas e imagéticas apresentam um papel importante de mediação, pois se manifestam no psiquismo humano e interferem tanto na percepção imediata quanto na capacidade de racionalização.

Na tensão estabelecida entre mundo e sujeito aparece a produção de mitos e símbolos como forma de explicitação do mundo e como forma de ‘mediar’ essa relação, ou seja, o fenômeno denominado – no pensamento de Durand – de ‘equilíbrio antropológico’ – a imaginação.

Desse modo, o estudo do Imaginário irá revelar, engendrar e interpretar as formas de

²⁰ Jung (1991, p. 448) concebe noção de “inconsciente coletivo” como uma espécie de depósito onde se situa a herança e as possibilidades psíquicas da humanidade. Conforme Araújo (2009, p. 92), ele concebe a existência de um nível mais antigo, comum a todos os seres humanos, o que significa, portanto, que este tipo de inconsciente, ao contrário do pessoal, contém a herança espiritual da evolução humana que, por sua vez, emerge, como realidade psíquica objetiva, na estrutura cerebral de cada indivíduo.

²¹ EUFEMISMO – é a substituição de palavra ou expressão considerada cruel, imoral, obscena, ofensiva, por outra de sentido mais agradável ou menos chocante, que atenua ou suaviza aquelas ideias. *Ela entregou a alma a Deus.* (Ela morreu.)

atuar e de compreender do ser no mundo. Ou ainda, o Imaginário será o principal instaurador das diferentes formas de pensar, sentir e agir. Em resumo, uma espécie de ‘canal’ das relações da pessoa com o mundo e consigo mesma.

Assim, na visão do autor, é na troca incessante que existe entre as pulsões subjetivas (biológicas e psíquicas) e as intimações objetivas (cósmicas, sociais e culturais) que se processa – por meio de esquemas culturais – o que o autor chama de “trajeto antropológico”. Explicitando um pouco mais: seria o dinamismo equilibrador que possibilitaria ao humano enfrentar ou mesmo eufemizar a angústia relacionada à consciência do tempo que se esvai e da morte que se aproxima. Seria, no dizer de Ferreira Santos (1998, p. 59), a “aventura de dominar as areias da ampulheta e a inevitabilidade da ‘velha da foice’”. (sic)

A premissa de Durand é a de que, a Imaginação, como função simbólica, vai expressar-se a partir de três reflexos dominantes: o postural, o digestivo e o copulativo. Reflexos responsáveis pela manifestação da energia biológica e psíquica, os quais, por sua vez, engendram três estruturas do Imaginário: a heróica, a mística e a dramática.

Para ele (op. cit.)

(...) o primeiro gesto, a dominante postural, exige matérias luminosas, visuais e as técnicas de separação, de purificação, de que as armas, as flechas, os gládios são símbolos freqüentes. O segundo gesto, ligado à descida digestiva, implica as matérias da profundidade; a água ou a terra cavernosa suscita os utensílios continentais, as taças e os cofres, e faz tender para os devaneios técnicos da bebida ou do alimento. Enfim, os gestos rítmicos, de que a sexualidade é o modelo natural acabado, projetam-se nos ritmos sazonais e no seu cortejo astral, anexando todos os substitutos técnicos do ciclo: a roda e a roda de fiar, a vasilha onde se bate a manteiga e o isqueiro, e, por fim, sobredeterminam toda a fricção tecnológica pela rítmica sexual. (p. 54-55)

Essa tripartição, definida por Durand (ibidem), será reunida numa bipartição: os dois regimes do simbolismo aos quais denominou de Regime Diurno e Regime Noturno.

A relação entre os regimes de imagens e as dominantes reflexas torna-se mais evidente no parágrafo escrito pelo autor:

O Regime Diurno tem a ver com a dominante postural, a tecnologia das armas, a sociologia do soberano mago e guerreiro, os rituais da elevação e da purificação; o Regime Noturno subdivide-se nas dominantes digestiva e cíclica, a primeira subsumindo as técnicas do continente e do hábitat, os valores alimentares e digestivos, a sociologia matriarcal e alimentadora, a segunda agrupando as técnicas do ciclo, do calendário agrícola e da indústria têxtil, os símbolos naturais ou artificiais do retorno, os mitos e os dramas astrobiológicos. (2002, p. 58)

Entretanto, como acontece a passagem dos gestos inconscientes da sensório-motricidade (as dominantes reflexas) para o domínio das representações? Na mesma obra, fundamentando-se em Sartre (entre outros autores), refere que esse processo é função do *schème*, ou seja, “a generalização dinâmica e afetiva da imagem” (2002, p. 60). Piaget havia-o denominado de “símbolo funcional” e Bachelard de “símbolo motor”. O *schème* seria a “factividade e a não-substantividade geral do imaginário (...) que forma o esqueleto dinâmico, o esboço funcional da imaginação”. (2002, p. 60)

Em contato com a empiria desta tese, primeiramente, pude verificar, em cada uma das cartas, o **núcleo simbólico** presente em cada uma delas. Num segundo momento, verifiquei similitudes entre os **núcleos simbólicos**, podendo agrupá-los em três diferentes **mitemas** devido a essas redundâncias para, finalmente, perceber a presença de traços referentes às dominantes (já referidas) e aos Regimes de imagens.

Então, o *schème* é o “presentificador” dos gestos e das pulsões inconscientes.

A noção de *schème* ajuda-nos a compreender a noção durandiana de ‘arquétipo’, porque é por meio deles, em contato com o ambiente natural e social, que os arquétipos se constituirão.

Nas palavras do autor, as ideias são uma espécie de comprometimento pragmático de um arquétipo imaginário em um dado contexto histórico e epistemológico. Assim, as ideias não possuiriam primazia sobre as imagens como defendem as ciências ditas “duras”.

A estrutura heróica (regime diurno) presentifica os *schèmes* da ascensão e da separação, a estrutura mística (regime noturno) relaciona-se aos *schèmes* da descida e da intimidade e a estrutura dramática (também regime noturno) une, de modo cíclico, as outras duas anteriores.

Dessa forma, não se pode mais pensar Imaginário como oposto ao real e vice-versa, pois a função da imaginação não é somente eufemizadora, é também dinâmica, pois através das estruturas do trajeto imaginário tenta melhorar a situação do homem no mundo.

Então, o que são as “Estruturas Antropológicas do Imaginário” e qual a sua importância para este estudo?

Já foi referido que a capacidade de imaginar distingue-nos, como seres humanos, dos demais seres da natureza. Orientamo-nos por meio de símbolos, sendo capazes de vislumbrar outras dimensões da realidade. A própria linguagem tem características especificamente simbólicas, porque nossas necessidades vão além das necessidades puramente de ordem prática.

Nas palavras de Peres (1999, p. 25-26), “o imaginário e os símbolos, na vida humana, são uma espécie de “malha” onde são tecidas as relações dos homens no e com o mundo; consigo próprios, com outros homens e com as “coisas” demandadas pela cultura”.

Assim, é na tecedura dessa malha simbólica, na qual a leitura é capaz de se configurar, que busquei descobrir como atua o Imaginário, ou seja, numa espécie de via de mão dupla, caberiam as perguntas: como o Imaginário influencia a leitura e como a leitura influencia o Imaginário? É essencialmente sobre esse valor simbólico atribuído por algumas pessoas para a leitura que se orientou minha pesquisa. O que leem? Como, quando, onde e por que leem? A leitura chega ao ponto de modificar a vida das pessoas? De que maneira? A leitura vislumbrada pela ótica do Imaginário determina a predominância de um dos regimes? Ela insere-se mais no regime diurno ou no regime noturno?

“As Estruturas Antropológicas do Imaginário” apresentam-se como algo bem específico do comportamento do *homo sapiens*. Os *schèmes*, os arquétipos e os símbolos – organizados segundo regimes distintos, articulam-se para formar as ‘estruturas’. E o Imaginário funcionará como um sistema dinâmico e organizador das imagens produzidas pelo humano, manifestando-se de três modos diferentes: ora estimulando a luta e a discriminação, ora procurando a harmonia, ora re-ligando os dois polos anteriores. Então, como acontece esse funcionamento, relacionando-o à leitura, partindo-se do pressuposto de que ela atua, para alguns indivíduos, como um equilibrador biopsicossocial?

Toda essa organização referida acima e proposta por Durand foi possível verificar no mergulho realizado nas cartas enviadas pelos leitores professores; ao agrupá-las em **mitemas**, percebi, por exemplo, tendências quanto à polarização referente às estruturas ou mesmo aos Regimes de imagens.

E sobre o “trajeto antropológico”?

Nas palavras de Durand (2002, p. 41), que uniu os regimes diurno e noturno como estruturas do pensar e do viver humano, encontra-se a resposta para essa pergunta: “o trajeto antropológico é a incessante troca que existe ao nível do Imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas emanando do meio cósmico e social.” Trajeto antropológico visto como a direção e o conhecimento do ser humano. Ou seja, a compreensão desse importante conceito une-se à noção de trajeto formativo. Forma-se a teia: a leitura, com seu potencial valor simbólico, atuando como aspecto equilibrador e formador desse trajeto.

Complementando, devemos salientar que o Imaginário é a “bacia semântica” que

orienta o trajeto antropológico de cada um na “errância” existencial.

Trazendo essas ideias para uma situação um pouco mais concreta, pode-se vislumbrar o seguinte: tomemos como exemplo a obra do poeta negro Cruz e Sousa, importante representante brasileiro da escola literária simbolista. Cruz e Sousa, por ser negro, sofreu forte discriminação racial devido à cor de sua pele, tendo vivido numa época em que historicamente ainda predominava o preconceito racial; a Nação recém engatinhava no sentido de abolir de fato a escravatura. Na sua obra, fica evidente uma fixação pela cor branca e o que a ela se relaciona. Como percebemos, sua negritude está em oposição ao branco, como se lê a seguir na primeira estrofe do poema “Antífona”:

*Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luas, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...*

Na antítese preto *versus* branco, o poeta utiliza sua expressão poética para encontrar-se com a cor branca, envolvendo-se nela, de modo imaginário, o que o faz instaurador da “brancura” na sua vida, ou, quem sabe, um eufemismo da “negrura”?

Aí está o Imaginário atuando, na vida do artista, como um equilibrador psicossocial, já que imaginação cria realidade.

Perceberíamos, então, no trajeto antropológico pessoal / individual do poeta a troca – ao nível do Imaginário – entre as suas pulsões subjetivas individuais (o fato de ser negro e por isso discriminado *versus* o desejo pelo branco) e as intimações objetivas emanando do meio social (o racismo latente na sociedade da época).

O Imaginário constituindo-se como sinônimo de alento, de completude para as privações, já que todos nós, em nossa humanidade, somos seres de faltas. Não me refiro aqui somente àquelas ocasionadas pelos escassos bens materiais, mas também às de ordem sentimental, como a solidão, a saudade, a falta de alguém especial em nossas vidas. As 'tecnologias do Imaginário' (como defende Machado da Silva) são grandes 'fornecedoras' de matéria-prima para minimizar essas carências. As artes, de modo geral; a televisão, o cinema, a leitura atuam como excelentes potencializadores do sonho, da necessidade de fugir das duras realidades, ou seja, o Imaginário atuando como o equilibrador biopsicossocial já mencionado.

Para Machado da Silva (2003)

O livro continua a ser uma tecnologia de interação imaginal (orgânica) híbrida, no sentido quase puro, não mediado em tempo real por uma máquina, embora fruto de

uma impressão maquínica. Assim como a Internet, o livro promove a interação virtual. Mas cabe insistir: a interação gerada pelo livro diferencia-se da interação virtual estimulada pela Internet pelo fato de que esta última é o resultado de uma mediação tecnológica em tempo real. O imaginal híbrido é a ausência de mediação maquínica *live*. Neste caso, natural e universal, a interatividade ocorre diretamente no imaginário, na consciência, na mente, na alma, no espírito, linkando pontos do inconsciente individual com o inconsciente coletivo. (p. 97)

Tecendo ainda outro raciocínio, pode-se tomar como exemplo meu trajeto de adolescente que tinha (e ainda tenho) na leitura uma harmonizadora de energias. No campo da leitura, também há a troca entre pulsões de ordem subjetiva e intimações objetivas advindas do meio psíquico e social. No meu caso, a leitura fazia-me viajar em seu ‘tapete mágico’; movida pela imaginação, transformava (e transforma) meu vivido numa outra possibilidade existencial. Na leitura, encontrei (e encontro) aquilo que falta na vida cotidiana. Essa viagem imaginária preenche-me falhas, ajudando-me a seguir em frente, sem que me ‘perca pelo caminho’, parafraseando as palavras de Petit (2008), quando se refere a jovens em situações de risco, como falta de condições econômicas, de afeto, de adaptação à sociedade etc.

Então, seguindo uma linha de raciocínio, de que modo os estudos do Imaginário, especialmente a obra de Durand, convergem para este estudo, no qual tenho como tese que a leitura é potencialmente um equilibrador?

Em primeiro lugar, acredito que minha narrativa pessoal já responda parcialmente a essa pergunta, uma vez que atribuo forte valor simbólico à leitura como potencial equilibrador de minha existência. Ao me defrontar com a empiria foi possível reafirmar essa posição.

Assim, o empírico levantado pela pesquisa explicita os elementos que compõem o quadro sobre os trajetos de leitura dos sujeitos, com o valor simbólico atribuído à leitura, devido aos núcleos simbólicos presentes nas narrativas. Então, conceitos fundamentais dos estudos do Imaginário, como as próprias ideias sobre Estruturas Antropológicas, trajeto antropológico, regimes diurno e noturno e memória auxiliam-me a embasar minhas reflexões.

Trabalhando com narrativas de formação, é necessário buscar palavras que expliquem algo a respeito da necessidade humana de contar-se. Durand (2002, p. 401) refere o seguinte: “Como não ver que ‘contar’, ‘premeditar’, ‘romancear’ são atividades que têm a ver com a função fantástica e que escapam precisamente ao devir fatal?” Assim, ‘para driblar as faces do tempo’, escrevemos sobre nossas trajetórias de vida, produzimos arte, criamos nossos filhos, plantamos árvores e escrevemos Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, só para citar alguns exemplos.

Ainda mais: quando se trabalha com os estudos do Imaginário, não nos concentramos

simplesmente na investigação objetiva; ou seja, saímos em busca das metáforas indutoras²² da pesquisa (aqui nos referimos ao papel que a função fantástica desempenha na investigação e na descoberta).

Na sabedoria de Durand (2002), “a alvorada de toda criação do espírito humano, teórica ou prática, é governada pela função fantástica”. (p. 397)

Outra reflexão importante para esta tese é o conceito de memória, pois as narrativas (auto)biográficas consistem numa forma de (re)visitar o vivido. Desse modo, “o imaginário é bem do domínio do tempo, uma vez que é do domínio da memória” (p. 401), pois ela “seria ato de resistência da duração à matéria puramente espacial e intelectual” (p. 401).

O autor (op. cit.) afirma ainda que

a memória, permitindo voltar ao passado, autoriza em parte a reparação dos ultrajes do tempo. A memória pertence de fato ao domínio do fantástico, dado que organiza esteticamente a recordação. (...) Mas se a memória tem de fato o caráter fundamental do imaginário, que é ser eufemismo, ela é também, por isso mesmo, antidesestino e ergue-se contra o tempo. Longe de estar do lado do tempo, a memória, como o imaginário, ergue-se contra as faces do tempo e assegura ao ser, contra a dissolução do devir, a continuidade da consciência e a possibilidade de regressar, de regredir, para além das necessidades do destino. (p. 402-403)

Percebe-se na leitura de narrativas memorialísticas que, ao recordar fatos passados, a pessoa busca naturalmente suas memórias encharcadas de aspectos imaginais, fazendo uma espécie de ‘restauração’ do vivido, presentificando e re-visitando o que passou, muitas vezes revestindo suas lembranças de uma outra roupagem. Essa ‘restauração’ do vivido pode verificar na leitura das cartas; por exemplo, na escolha constante, por parte dos sujeitos, pela narrativa memorialística que aborda passagens de infância.

Acredito que as palavras de Bachelard (1998, p. 181) ajudam a compreender a reflexão inicial sobre memória: “Toda memória precisa ser reimaginada. Temos na memória microfílmicos que só podem ser lidos quando recebem a luz viva da imaginação.”

Portanto, são essas algumas das ideias que mais fortemente transparecem. Os dados levantados junto aos sujeitos para compor o *corpus* desta tese revelam ainda outros elementos, os quais transparecem na análise das memórias de vida-leitura dos professores participantes

²² Cito Durand (2002, p. 396) na tentativa de melhor explicar o sentido da expressão: “Não insistiremos mais sobre o imenso papel que a função fantástica desempenha na investigação e na descoberta. Pode-se acrescentar simplesmente que toda investigação objetiva se faz em torno e contra a função fantástica: é a imaginação que dá a isca, é em seguida a imaginação (...) que serve de desencadeador antitético da decifração objetiva. A imaginação serve simultaneamente de estafeta e de bandarilha da ciência. Bachelard, com a sua habitual perspicácia, dá-se perfeitamente conta de que o esforço científico não pode apagar, aniquilar as imagens pensadas, mas procura simplesmente “descobrir” as metáforas indutoras da pesquisa. Porque o domínio da investigação objetiva é por excelência o domínio do recalçamento”.

da pesquisa.

Finalizando essa parte da reflexão, menciono Machado da Silva (2003), pois acredito que suas palavras conseguem sintetizar um pouco de minhas reflexões a esse respeito:

O imaginário surge da relação entre memória, aprendizado, história pessoal e inserção no mundo dos outros. Nesse sentido, o imaginário é sempre uma biografia, uma história de vida. Logo, é menos redutor do que a ideologia, mais aberto do que a crença e menos completo do que a cultura, na qual se insere e a qual alimenta. Trata-se de uma memória afetiva somada a um capital cultural. (p. 57)

Neste trabalho, empreendi o esforço de ligar ‘os fios para formar uma teia’: reunir conceitos que são caros aos estudiosos do Imaginário, relacionando-os ao fenômeno da leitura como uma questão que carrega em si um valor simbólico peculiar a cada pessoa e que pode ser referido e conhecido por intermédio das cartas (auto)biográficas.

A seguir, na terceira parte de minha reflexão teórica, à luz da Antropologia da Leitura, passo a focar aspectos referentes a ela como uma fomentadora do Imaginário.

O espaço íntimo que a leitura descobre, os momentos de compartilhar que ela não raro propicia, não irão reparar o mundo das desigualdades ou da violência – não sejamos ingênuos. Ela não nos tornará mais virtuosos nem subitamente preocupados com os outros. Mas ela contribui, algumas vezes, para que crianças, adolescentes e adultos, encaminhem-se no sentido mais do pensamento do que da violência. Em certas condições, a leitura permite abrir um campo de possibilidades, inclusive onde parecia não existir nenhuma margem de manobra.

Michèle Petit, 2008

4 – Antropologia da Leitura como fomentadora do Imaginário

Durante os estudos que realizei para o Doutorado em Educação, busquei autores que abordassem o fenômeno da leitura de um ponto de vista antropológico, ou ainda, que evidenciassem de que modo ela influencia nossos trajetos formativos.

Encontrei na leitura da obra de Petit, antropóloga francesa, uma pesquisa aprofundada que vislumbra o fenômeno da leitura, abordando, de maneira direta, práticas e reflexões sobre esse tema, com fortes relações com os estudos no campo do Imaginário.

Além da autora, outros estudiosos também se fazem presentes e importantes em minhas reflexões: Jouve, Chartier, De Certeau, Soares e Candido, principalmente.

Além de procurar desvelar o **valor simbólico da leitura**, na perspectiva dos estudos do Imaginário, há também a busca de revelar um pouco do que ela **é**, em uma perspectiva sociológica e antropológica e não do que ela **deve** ser. Explico melhor: nos estudos da história cultural e da sociologia da leitura são feitas algumas das seguintes perguntas: O que as pessoas ‘comuns’ leem? Por que leem? Como leem? Onde (e quando) leem? O que fazem com a leitura e o que a leitura faz com elas, ou seja, de que maneira acontece a apropriação da leitura?

Estudioso desse fenômeno, Chartier (1991) refere que:

A leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência: é por em jogo o corpo, é inscrição num espaço, relação consigo ou com o outro. Por isso devem ser reconstruídas as maneiras de ler próprias a cada comunidade de leitores, a cada uma dessas *interpretative communities* de que fala Stanley Fish. Uma história da leitura não se pode limitar unicamente à genealogia de nossos modos de ler, em silêncio e com os olhos, mas tem a tarefa de redescobrir os gestos esquecidos, os hábitos desaparecidos. (p. 181)

As reflexões oriundas da obra citada fizeram-me questionar o seguinte: nesse cenário globalizado em que atualmente vive o mundo, como pode a leitura atuar na vida das pessoas? Qual a compreensão que existe sobre ela nesse contexto?

Por vezes, a leitura independe da aprendizagem formal e pode acabar acontecendo na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros. Lendo, entende-se o mundo e vive-

se melhor.

Petit (2009) menciona que

as leituras abrem para um novo horizonte e tempos de devaneio que permitem a construção de um mundo interior, um espaço psíquico, além de sustentar um processo de autonomização, a construção de uma posição do sujeito. (p. 32)

Provavelmente, ela possa servir para a aquisição de autoconhecimento, algo tão fundamental para uma formação integral do ser humano, como alguém que consiga se inserir, com equilíbrio, no modo contemporâneo de existir.

A leitura do texto literário (explorando-se adequadamente seus significados) pode conduzir as pessoas a se expressar, com consciência, colocando-se como sujeitos de suas próprias histórias. Cumprindo-se diferentes itinerários, a presença da leitura no cotidiano das pessoas pode se configurar num trajeto seguro para a formação do cidadão. Cotidiano referido desde o mundo contemporâneo (usando propositalmente a imagem de algo multifacetado, vago e amplo) até as individualidades vividas por cada um.

Petit (op. cit.) afirma que

em algum momento da vida, cada um de nós é um “espaço em crise”. Os seres humanos têm, diga-se, uma predisposição originária, antropológica, à crise: nascemos prematuros, nós somos marcados por uma fragilidade cujos vestígios permanecem ao longo da vida. Porém, saídas nos são oferecidas para que não sejamos atingidos pelos componentes destrutivos daquilo com que somos confrontados. (...) Os livros lidos ajudam algumas vezes a manter a dor ou o medo à distância, transformar agonia em ideia e a reencontrar a alegria (...). (p. 33-34)

Provavelmente, a presença da leitura no cotidiano diminua os desencontros desse tempo, proporcionando a possibilidade de, refletindo sobre o caráter de personagens literárias, pensar sobre o caráter de si próprio, o caráter do outro e sobre as peculiaridades e as contradições existentes nas relações humanas.

Candido (2004) reforça a questão do equilíbrio social possibilitado pela leitura de textos literários ao referir que

(...) assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. (...) Vista desse modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. (...) Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (p. 174-175)

Mencionando-se ‘equilíbrio’ – e a leitura de textos literários como contributo para isso – retornamos ao conceito durandiano de equilíbrio biopsicossocial por meio do Imaginário.

Analisar a leitura significa interrogar-se sobre o modo de ler um texto, ou sobre o que nele se lê (ou se pode ler e imaginar), porque ela consiste numa atividade com várias facetas; é complexa, plural e se desenvolve em várias direções. Não se trata de uma recepção passiva, mas de uma interação produtiva entre o texto e o leitor. Daí porque se percebe as relações dessa discussão com a Antropologia do Imaginário.

Jouve (2002), numa abordagem semiótica da leitura²³, propõe que ela se configure num processo com cinco dimensões: neurofisiológico, cognitivo, afetivo, argumentativo e simbólico.

Neste texto, vou aprofundar somente as noções sobre os processos afetivo e simbólico, já que vão interessar mais diretamente às questões abordadas na análise das cartas sobre leitura.

Na relação do processo afetivo com a leitura, Jouve (op.cit., p. 19-20) utiliza o termo “charme da leitura”, ou seja, o jogo entre o texto e o leitor, referindo que ele “provém em grande parte das emoções que ela suscita”. O motor essencial da leitura de ficção seriam as emoções que atuam no princípio de identificação. “Prender-se a uma personagem é interessar-se pelo que lhe acontece, isto é, pela narrativa que a coloca em cena”. Essa noção é pertinente a este trabalho, ao vincular diretamente o valor simbólico da leitura com questões afetivas.

Nesta tese, também existe a proximidade da noção de processo simbólico referida pelo autor, o qual ressalta que a leitura carrega consigo sua **dimensão simbólica**, atuando nos modelos do **Imaginário coletivo**, quer o leitor os aceite, quer os recuse. Retira-se sentido da leitura, reagindo-se em face dos argumentos propostos, da história, do jogo entre os pontos de vista, acontecendo a interação com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época.

Por essas razões, o livro abre-se para uma pluralidade de interpretações, pois é recebido fora de seu contexto de origem – “cada leitor novo traz consigo sua experiência, sua cultura e os valores de sua época”. (op. cit., p. 24)

Assim, se substituirmos a audiência limitada de uma comunicação oral por um número

²³ Durante a década de 70, do século XX, os profissionais da análise de textos começam a estudar a leitura. O interesse por ela começa a se desenvolver quando as abordagens estruturalistas iniciam a sofrer certo cansaço. A insuficiência do **estruturalismo** requer uma nova abordagem dos textos literários. Os progressos da linguística, nos anos 80, acenam com novas perspectivas. Além dos ramos tradicionais – a **sintaxe** e a **semântica** – expande-se a **pragmática**.

virtualmente infinito de leitores, o texto adquire uma dimensão universal. Tomemos como exemplo a Bíblia: as Sagradas Escrituras conhecem leitores que pertencem a todas as épocas, a todos os continentes e a todas as classes sociais.

Falando-se em leitura, também não se desconhece, nesse contexto, a existência de três importantes figuras: do autor, do narrador e do leitor.

Neste momento, talvez a figura do leitor seja a que mais nos interesse. Ele é real – um indivíduo de carne e osso que segura o livro nas mãos – e variam infinitamente seus traços psicológicos, sociológicos e culturais. Como indivíduo concreto, o leitor interage com o texto em razão de parâmetros psicológicos e socioculturais extremamente diversificados. Entretanto, ele é também uma figura abstrata pelo simples fato de que todo texto se dirige necessariamente a alguém.

O leitor real não é um ser desencarnado, é uma pessoa inteira que reage plenamente às solicitações psicológicas e à influência ideológica do texto. (op. cit., p.49)

No plano coletivo, o leitor pode ser apreendido por meio do público do qual participa. “O leitor efetivo remete não somente ao público contemporâneo da primeira publicação da obra, mas também a todos os públicos reconhecidos que a obra vai encontrar no decorrer de sua história.” (JOUVE, 2002, p.37)

Contudo, o leitor, antes de ter uma realidade histórica (individual ou coletiva), é também uma figura virtual: o destinatário implícito para o qual o texto se dirige. É também a pessoa que lê que oferece sua contribuição no sentido de completar estruturalmente o texto – o leitor é levado a completá-lo em quatro esferas essenciais: a verossimilhança, a sequência das ações, a lógica simbólica e a significação geral da obra. (op. cit., p.63)

Neste momento, irá interessar mais diretamente a noção de verossimilhança, devido às reflexões aqui contidas.

O leitor completará a narrativa na sua imaginação conforme aquilo que lhe parecer verossímil, uma vez que as personagens, o espaço e a localização não são possíveis de descrever completamente. Contudo, ao preencher os “vazios” com representações²⁴ que lhe

²⁴ A literatura é uma forma artística de **representação** da realidade. Conforme Laplantine e Trindade (s/d, p. 27-28) “O conceito de representação engloba toda a tradução e interpretação mental de uma realidade exterior percebida. A representação está ligada ao processo de abstração e a ideia é uma representação mental que se configura em imagens que temos de uma coisa concreta ou abstrata. Assim, a imagem se constitui como representação configurativa da ideia traduzida em conceitos sobre a coisa exterior dada.”

O texto literário constitui-se como uma forma de manifestação artística que tem como material de expressão a palavra, na qual a linguagem apresenta-se elaborada com o objetivo de obter determinados efeitos. A linguagem literária é plurissignificativa e conotativa. Na obra ficcional há uma recriação da realidade e uma sensibilização do leitor, tornando a mensagem e o significado mais eficazes.

são próprias, o leitor implica-se no texto e, por outro lado, é levado a se distanciar dessas mesmas representações quando o texto as invalida. (op. cit., p. 113)

Pode-se dizer ainda que há espaços de certeza e de incerteza em um texto. Os “espaços de certeza” seriam os pontos de ancoragem da leitura, ou mesmo as passagens mais explícitas de um texto; aquelas a partir das quais se entrevê o sentido global e os “espaços de incerteza” se refeririam a todas as passagens obscuras ou ambíguas cujo deciframento solicitaria a participação do leitor. (JOUVE, op.cit., p. 66)

Deste modo, falando-se nos “espaços” proporcionados pela leitura é possível chegar à conclusão de que as narrativas romanescas talvez sejam aquelas que proporcionam certa fartura de “viagens” espaciais e temporais ao leitor. Então, por que existe a atração pelos romances?

Robert (1972, p. 96) afirma que

todo leitor encontraria seu “romance familiar²⁵” na narrativa romanesca. Quando criança, cada um de nós forjou uma fábula na qual substituiu seus pais de origem por pais imaginários. Essa narrativa maravilhosa, embora reprimida mais tarde, nunca desaparece por inteiro; é ela que explicaria nossa atração pelos romances.

Desse modo, os mecanismos psíquicos que operam na criação não são sensivelmente diferentes dos que determinam a recepção: criada para preencher o desejo do artista, a obra preenche igualmente o próprio desejo do leitor.

Jouve (op. cit.) reforça as palavras de Robert ao mencionar que

O efeito de vida da personagem romanesca testemunharia assim a confiança dada às produções do imaginário. O romance familiar teve um papel tal na estruturação do sujeito que se tornou o fundamento psicológico de toda crença narrativa: assim que entram numa história, certas personagens remetem a essa narrativa original que, aos olhos do leitor, possui além do tempo uma parte de verdade. (p. 97)

Por meio desse raciocínio é possível, então, compreender por que certos romances, de qualidade um tanto discutível, recebem fama excepcional – isso dever-se-ia às gratificações que trazem a seu público. As imaginações do leitor poderiam reverberar com as do autor devido aos desejos rejeitados e idênticos de ambos. Através da leitura, nesse caso, seria possível reviver a satisfação pela escrita.

O que se sente ao se ler um livro talvez seja o reflexo de fantasmas inconscientes que o texto despertaria em nós. Os afetos suscitados: alegria, tristeza, angústia, desgosto, tédio etc.

²⁵ O romance familiar pode ser definido como um expediente ao qual recorre a imaginação para resolver a crise típica do crescimento humano. (PETIT, 2009, p. 263)

seriam o eco, nos leitores, dos fantasmas do próprio autor. (CLANCIER, 1987, p. 171)

Então, se a leitura é capaz de desencadear tantas sensações e reverberações, qual é o seu sentido?

Na verdade, o sentido da leitura não é completamente dominável. O leitor nada mais é do que a resultante de influências múltiplas e a interação produzida pela leitura é sempre inédita, pois seu sentido é o resultado do encontro entre o livro e o leitor. E ainda: cada leitor pode projetar um pouco de si próprio num dado texto, porque cada pessoa carrega consigo um suplemento de sentido.

Então, o que acontece quando se lê um livro? O que se sente? Quais são as impressões que a leitura nos causa? À experiência de leitura, Jauss (1978, p. 130) dá o nome de “fruição estética”: “o sujeito é libertado pelo imaginário de tudo aquilo que torna a realidade de sua vida constrangedora”. Sartre (1940) afirma que essa consciência “imaginante” atuaria em dois tempos: com a “aniquilação” do mundo diante do qual o sujeito se afasta, e criação, no seu lugar, de um mundo novo a partir dos signos do objeto contemplado. Dessa maneira, a leitura seria, ao mesmo tempo, uma experiência de libertação (desengajamento da realidade) e de preenchimento (a partir dos signos do texto, promove-se imaginariamente um universo marcado pelo próprio Imaginário do leitor).

Para Jouve (op. cit.)

Ler, pois, é uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que, num primeiro tempo, deixa a realidade para o universo fictício, num segundo tempo volta ao real, nutrido da ficção. (p. 109)

Existem semelhanças entre o estado de leitura e o sono, porque, em termos de energia psíquica, o estado da pessoa que lê se assemelha com a do sonhador. “A leitura, como o sono, fundamenta-se na imobilidade relativa, uma vigilância restrita (inexistente para aquele que dorme) e uma suspensão do papel de ator em favor do de receptor.” (op. cit., p. 115)

Acontece também uma grande intimidade entre o leitor e a personagem romanesca, pois

o imaginário próprio de cada leitor tem um papel tal na representação que quase se poderia falar de uma “presença” da personagem no interior do leitor. Essa sensação de consubstancialidade entre o sujeito que lê e a personagem representada nenhuma imagem óptica jamais poderá dar. (op. cit., p. 116)

A criança que fomos é ‘acordada’ quando lemos um texto ficcional e é ela que nos permite acreditar nas narrativas romanescas. Daí porque o Imaginário, nas suas funções

imaginativas, se torna equilibrador.

Esse consentimento eufórico na ficção nunca desaparece totalmente (...). Nossas crenças infantis, reativadas em certas condições (entre elas a situação de leitura), subentendem nossas crenças de adultos. (...) Ler, de certa forma, é reencontrar as crenças e, portanto, as sensações da infância. A leitura, que outrora ofereceu para nosso imaginário um universo sem fim, ressuscita esse passado cada vez que, nostálgicos, lemos uma história. (...) A leitura é, antes de mais nada, uma desforra da infância. (op. cit., p. 117-118)

Se ler é reencontrar-se com as crenças, é alimentar o Imaginário ou mesmo “desferrar-se” da infância, qual é, afinal, a importância da leitura na vida das pessoas? Ou ainda: por que a leitura não pode ser uma atividade de lazer como outra qualquer? Petit (2008) enumera algumas razões para ler:

→ Ter acesso ao saber: esse aspecto é o mais conhecido – o de que a leitura é um meio para se ter acesso ao saber, aos conhecimentos formais, podendo modificar as linhas do destino escolar, profissional e social. Ler para ter acesso ao saber pode permitir, em qualquer idade, que a pessoa mantenha um pouco o domínio sobre um mundo tão inconstante, sobretudo por meio de diversos suportes de informação escrita, porque o saber, muitas vezes, é considerado como a chave para se alcançar a dignidade e a liberdade. (p. 61-64-65)

→ Apropriar-se da língua: a leitura é também uma via privilegiada para se ter acesso a um uso mais desenvolvido da língua, a qual pode representar uma terrível barreira social. Essa língua difere das faladas em família e na rua; configura-se em passaporte essencial para encontrar um lugar na sociedade. (conhecimento da língua = sinônimo de prestígio) (p. 66)

→ Construir-se a si próprio: a linguagem tem a ver com a construção de nós mesmos como sujeitos falantes, não podendo ser reduzida a um instrumento. (p. 71) Quando alguém é privado de palavras para pensar sobre si próprio ou para expressar sua angústia, sua raiva, suas esperanças, só resta o corpo para falar: seja aquele que grita com todos seus sintomas, seja o enfrentamento violento de um corpo com outro, a passagem para o ato. (p.71) Em qualquer idade, a leitura pode se constituir num caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria existência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos, porque a dificuldade para encontrar um lugar neste mundo não é somente econômica, mas também afetiva, social, sexual e existencial. (p. 72-74)

→ Um outro lugar, um outro tempo: existe a inquestionável hospitalidade do livro, da língua literária, da literatura como um lar. Os escritores presenteiam-nos com uma geografia, uma história, uma paisagem onde se retoma o fôlego. Eles abrem as portas também para outro tempo, em que a capacidade de sonhar tem livre curso, permitindo imaginar, pensar outras possibilidades. A leitura instaura um ritmo diferente, uma outra temporalidade. O livro supera o audiovisual – abre uma porta para sonhar, permite a criação de um mundo próprio. Em qualquer idade, sem sonho, sem jogos com o Imaginário, não existe pensamento. A imaginação – que é tão importante – teve, durante muito tempo, uma espécie de má reputação, por ser considerada um capricho egoísta de pequeno-burguês. (p. 83) A partir da infância, a leitura começa a contribuir para a formação do espírito crítico. Também é por meio dela que alguns aprendem a importância dos exemplos, da arte de argumentar, de debater.

→ Conjugando as relações de inclusão – para a autora, a melhor forma de afastar todo mundo seria partir em uma cruzada para difundir a leitura. Na leitura de ficção, as palavras tocam os leitores um a um e permitem que expressem o que há de mais secreto neles por meio do devaneio subjetivo de um escritor.

→ Círculos de pertencimento mais amplos – como abertura para esses círculos (ruptura do isolamento), a leitura ainda pode ensinar que antes de pertencer a este ou àquele território somos seres humanos e esses lugares de pertencimento podem se estender para além do parentesco, da localidade, da etnicidade. Ler também significa conhecer a experiência de homens e mulheres, daqui ou de outros lugares, de nossa época ou de épocas passadas, tentativa traduzida em palavras que podem nos ensinar muito sobre nós mesmos, sobre certas regiões que nos habitam e que ainda não havíamos explorado, ou que não havíamos conseguido expressar. Ao longo das páginas, o/a leitor/a pode experimentar, a um só tempo, uma espécie de ‘humanidade compartilhada’; uma verdade mais subjetiva e mais íntima. (p. 94)

As razões para ler enumeradas acima vêm ao encontro de questões que aparecem nas narrativas dos sujeitos; isto é revelado pela análise das cartas.

Finalizo essa parte do texto com palavras de Petit (2009) a respeito dos livros; reflexões que considero fundamentais, por estarem de acordo com o que encontrei na pesquisa empreendida para esta tese:

Os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é

feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia. E algumas vezes eles nos fazem atravessar oceanos, dão-nos o desejo e a força de descobrir paisagens, rostos nunca vistos, terras onde outra coisa, outros encontros serão talvez possíveis. Abramos então as janelas, abramos os livros. (p. 266)

Também são pertinentes os ensinamentos da antropóloga francesa a respeito da leitura e da literatura, pois acredito no valor de suas palavras para embasar esta tese.

Ora, é talvez antes de tudo à parte exilada de cada um que os livros, e mais ainda a literatura, se endereçam. A escrita literária é, em si mesma, em larga medida, uma tentativa de agarrar o que está perdido, faltando, ou inacabado, de superar espaços, abolir fronteiras, reunir o que está separado, reconstituir terras desaparecidas, épocas passadas. Há um laço patente entre a perda (sob todas as suas formas, o luto, a falta, a ausência, o exílio, a dor de amor...) e o desejo de moldar bens culturais ou de a eles recorrer – na ocasião da escrita ou da leitura. (PETIT, 2009, p. 264-265)

Refletir sobre questões relativas à leitura é também ter que lidar com o “excesso”, pois há uma quase infinita quantidade de obras sobre essa temática. Para esta tese, foi preciso fazer escolhas e recortes. Todavia, de tudo o que até aqui foi lido, estudado e refletido ficaram algumas convicções: de que a leitura carrega consigo um valor simbólico; que ela pode vir a ser um componente potencial de afirmação pessoal; que ler é uma forma de transgressão (algumas vezes de duras realidades) e que a leitura proporciona a abertura de um espaço íntimo para o/a leitor/a (o encontro de um espaço e de um tempo para si mesmo/a), ou mesmo uma “margem de manobra”.

Reconheci essa “margem de manobra” a que Petit faz referência em fragmentos de minha própria narrativa e também (às vezes de modo bastante contundente) nas cartas de meus sujeitos de pesquisa, pois há passagens marcantes nesse sentido.

No capítulo que segue, relato as investidas realizadas no encaminhamento metodológico da pesquisa.

Método é caminho que se faz caminhando. Logo, só se conhece, de fato, o caminho feito ao final da caminhada.

Juremir Machado da Silva, 2006

5 – Encaminhamentos Metodológicos

Investigar as diversas facetas da leitura (e dos leitores) constitui-se na tarefa de inúmeros pesquisadores, os quais têm se ocupado de analisar a questão sob os mais diversos aspectos. Nesta tese, a partir de uma pesquisa de caráter qualitativo, baseada em uma metodologia de convergências, proposta por Gilbert Durand e sustentada pelos estudos da Antropologia do Imaginário, busco as redundâncias e as similitudes simbólicas entre as cartas (auto)biográficas de leitores professores, para ir ao encontro dos **mitemas** que representam cada grupo de cartas.

O foco é direcionado para o **valor simbólico atribuído à leitura** pelas pessoas que, de um modo geral, leem – tanto os leitores assíduos, aqueles que se dedicam a essa prática cotidianamente, como aqueles não tão ‘comprometidos’ com essa prática, como poderemos observar na leitura de uma ou outra carta enviada a mim pelos professores que colaboraram com essa pesquisa.

Além do valor simbólico, as cartas possuem em si alto valor (auto)biográfico na medida em que, ao se narrarem, as pessoas que se dispuseram a participar desta proposta estão se (auto)biografando, ou seja, contando fragmentos de suas histórias não só como leitoras, mas também como sujeitos construtores de suas histórias de vida.

Considero relevante referir que a inspiração para realizar um trabalho que envolve narrativas de formação, de caráter parcialmente (auto)biográfico e relacionadas a memórias de leitura, advém de estudos iniciados em 2007, junto ao GEPIEM, ainda na condição de aluna especial do curso. Fundamental, também, a leitura da obra de Josso (e o marcante contato pessoal com a autora, em 2008), que ressalta a relevância de trabalhos com essas características.

Conforme a autora nos esclarece (2004, p. 9), “o trabalho com narrativas permite explicitar a singularidade e, com ela, vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida”.

Assim, o início da construção metodológica para a tese inicia-se no decurso das disciplinas de Prática de Pesquisa I e II, desenvolvidas no 1º e 2º semestres de 2009. O

começo da construção de uma metodologia também se vinculou a uma pesquisa, em andamento, na época, liderada pela professora Lúcia. O produto final da referida pesquisa (Garimpendo imagens, memórias, representações e arquétipos nas trajetórias e (auto)biografias de alunas em formação inicial do Curso de Pedagogia da UFPEL: um estudo longitudinal – 2006/2009) resultou no livro “Escritas de Autobiografias Educativas – o que dizemos e o que elas dizem?”.

Na prática inicial, escolhi o gênero textual narrativo, na modalidade epistolar, como forma de comunicação entre mim e as protagonistas, porque apostei que a escolha desse suporte criasse certo clima de intimidade entre nós. O que, de fato, aconteceu.

Bolléme (1988, p. 201) refere que “a carta é um gênero popular por excelência, porque é o equivalente da conversação; a carta seria algo que diz, ou que se quer dizer, que se quer transmitir, que se quer fazer, sentir”.

Foi possível perceber – nas narrativas, tanto minha quanto delas – que todos temos nossas memórias de leitura. O ato de contar uma história ou de escrever as cartas, buscando na memória fragmentos do passado, de alguma maneira afetou a todas nós. Para mim, além dos valores afetivo e simbólico, o conjunto de cartas funcionou como minha primeira “bacia semântica”, uma espécie de “motor” para os encaminhamentos metodológicos iniciais.

Machado da Silva (2006, p. 73) refere que “se (o pesquisador) não pode provar o que aconteceu no passado nem prever o futuro, cabe-lhe narrar bem o presente”. Para o autor, “o pesquisador do Imaginário mergulha na bacia semântica do outro e trilha o seu próprio trajeto antropológico, na contramão das verdades de acostamento e das certezas de retrovisor. Torna-se ele mesmo parte do Imaginário repisado.” (op. cit., p. 75)

O autor mencionado (op. cit., p. 79 e 83) também afirma que “o pesquisador das tecnologias do imaginário deve fazer a narrativa do vivido, como um etnógrafo das emoções e das práticas, a exemplo de um repórter de todas as paixões e acontecimentos do cotidiano”, já que “as narrativas do vivido são biografias de atores sociais contemporâneos em movimento”.

Na época, ainda sem a pretensão de criar 'categorias', mas a título de primeiro movimento, relacionei os relatos com **núcleos simbólicos** que vislumbrei nas escritas, referindo uma palavra ou expressão que, para mim, resumiu ou traduziu um pouco daquilo que disseram e escreveram. Para este texto da tese, escolhi como exemplo os títulos referentes a três cartas: ‘**a importância da família**’, ‘**a força transformadora**’ e ‘**ler é viajar num tapete mágico**’. Eles denotam o caráter simbólico predominante nas cartas, ou seja, os núcleos simbólicos que transpareceram na escrita de suas memórias.

A recordação dessas memórias de vida-leitura permite que transpareçam, ao mesmo tempo, sabores doces e nostálgicos de tempos alegres de infância que já se foram; a lembrança de livros muito apreciados é relacionada com fatos da vida, ou seja, na materialidade daqueles objetos é possível resgatar fragmentos do passado.

Além disso, aflora a questão do humano que se transforma pelo esforço, desejo, coragem e superação e a leitura pode atuar como contributo no sentido de que faltas podem ser transgredidas. Petit (2009) refere que

A contribuição vital da leitura na adversidade, observada há muito tempo, não é, portanto, o apanágio daqueles que foram introduzidos precocemente nos usos da cultura escrita; tampouco é próprio de uma idade ou de certas gerações. (...) as crianças, os adolescentes, os adultos fazem uso de fragmentos de obras lidas para fundar um trabalho de construção ou reconstrução de si mesmos, ainda quando cresceram bem longe dos livros. (p. 284)

Seguindo o pensamento da autora, a leitura igualmente pode se transformar em viagem num tapete mágico; uma experiência fascinante e encantadora. Simbolicamente, ler é viajar nas asas da imaginação, num encantamento de sonho, de devaneio, pois os livros lidos são uma espécie de moradas emprestadas onde é possível se sentir protegido e sonhar com um futuro diferente, construir uma distância, mudar o ponto de vista. Para além do caráter protetor, envolvente, habitável da leitura, uma transformação das emoções e dos sentimentos; em certas condições, uma elaboração simbólica da experiência vivida torna-se possível. (PETIT, op. cit., p. 284)

As cartas que recebi revelam uma convergência com as ideias do Imaginário, como um lugar de “entre saberes” (DURAND, 1996), pois, como refere o autor, há nelas a manifestação de imagens produzidas pelo *animal simbólico* (premissa tão cara a Cassirer) que todos somos. Como mencionam Araújo e Teixeira (2009), “mesmo com o quase desaparecimento da chamada “galáxia de Gutenberg” (McLUHAN, 1969) a favor de uma sociedade da informação muito baseada nas imagens visuais”, a leitura é ainda capaz de desencadear (e as cartas demonstram isso) uma espécie de contemplação da vida; aquilo a que Bachelard (1984) denominou de “poética do devaneio”.

Na busca de captar o valor simbólico atribuído pelos sujeitos desta pesquisa a seus trajetos de leitores, continuei a construir o processo metodológico para reunir o *corpus*; o *modus operandi* guarda algumas semelhanças em relação ao que efetuei em minha primeira investida, com a diferença de que, na quase totalidade das vezes, não houve um contato pessoal entre mim e meus correspondentes.

Optei por coletar cartas de leitores professores (atuantes em diversas séries e disciplinas) que se dispusessem a tal. Primeiramente, foi enviada a carta-pedido (anexo 1) aos escaninhos de escolas municipais (63) e estaduais (126) de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Pelotas (via Secretaria Municipal de Educação e 5ª Coordenadoria Regional de Educação). Num segundo momento, para a ampliação do universo da pesquisa, a coordenação do Poder Escolar [importante evento de formação continuada (atualmente bi-anual), que reúne professores de nossa cidade e de diversos municípios da região sul do estado] concedeu-me os endereços eletrônicos de professores apresentadores de experiências (169 participantes) para que eu enviasse por e-mail minha solicitação.

Também enviei solicitação de escrita para outras dez (10) pessoas, por meio de relação de endereços eletrônicos fornecida por minha co-orientadora. Trata-se de professoras/pesquisadoras integrantes do grupo HISALES, coordenado pela professora Eliane Peres.

Na carta-pedido enviada aos professores, fiz-lhes algumas perguntas de modo a provocar-lhes um pouco sua escrita sem, no entanto, direcionar demasiadamente suas reflexões. As questões são as seguintes: *Quais são as tuas memórias de leitura? O que, quando e onde tu lêes? Desde quando lembras que és um(a) leitor(a)? Entre outras coisas que quiseres me contar...* No texto do e-mail enviado, solicitei que o retorno fosse efetuado por correio eletrônico, num prazo médio de 30 dias contados a partir da data de envio de meu pedido.

Do mesmo modo como executei na experiência inicial, também devolvi aos colaboradores uma resposta minha com a análise feita, para o cumprimento do ciclo.

Ainda na fase do projeto de tese, selecionei uma delas – a carta de ‘Magali’ – como uma amostra do trabalho realizado; também como um forte e belo exemplo de narrativa (auto)biográfica que salienta as memórias de vida-leitura de uma leitora professora.

Assim, após a qualificação do projeto de tese e também tendo enviado minha solicitação às escolas e aos professores que acima refiro, recebi, com satisfação e surpresa, o retorno de 18 cartas: onze (11) professoras e um (1) professor que constavam na lista do Poder Escolar; uma (1) professora do grupo HISALES e cinco (5) professoras vinculadas a escolas (3 estaduais e 2 municipais). Explico: satisfação, por haverem me respondido com tanta disponibilidade e pelo número de missivas, que considero expressivo; surpresa, pelo uso da internet, uma vez que ainda não havia utilizado este recurso em minhas pesquisas anteriores (no Mestrado, por exemplo).

Para serem nomeados, os participantes da pesquisa escolheram um pseudônimo para si, como forma, também, de preservar as identidades. Algumas vezes, pediam-me sugestões por e-mail.

Após o recebimento das cartas, sempre via internet, aconteceu uma interação virtual entre mim, as professoras e o professor que responderam ao meu pedido. Depois de recebê-las, eu as lia e enviava um e-mail a cada correspondente, agradecendo e comentando algo a respeito da carta a mim enviada. Esses e-mails enviados por mim geraram respostas e, dessa forma, estabeleceu-se a interação.

A conclusão do processo aconteceu quando enviei aos leitores professores a carta de cada um com a respectiva análise efetuada por mim. Pedi que lessem e se manifestassem, aceitando ou não a publicação nesta tese. Felizmente, houve o consentimento²⁶ para a publicação por parte de todos os integrantes do grupo de sujeitos. Durante o processo final, houve ainda manifestações (sempre via e-mail), como: pedido de retirada de uma ou outra informação, pequenas alterações ou mesmo inclusões de um ou outro parágrafo na escrita de algumas cartas. Devido ao aspecto formativo de todo o processo, houve diversas expressões de contentamento, por parte dos professores, pela análise realizada e pelo produto final conseguido (cartas + análise + interação virtual). A seguir, transcrevo alguns trechos:

“Confesso que fiquei impressionada com o conteúdo extraído dela [da carta]. Você conseguiu embelezar meu texto. Obrigada!” – trecho do e-mail enviado por ‘Flor de Pessegueiro’

“Tens minha autorização para publicar o que me enviaste, e concordo com tua análise, fiquei até feliz de ler algo relacionado à minha pessoa e formação profissional (...)” – trecho do e-mail enviado por ‘Amigão’

“Obrigada pelo presente (...) não precisa mais nada!!!!” – trecho do e-mail de ‘Angel’

“Adorei sua análise, nem lembrava mais do que tinha escrito. Não tinha me dado conta do quanto realmente os livros são meu refúgio. (...)” – trecho do e-mail de ‘Mari’

²⁶ O modelo da carta de aceite enviada aos leitores professores encontra-se no Anexo 2 da tese. A carta foi impressa e enviada pelo correio para ser assinada, juntamente com um envelope selado para a sua devolução.

Ainda uma questão que desejo salientar é que, de minha parte, não houve uma preocupação em diferenciar questões étnicas, de gênero, idade etc. entre os participantes da pesquisa. Minha busca eram as **vivências de leitura** de cada pessoa, procurando encontrar os **núcleos simbólicos** presentes nas narrativas. Entretanto, devo salientar que, naturalmente, ao se narrar, os leitores vão desenhando seu próprio retrato, não só como leitores, mas também como pessoas ‘de carne e osso’. Ao contarem suas histórias, vão situando, para quem os lê, as suas características particulares; seus trajetos antropológicos²⁷ individuais. Assim, não é difícil inferir a que gênero, época de nascimento, etnia ou espaço geográfico cada um deles pertence.

Com as cartas em mãos, chegou, então, o momento de sair em busca dos **núcleos simbólicos** das narrativas, procurando observar as peculiaridades de cada leitor/leitora, como também os pontos de convergência, buscando as “pregnâncias simbólicas” entre os relatos a mim endereçados, já que é na procura das redundâncias entre os vários **núcleos simbólicos**, que se encontram os **mitemas**. Ou, melhor dizendo: as repetições e as convergências existentes entre os **núcleos simbólicos** atuariam como disparadores para a construção dos **mitemas**.

No estudo de mitologia, principalmente a partir de uma leitura antropológica, um **mitema** é uma partícula essencial de um mito; um elemento irreduzível e imutável, algo como uma molécula em um composto – a menor unidade com sentido que compõe o mito. O **mitema** pode ser um motivo, um tema, um objeto, um cenário mítico. Em termos linguísticos, em sentido amplo, na sintaxe do mito os elementos mínimos são os **mitemas**.

Numa primeira leitura das cartas recebidas, percebi o seguinte: foram-me enviadas cartas tanto de pessoas conhecidas quanto desconhecidas. Os conhecidos eram, por exemplo, ex-colegas de profissão, pessoas com quem interagi na FaE (Faculdade de Educação/UFPEL), ex-alunas do Curso de Letras (UCPel/UFPEL). Depois de certo tempo atuando como docente (18 anos), é comum que se conheça um universo bastante alargado de colegas de profissão. Entretanto, considero relevante ressaltar que o teor das cartas não difere, isto é, independe o fato de me conhecerem ou não, isso parece não alterar o conteúdo das escritas. O que talvez se deva ao que referi anteriormente: de que o gênero epistolar acaba criando certo ambiente propício a confidências, quando existe a disposição de outrem para se narrar.

Outro aspecto que inferi nos relatos é o prazer que transparece nas narrativas, isto é, em contar as memórias de vida-leitura como algo formador, já que mesmo não me

²⁷ Lembrando que o conceito de trajeto antropológico se encontra explicado na página 40 desta tese.

conhecendo e nem ganhando nada com isso, as pessoas se prontificam, se mobilizam na construção de suas histórias e escrevem seus relatos, revelando particularidades de suas vidas, pois a partir da construção das cartas, a vida parece revestir-se de um novo sentido.

Ainda em relação à leitura, observei que a carência de recursos financeiros (e, para alguns, o distanciamento geográfico dos centros urbanos, isto é, o fato de habitarem, por exemplo, a zona rural) não se constituiu em impedimento para que lessem. Nas cartas é possível vislumbrar que quando se quer ler, se consegue livros ou outros materiais de leitura.

Conforme já foi comentado, em minha leitura inicial, comecei a perceber alguns pontos interessantes (a presença do singular/plural): há questões divergentes entre as narrativas (ou específicas de cada pessoa) e pontos convergentes (até mesmo repetitivos). Explico: a maior parte (mas não todos) dos/das leitores/leitoras pode ser chamada de leitores de ‘sucesso’ (pessoas que gostam de ler e que leem bastante); muitos deles são pessoas que fazem pesquisa (cursam ou cursaram Mestrado ou Doutorado).

Analisando as cartas recebidas, separei-as em três grupos (ou em três grandes **mitemas**), devido às afinidades que alguns **núcleos simbólicos** guardam entre si. Considero relevante referir que a leitura que efetuei e as interpretações acerca do que encontrei são simplesmente **uma** realização, dentro de um universo de tantas outras possibilidades interpretativas, caso as cartas que a mim foram remetidas fossem lidas e analisadas por outrem, devido à riqueza das memórias de vida-leitura nelas contidas.

1º **mitema**: a leitura como **Aventura, Descoberta e Construção**. Essas memórias de vida-leitura guardam aspectos entre si que revelam leitoras que vislumbram o ato de ler como uma espécie de **Aventura**, a qual as encaminharia à **Descoberta** de algo sempre novo em suas vidas e, na continuidade desse processo, o que foi eventualmente descoberto lhes serviria de auxílio para a **Construção** de suas trajetórias.

2º **mitema** (somente uma carta): outro espaço se abre para abrigar o leitor que vislumbra a leitura como **Ferramenta**. Mesmo confessando não ser um amante dos livros ou o que poderíamos denominar de ‘leitor de sucesso’²⁸, as memórias de vida-leitura de ‘Amigão’ encaminharam minha análise para compreender a utilização da leitura como uma espécie de **ferramenta** da qual ele se utiliza para realizações em sua trajetória pessoal e profissional.

²⁸ Talvez seja importante mais um esclarecimento a respeito do termo ‘leitor’ que, neste caso, ultrapassa a capacidade de decifrar um texto escrito; isto é, a leitura vai além da prática cotidiana e utilitária de decodificação do código. Os ‘leitores de sucesso’ são aqueles que leem constante e intensamente, com o intuito de se instruírem, se informarem ou por prazer.

3º **mitema**: a leitura como **Refúgio**, **Cura** e **Esteio**. As memórias de vida-leitura dessas professoras revelam trajetórias de pessoas que percebem o ato de ler como um **Refúgio** de uma às vezes dura realidade, de uma existência que não é exatamente a ideal ou a que almejavam; os livros como uma possibilidade de **Cura** para os males do corpo e da alma e ainda como **Esteio** para os momentos difíceis; um ‘porto seguro’ para a equilibração tão necessária ao transcorrer da vida.

Assim, no capítulo a seguir, dar-se-á o encontro com as cartas que narram as memórias de vida-leitura, agrupadas por afinidades simbólicas, e o conteúdo que nelas encontrei, vislumbrei e percebi, ou seja, a análise por mim realizada à luz da Antropologia do Imaginário e da Leitura.

No próximo capítulo, pude perceber a confirmação de meu pressuposto de tese inicial, ou seja, de que é atribuído um **valor simbólico** para a leitura, independentemente do estilo de leitor (mais ou menos assíduo). Percebi que o ato de narrar um fragmento de nossas vidas possui de fato um aspecto formativo e também que o **valor simbólico atribuído à leitura** varia de pessoa para pessoa, de acordo com as necessidades individuais de cada um, no sentido de preencher as faltas peculiares a todo ser humano – a tão buscada equilibração biopsicossocial.

Enviar uma carta é um bom meio de ir a algum lugar sem mover nada a não ser o coração.
Phillis Theroux, s/d

Assim como as chaves abrem cofres, as cartas abrem corações.
James Howell, s/d

6 – As cartas e o que elas me revelaram

Os leitores professores reunidos nesta tese por meio de suas cartas representam, numa espécie de microcosmo, uma ínfima nuance das singularidades e pluralidades inerentes à condição humana, com sua constante necessidade de equilíbrio.

Conforme já mencionei, a interação entre eles e eu aconteceu de modo virtual. Isso significa que (em sua grande maioria) os desconheço física e pessoalmente; entretanto, após a leitura e a análise de cada uma das cartas, creio que pude espiar, por uma pequena fresta, uma fração de suas características: alguns de seus sonhos, projetos e anseios, algumas de suas angústias, dores e aflições, um tanto de suas alegrias e motivações...

Consegui perceber alguns aspectos referentes a eles e às suas vidas por meio da leitura das cartas, pois quando lhes enviei minha carta-pedido, não requisitei dados específicos, como, por exemplo, idade, situação acadêmica, tempo atuando no magistério etc., pois não era o que buscava, nem o foco deste estudo.

Na sequência, apresento o primeiro agrupamento de cartas reunidas em torno do 1º **mitema**.

6. 1-1º mitema: a Leitura como Aventura, Descoberta e Construção

O primeiro agrupamento de cartas consiste na reunião de quinze (15) textos, reunidos por afinidades simbólicas, ou melhor, por apresentarem similitudes entre si no que concerne aos **núcleos simbólicos** por mim encontrados.

Devido às repetições de algumas características encontradas nas cartas (**núcleos simbólicos** semelhantes ou redundantes), agrupei-as em torno do 1º **mitema**, a que denominei de ‘a Leitura como **Aventura, Descoberta e Construção**’.

Essas cartas encontram-se, primeiramente, reunidas em torno de um diagrama exposto um pouco mais adiante. Ao centro, o **mitema** e reunidas, ao redor, as representações de cada uma das cartas; essas representações expressas pelo pseudônimo de cada leitora professora,

seguido da tradução em palavras que designam o **núcleo simbólico** da carta correspondente.

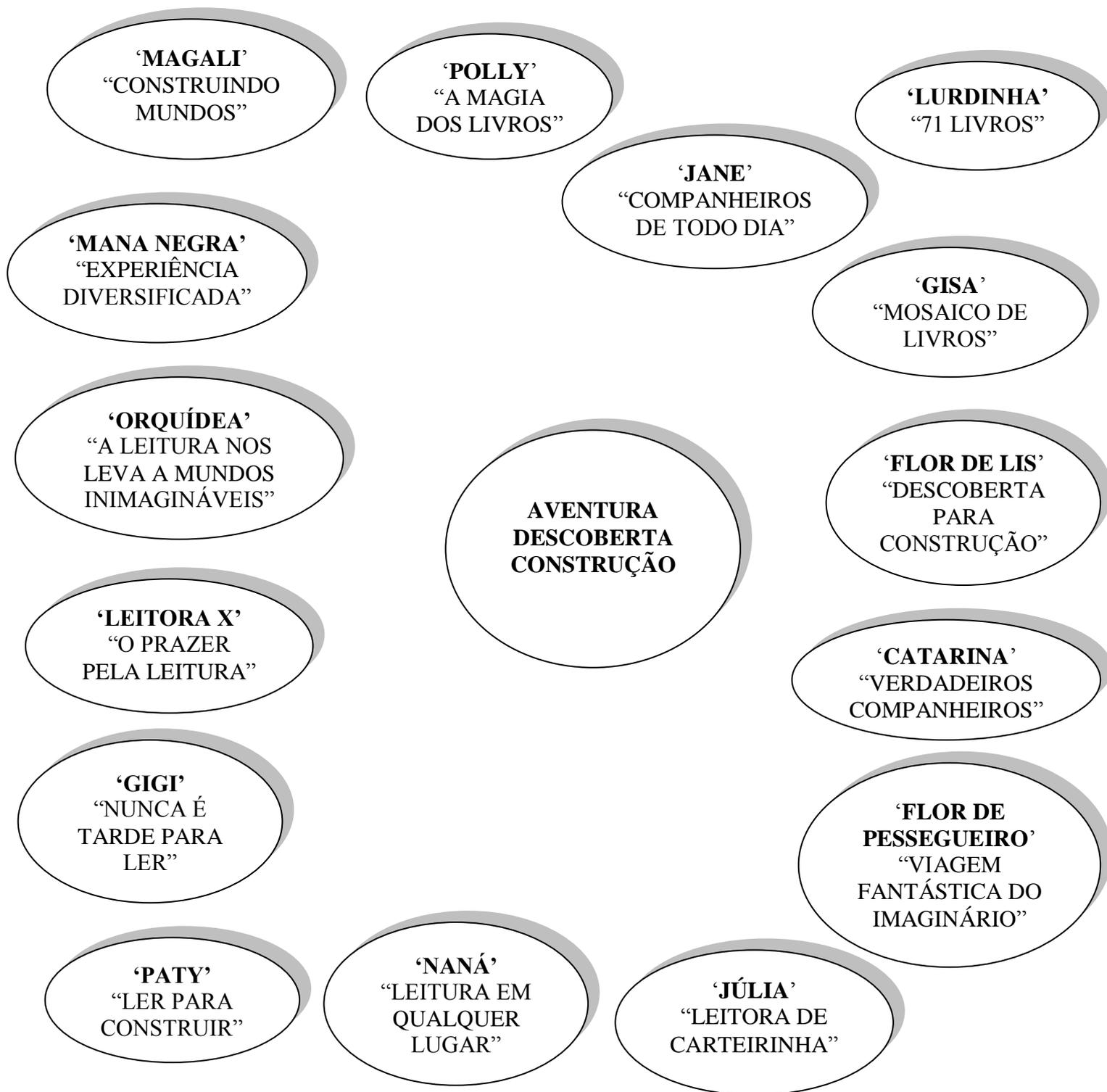
O agrupamento reunido em torno do 1º **mitema** é todo composto por mulheres; de variadas faixas etárias, ministrantes de disciplinas diversas, duas moradoras da zona rural ('Catarina' e 'Flor de Pessegueiro') e treze, da zona urbana, em diferentes estágios de vida, de situação profissional (início, meio ou final de carreira) e acadêmica.

O grupo representado pelo diagrama a seguir guarda em si diversidades individuais e similitudes plurais.

As leitoras professoras reunidas em torno do 1º **mitema** deixaram-me entrever aspectos em comum entre si: elas são **aventureiras** da leitura, por estarem sempre desejando conhecer algo novo; **descobrendo** o desconhecido, para, então, tentar **construir** algo de bom, de belo, de produtivo para suas vidas, suas famílias, seus alunos, suas carreiras. Talvez, as **aventureiras / descobridor**as estejam na busca da concretização do sonho de cada uma.

A seguir, o diagrama que representa os **núcleos simbólicos** de cada uma das cartas reunidas em torno do 1º **mitema**.

Diagrama I - AVENTURA, DESCOBERTA E CONSTRUÇÃO



Uma vez que as palavras dizem, comunicam e exprimem sentimentos, fui buscar em sua etimologia o sentido para os substantivos escolhidos para representar os **mitemas**, isto é, o agrupamento das redundâncias presentes nos **núcleos simbólicos** centrais de cada uma das cartas.

O mitema **Aventura – Descoberta – Construção** relaciona-se com as quinze cartas analisadas a seguir. Nas convergências simbólicas desses relatos percebo uma polarização do Regime Diurno a que Durand (2002) faz referência: a força e o empenho daquelas pessoas que rompem com o estabelecido, indo em busca de tempos e de lugares melhores para si e para os seus. A estrutura heróica é presentificada pelos *schèmes* da ascensão e da separação. Faz-se presente nos relatos a dominante postural, com a tecnologia das armas (no caso, simbólicas) de um guerreiro, como o cetro e o gládio.

Neste primeiro agrupamento de narrativas, há uma convergência simbólica; isto é, reúnem-se imagens semelhantes, homólogas, como uma espécie de variação sobre um mesmo tema, apesar das particularidades existentes em cada uma das cartas.

Assim, são três os substantivos escolhidos para representar o primeiro **mitema**, ou seja, o foco da minha interpretação: **Aventura, Descoberta e Construção**. Faz-se necessário aqui ressaltar novamente que a leitura interpretativa que realizei ao analisar as cartas constitui-se em **uma** possibilidade, já que se trata de um universo de relatos muito rico, multifacetado e que poderia ser explorado por diferentes prismas (e vieses teóricos), dependendo do ponto de vista de cada pessoa que o conhecesse.

Dessa forma, fui buscar na origem etimológica das palavras um pouco do seu significado para uma melhor compreensão:

Aventura – façanha, acontecimento um tanto arriscado. De a + *ventura* e esta do Latim *venturus, ventura, venturum; aventura*, coisas futuras, trazidas pelo *ventus*, vento. Algo por acontecer; do verbo *advenire*, chegar a, alcançar – em Latim: ‘as coisas que hão de chegar’.

Descoberta – de descobrir, do Latim *discooperio*; por a descoberto, destapar; mostrar, deixar ver; achar o ignorado, o desconhecido ou o oculto; aclarar, romper as nuvens.

Construção – do Latim *constructionem*; ato de construir, formar, erigir, edificar, dar estrutura a, explicar, interpretar; concordância das partes de um todo.

Simbolicamente, a **construção** aparece como o próprio símbolo da manifestação universal. Em sentido inverso, toda construção renova a obra da criação. As edificações estão, de certa maneira, no centro do mundo e se prestam ao duplo simbolismo da volta ao centro e

da passagem da Terra ao céu.

A **construção** seria, então, o ordenamento do caos, a harmonização, segundo as leis divinas, da matéria bruta. Do mesmo modo, a alma se acha modelada à imagem de Deus, edificada como a ‘casa’ de Deus. ‘A arte da geometria’ se torna ‘geometria sagrada’. A construção seria, assim, o símbolo do rigor e do método, com os quais deve ser conduzida a experiência espiritual.

Na sequência, as quinze cartas que compõem o grupo relacionado ao 1º **mitema**, acompanhadas de suas respectivas análises.

A carta de ‘Magali’²⁹ – “construindo mundos”

Querida leitora de cartas de leituras...

Minhas leituras tornaram-me o que sou?

*Pensei muito em como começar a escrever sobre como aprendi a ler e a escrever. Parece muito fácil e simplista. Mas, não o é, pelo menos para mim, porque me remete às coisas que vivi na infância e isso tem significado visceral, pois chega até o que **me tornei hoje**.*

Bem, vamos lá...

*Sou a filha do meio. Quando nasci, em 1967, disse minha mãe que as pessoas vinham até o quarto visitá-la e ficavam encantadas com a bebê que havia nascido, mas isso todas as mães terminam falando, não é? Mas eu considero que essa foi a minha primeira leitura: a leitura da vida, do **vir ao mundo** e, a partir dali, **descobrir a que vim nesta vida**.*

*Bem, daquele dia em diante, minha mãe, meu pai, embora muito pobres, muito mesmo, nasci numa casa muito pequeninha, no interior, sem quase nenhuma possibilidade de pensar que faria a maior leitura da minha vida em **conseguir chegar ao que sou hoje**. Mesmo diante das **dificuldades** que tínhamos, minha mãe me conta que eu tinha lá, por volta dos seis anos, **“sede” de ler o mundo** e, naquela época, só entrava na escola aos sete anos de idade. E isso aconteceu: 1974, sete anos. Pronto! Entrava eu para a escola. Minha vontade de ler era tanta que eu comecei a ler em abril – muito em seguida do começo do ano letivo.*

*Eu lembro que a única coisa que eu queria era ler. Na verdade, eu acho que nunca aceitei ser “analfabeta”. Talvez isso me incomodasse, não entendia, não aceitava não compreender as coisas que me cercavam. E olha que até hoje isso está presente em mim. Não aceito ser analfabeta, não ler a vida, as dores, as alegrias; enfim, as **possibilidades do viver**.*

*Bem, a minha inserção ao mundo das letras se deu por um meio, ou melhor, o único meio que eu tinha por perto: os **gibis!!!** Sim, os gibis foram os meus melhores amigos e o **despertar para as letras**. Queria muito saber o que os desenhos em quadrinhos falavam e isso me bastava... me bastou! Até hoje quando olho para os “gibis”, lembro a minha sede de*

²⁹ Magali é o pseudônimo escolhido pela leitora professora que foi a primeira pessoa a enviar sua carta. A escolha pelo codinome ‘Magali’ (fome de compreender e ler o mundo!) se deve à sua predileção pela leitura de gibis; como se sabe, Magali é uma das mais conhecidas personagens de Maurício de Souza.

* **Todos os trechos em negrito nas cartas são marcações minhas.**

livros. *Pôxa! **Sonhava** em ter muitos livros, mas isso era impossível, porque em casa a “grana” era curta e sem possibilidades de comprar livros. Isso me vira do avesso, porque eu lembro a minha mãe-costureira, trabalhando noites e noites, madrugadas frias que a minha terra natal costuma ter. **Minha mãe trabalhava demais para poder nos dar o que de melhor ela tinha para nos dar, que era a nossa escrita e leitura para o mundo!** Por isso, falei lá no início da minha carta que falar das minhas leituras não seria, para mim, fácil! Traz aos meus olhos a lembrança daquela noite fria demais e a minha mãe curvada na máquina de costurar e eu, **pela primeira vez, disse a ela: mãe, eu já sei ler!!!** Sentei, bem pertinho daquela “mulher – força” e peguei o gibi da história do Cascão e da **Magali** e li... Li como ninguém; **fiz o meu melhor, porque queria que a minha mãe ficasse orgulhosa de mim.** E é claro que ela ficou. Até hoje diz que li no primeiro mês que entrei na escola.*

*As minhas leituras não pararam mais, fui logo em seguida me associar na Biblioteca e daí sim comecei a ler: Cinderela, Branca de Neve, Os Três Porquinhos, José de Alencar, Mario Quintana. Fui **construindo** alguns **mundos**, algumas **sobrevivências pelos e através dos meus livros**. Busco na leitura respostas breves, mas são respostas ao que me constrói, o que me faz ver de outras e de tantas formas a vida!*

Mas, na verdade, eu queria aproveitar esta oportunidade de falar das minhas leituras e dedicar à minha mãe este breve escrito, pois ela foi a grande presença que, ao comprar com muito custo os meus gibis, me tornou o que sou hoje: professora, mãe e uma filha que vê nessa “mulher-força” a maior leitura que fiz até hoje: a do amor maior e infinito e ainda abençoado pelos livros. Ah! E quero fazer meu último registro: hoje em dia, minha mãe, após duas esquemias, entrou na Faculdade de Moda em um processo inverso ao meu de filha. Entra aos 63 anos, para ler o que não havia dado tempo, pois afinal o que ela mais queria mesmo é que os filhos primeiramente lessem e escrevessem pela vida afora!

*É isso! Despeço-me com um grande abraço e na certeza de que a tua tese será uma obra e tanto para nós que **descobrimos a vida pela leitura!***

Carinhosamente,

“Magali”

* * *

‘Magali’ é uma desbravadora das letras, aventura-se para descobrir e vai construindo seus caminhos com destemor, porque “tem fome de compreender e de ler o mundo”. Usando suas próprias palavras, sua carta tem uma característica visceral. Tal visceralidade pode ser

lida também à luz do que Dominicé (2010, p. 220) salienta ao referir que “a dimensão afetiva acompanha todos os tempos fortes da existência”. Ao se narrar, volta até a infância, enfocando seu forte desejo de aprender a ler. Enfatiza essa fase, sublinhando que sua vontade se dava por dois importantes motivos: ler para melhor compreender o mundo e para ‘presentear’ sua mãe com o feito que ambas consideram, ainda hoje, grandioso. Embora muito jovem, percebia os esforços da figura materna – a quem se refere como “mulher-força”. Vejamos, a seguir, um trecho da carta:

Minha mãe trabalhava demais para poder nos dar o que de melhor ela tinha para nos dar, que era a nossa escrita e leitura para o mundo!

Transparece, no relato de Magali, um componente heroico, de características ascensionais a que Durand faz referência, numa predominância do Regime Diurno, assim como a presença latente do arquétipo materno. Espelhando-se na bravura da genitora, ela também acaba se transformando numa pessoa dotada dessa característica. Aprendendo a ler bem e com rapidez, ela encontra um modo de recompensar a mãe costureira, que se desdobra em trabalhos braçais nas noites frias de sua terra natal para proporcionar uma vida melhor aos filhos. O processo é, simultaneamente, intelectual e afetivo, conforme esclarece Dominicé (2010, p. 221).

Esta carta também me remete a palavras de Nóvoa (2010, p. 181) (já referidas neste texto), quando menciona que “a narrativa biográfica elabora-se através da reconstrução retrospectiva de um dado percurso de vida”. No caso de ‘Magali’, seu relato volta-se mais fortemente para o período de sua infância.

Quanto à questão da leitura propriamente dita, talvez seu suporte inicial não seja aquele mais desejado pelos estudiosos dessa temática: os clássicos infantis ou os livros didáticos. Entretanto, os gibis desempenham muito bem o seu papel, fazendo desabrochar a leitora curiosa (pela descoberta) de todas as coisas que ela parece ser até hoje, mais de quatro décadas depois de seu nascimento. Na magia dos quadrinhos, a menina encontra a sua “margem de manobra” a que Petit (2009, p. 76) faz alusão, “uma verdadeira abertura para um outro lugar, onde o devaneio, e portanto o pensamento, a lembrança, a imaginação de um futuro tornam-se possíveis”. Em suas memórias de vida-leitura, demonstra a grande importância atribuída a essa prática na constituição de um sujeito. Conclui-se o ciclo: aventurar-se para descobrir; descobrir para poder construir a vida.

A Carta de ‘Polly’ – “a magia dos livros”

Pelotas, 18 de outubro de 2011

Querida amiga Flávia,

Não sei por que, mas minhas mãos tremem enquanto eu vou tentando contar um pouquinho da minha história de leitora. Talvez seja pela saudade de ser criança.

Mesmo antes de entrar para a escola eu já gostava muito de brincar com papel. Gostava de pintar em cima das figuras de encartes de jornais e de revistas, era este material que chegava às minhas mãos naquela época.

*Entre todas estas coisas as que mais me encantavam e **davam medo eram as revistas que o meu tio me trazia** (revistas Sentinela).*

*Aquelas revistas tinham ilustrações que **aguçavam meus sentidos**. Primeiro eram os animais que eu pintava com muito esmero. Depois vinham figuras com homens de chifres ameaçando sempre um homem barbudo que parecia ser muito bonzinho.*

Nunca perguntei para ninguém qual o significado do homem barbudo, nem quem era aquele com chifres e cara de mau. Só mais tarde entendi de quem se tratava.

*Foi, **também, graças a este tio que ganhei meu primeiro livro**. Na verdade, ele foi dado para os meus pais que, pelo visto, não gostavam nada daqueles presentes.*

Bem, este primeiro livro era simplesmente lindo, não era muito grande, tinha uma capa azul clara e era cheio de letras.

Nessa época, eu já sabia ler e esse livro me acompanhava sempre, embora eu nunca passasse da quinta página.

Meus pais ficavam preocupados, achando que eu ia seguir a religião dos meus tios. O que eles não sabiam é que a minha paixão era o “livro”, a cor, a textura das páginas, o cheiro de novo.

Depois deste livro eu não parei nunca mais, bebi os rios do meu atlas geográfico novinho em folha com um prazer que só uma criança pode achar em uma coisa tão simples.

Sempre fui rata de biblioteca e lia tudo o que me mandavam na escola. Nunca achei aqueles livros chatos, pelo contrário, eu viajava por todos os lugares, era a mocinha, aquela que sempre fazia tudo ficar bem no final.

Uma coisa puxa outra e quem gosta de ler sempre acaba encontrando bons livros e

eles sempre vinham. Alguém sempre se lembrava de mim e me emprestava o que estava lendo. Assim eu nunca ficava sem nada para ler.

O primeiro livro que eu comprei foi em uma banca de jornal; nesse dia eu pedi dinheiro para minha mãe. Certa de que ia fazer falta para alguma coisa em casa, valeu a pena, nunca mais parei de comprar livros.

Este livro, em especial, o primeiro, chamava-se “O Rapaz Que Suava Só Do Lado Direito”. Não tinha capa dura, mas cheirava a novo e tinha uma história bem picante para uma guria já mocinha, mas que não podia ver Gabriela Cravo e Canela na TV.

*A primeira leitura que influenciou e influencia até hoje o meu modo de ser é **Pollyana** (moça e menina). Tinha tudo a ver comigo e me serve até hoje, principalmente nos momentos difíceis.*

Li muitos livros do Sidney Sheldon, até perceber que eles eram todos muito parecidos; foi bom enquanto durou.

Depois veio Millan Kundera. Meu Deus, me apaixonei perdidamente por ele. Ainda guardo memórias de a “Insustentável Leveza do Ser”.

Não sou muito fiel em matéria de literatura. Tive e tenho muitos amores.

*Invejei Pilar, por ser amada por Saramago, teria ido embora com ele a qualquer momento se ele me chamasse. Quando li “Todos os Nomes” eu queria tocar no autor. Era pura **mágica**. **Eu estava dentro do livro. Sentia cheiro das certidões, dos registros**, eu queria ser a mulher que o personagem tanto procurava. Era o Saramago que estava procurando e era eu que estava sendo procurada.*

*Não pude evitar ficar “caidinha” pelo Gabriel, digo, Garcia Marques. Quando li “Cem Anos de Solidão”, na parte em que ele narra sobre as borboletas, é pura **fantasia**, é **espiritual**, é **transcendental**.*

Flavinha, acho que estou perdendo o rumo, minha amiga, eu sou um pouco de cada autor ou autora.

Já fui Lya Luft em “as Parceiras”, já fui a bruxa Morgana nas “Brumas de Avalon”, queria andar na garupa do Capitão Rodrigo, era um índio de Dee Brawn, fui Eva Luna da minha querida Isabel...

Sou alguém que necessita bem pouco para ficar feliz, um filho risonho, um gato no sol, amigos com saúde e um livro.

*Só para te contar a última, estou de amores com Mario Vargas Llosa. Faltam pouquinhos livros para eu ler “tudo” que ele escreveu. Fico meio passional, quero ser **dona***

do autor.

Em cada livro que leio roubo um pouquinho da alma do escritor e dou um pouquinho do meu amor e da minha gratidão.

Que seria da humanidade sem a magia dos livros, sejam eles quais forem. Cada ser humano necessita de um estilo, de uma forma, não importa se é ficção, romance, auto-ajuda, gibi ou um atlas geográfico.

Flavinha, obrigada por esta oportunidade, fazer uma viagem no tempo em cada um destes livros me fez muito bem. Já não tremo mais as mãos, meus olhos estão molhados e minha boca não para de sorrir. Fiquei feliz. Me fez bem escrever.

Um grande beijo para ti que é sem dúvida uma pessoa muito especial e muito querida por mim e por todos que convivem contigo.

Polly

* * *

Motivada por sua narrativa animada e intensa, denominei o núcleo simbólico de ‘Polly’ de “a magia dos livros”. Transparece em seu relato o encantamento que sente em relação à leitura e todo o prazer que ela lhe proporciona; prazer também demonstrado ao final de sua carta, pela ocasião de narrar suas memórias de vida-leitura:

Flavinha, obrigada por esta oportunidade, fazer uma viagem no tempo em cada um destes livros me fez muito bem. Já não tremo mais as mãos, meus olhos estão molhados e minha boca não para de sorrir. Fiquei feliz. Me fez bem escrever.

Os livros, através de sua materialidade, encantam-na em todos os tempos e momentos da vida. Poderia dizer que ela faz parte do grupo de leitores que são devoradores de livros; o grupo que aprecia a quantidade, aqueles que desejam ler tudo o que for possível – e quanto mais, melhor. Em suas palavras refere o desejo de ser “dona do autor”.

Relaciono sua carta ao núcleo simbólico acima referido, percebendo aí uma polarização do Regime Noturno, ou seja, do devaneio em que se recria o vivido e assim re-inventa-se ao narrar.

O relato de ‘Polly’ (abreviatura de Pollyana – uma de suas personagens prediletas) apresenta um teor alegre, pontilhado de positividade; ela é uma ‘descobridora’ que não teme os desafios; então, por isso, transparecem, também, características ascensionais em sua narrativa.

Nesta carta presentifica-se a força motora do Imaginário, em sua concepção ampliada,

entendendo-o como uma instância mediadora, organizadora das experiências humanas; Imaginário que impulsiona a leitora de maneira a lançá-la em suas buscas e emocionar-se de maneira mágica com tudo aquilo que lê, desde a mais tenra idade. As palavras que utiliza para se referir à leitura ajudam a confirmar essa interpretação: ‘fantasia’, ‘espiritual’, ‘transcendental’ e ‘magia’. Polly parece construir um sentido para a “trama das imagens que vai sucessivamente tecendo ao longo da sua experiência humana”. (ARAÚJO & ARAÚJO, 2009, p. 16)

A carta de ‘Polly’ remete minha reflexão aos ensinamentos de Petit (2008a) (já referidos nesta tese) quando ela refere que a leitura instaura um ritmo diferente, uma outra temporalidade; que através dela passa a existir uma possibilidade de se ter acesso a um outro lugar, a um outro tempo, mencionando a inquestionável hospitalidade do livro, da língua literária, da literatura como um lar, pois afirma que os escritores nos presenteiam com uma geografia, uma história, uma paisagem onde se retoma o fôlego, abrindo as portas para outro tempo, em que a capacidade de sonhar tem livre curso, permitindo imaginar ou mesmo pensar outras possibilidades.

A Carta de ‘Jane’ – “companheiros de todo dia”

Meu nome é (...). Fui professora no ensino médio do Colégio Municipal Pelotense e no Colégio São José e, por trinta e três anos, professora de Inglês, Literaturas de Língua Inglesa e Português, na Universidade Católica de Pelotas. Estou aposentada e, tendo prestado concurso público, sou Tradutora e Intérprete Juramentada.

*Minhas memórias de leitura são muito antigas. Meu pai me alfabetizou e eu li muito cedo. Era muito sozinha, uma vez que meu pai comandava uma coudelaria (estação de criação de cavalos de raça para o exército) no Paraná, e **os livros eram meus companheiros de todo dia**. Isso continuou até meus oito anos, quando viemos para Pelotas e, então, comecei a frequentar a escola. Nesse momento, já havia lido Monteiro Lobato e amava Tarzan. Meus presentes favoritos (ainda tenho guardada uma carta para Papai Noel) eram livros, sempre livros.*

No início da adolescência, descobri uma prateleira “proibida” na estante de livros e comecei a ler Pitigrilli, Eça de Queiroz e outros que ainda não me eram permitidos. Ao mesmo tempo, me deleitava com Madame Delly, Pollyana e congêneres.

*Quando comecei a Faculdade de Direito, **a biblioteca me deslumbrou, me consumiu**. Acho que, pela primeira vez, tive consciência de tudo que havia para ler, de tudo que estava disponível e eu precisava ler. Flaubert, Balzac, Zolá, Clarice Lispector, Jorge Amado, com uma fascinante cultura que **eu não conhecia**. Foi o começo e nunca mais consegui me desvencilhar. Sou, assumidamente, uma **leitora compulsiva – ler é meu maior prazer na vida**.*

Em função do trabalho, li muitos dos clássicos norte-americanos e ingleses. Gosto de Scott Fitzgerald, Emily Dickinson, Tennessee Williams, Shakespeare e Robert Frost.

Atualmente, estou bem eclética. Tenho lido quase todos os bestsellers – Stieg Larsson, Isabel Allende, Mario Vargas Llosa, a saga de Harry Potter e a linda e romântica história de amor de Bella e Edward.

Também, como sou eu que forneço os livros que as escolas pedem a minhas netas, como projeto de leitura, normalmente leio antes de entregar a elas.

Finalmente, é preciso confessar que passo por um período em que preciso também de “literatura trash” (isso existe?). Então, tenho lido, em Inglês, Christine Feehan, Herrilyn Kenyon, Charlene Harris etc., cujos livros contemplam vampiros, lobisomens, transmorfos e assemelhados.

Leio em todos os momentos possíveis: comendo, esperando minhas netas para levá-las de um lugar a outro, secando o cabelo, antes de dormir, na fila do banco...

Gostei de falar sobre minhas leituras. Obrigada por teres me convidado.

P.S.: Há alguns anos, por necessidade, comecei a anotar os títulos dos livros que leio. Neste ano de 2011, já li, até agora, sessenta livros.

* * *

No relato de ‘Jane’ (e nossa cara leitora escolhe este pseudônimo porque ama Tarzan), há pontos de convergência com a narrativa anterior, a carta de ‘Polly’. As duas apresentam-se como grandes entusiastas pelos livros. ‘Jane’ aprecia qualquer tipo de leitura, consagrando-se como uma leitora da vida toda e de todos os momentos. Vislumbro em seu depoimento o núcleo simbólico dos livros como “companheiros de todo o dia”.

Bastante cedo, em sua vida, a leitura passa a acompanhá-la e ela parece descobrir, no mundo dos livros, um universo paralelo àquele que a rodeia na materialidade cotidiana.

Sua carta toda é interessante, principalmente pela grande variedade de suas leituras.

No trecho a seguir, ela demonstra para quem a lê o modo como os livros fizeram e fazem parte de sua vida:

Quando comecei a Faculdade de Direito, a biblioteca me deslumbrou, me consumiu. Acho que, pela primeira vez, tive consciência de tudo que havia para ler, de tudo que estava disponível e eu precisava ler. (...) uma fascinante cultura que eu não conhecia. Foi o começo e nunca mais consegui me desvencilhar. Sou, assumidamente, uma leitora compulsiva – ler é meu maior prazer na vida.

Ter acesso a esse saber, ainda muito jovem, pode ter modificado as linhas de seu destino escolar, profissional e social. (PETIT, 2008a)

Ao contar sobre as obras lidas, ‘Jane’ parece desenhar uma espécie de mosaico; cada peça compondo a imagem de sua trajetória de leitora, pois como ela mesma refere: *Leio em todos os momentos possíveis*.

Em qualquer idade, a leitura pode se constituir num caminho de construção de si, no qual alguém pode se pensar, dando sentido à sua existência, à sua própria vida; dando forma a seus desejos e sonhos. (PETIT, 2008a)

‘Jane’ parece construir para si um tipo de espaço diferenciado, algo que deixa lugar para o secreto, para a livre escolha, propiciando aquilo a que Petit (2008a) denomina de **descobrimientos** singulares para a **construção** de si.

A Carta de ‘Lurdinha’ – “71 livros”

Pelotas, 17 de agosto de 2011

Prezada Flávia,

Tudo bem contigo? Quero-te dizer que é uma satisfação escrever esta carta e assim contribuir com a tua pesquisa de doutorado.

*Confesso-te, inicialmente, que em tempos de telefone celular, internet, facebook, emails..., **realizar o exercício de escrever uma carta é algo que me trouxe um certo saudosismo** de uma fase da minha vida em que eu morava aqui em Pelotas, com a minha avó, e os meus pais e minhas irmãs em Porto Alegre. Escrever cartas era o meio de comunicação que possibilitava a nossa aproximação; a espera pela passada do carteiro na rua em que eu morava era por mim aguardada sempre com muita expectativa. Encontrar embaixo da porta uma carta, e naquele tempo ainda em um envelope branco com riscos verde-amarelos era motivo de muita alegria para mim, pois dentro daquele envelope havia notícias de pessoas dos meus afetos.*

Mas bem, Flávia, a minha intenção ao te escrever esta carta é te contar um pouco da minha história de aproximação com a leitura.

Fui uma criança que ingressou na escola na 1ª série do ensino fundamental, não passando pelo Jardim de Infância; isso indicava que a minha entrada na escola era para aprender a ler e a escrever. O meu processo de alfabetização, acredito que tenha sido tranquilo, tenho até hoje lembranças da escola, da sala e da professora, mas não da primeira cartilha e nem de livros de literatura infantil que por ventura pudessem estar presentes na escola.

*Durante a minha escolarização no ensino fundamental, lembro-me da **presença dos livros didáticos** acompanhando os meus estudos, fui sempre aluna de escola pública e os livros eram emprestados pela escola, exigindo de mim muito **cuidado com a manutenção deles**, pois seriam devolvidos no final do ano. Fato que seguia o ritual de encapá-los, mesmo que fosse com papel de presente e plástico, para poder garantir um capricho maior com os cuidados dos livros didáticos.*

Na minha casa não existiam livros de literatura (romances, suspenses, dramas policiais), nem gibis ou revistas; morando com a minha avó quando criança, a cultura da compra destes não existia, talvez pelo pouco interesse na leitura ou ainda por falta de possibilidades financeiras.

Flávia, as **lembranças mais marcantes** do meu maior interesse em aproximar-me da leitura de livros clássicos da literatura brasileira, me reportam à minha **adolescência**, mais exatamente ao período dos meus 14 aos 17 anos, e atribuo a uma enorme influência de um **amigo, que por ser apaixonado por livros**, me levou a encantar-me também pelo prazer da leitura. Guardo até hoje uma lista com um número de **71 livros lidos nesse período**, muitos emprestados por este amigo, e outros emprestados da biblioteca da escola onde estudava e da Biblioteca Pública Pelotense, das quais passei a ser sócia, pois não possuía condições de comprar livros naquele momento da minha vida.

O Pequeno Príncipe, de Antoine Saint Exupéry, O Tronco do Ypê, de José de Alencar, Pollyanna, de Eleanor H. Porter, Asas Partidas, de Khalil Gibran, Dom Casmurro, Machado de Assis, Os Elefantes Não Esquecem, de Agatha Christie, O Cortiço, de Aluísio de Azevedo, estão nesta **lista que fui procurar em uma caixinha em que guardo algumas coisas com significados afetivos**, que mesmo com o passar do tempo não consigo me desfazer.

Após a adolescência e com o ingresso na Universidade, no Curso de Licenciatura em Educação Física, passo a realizar leituras de textos, polígrafos, revistas e livros com temáticas acadêmicas relacionadas à minha área de estudo. A continuidade da minha trajetória profissional, através da Especialização, do Mestrado, e também o meu envolvimento familiar, criou o meu distanciamento, ou um **rompimento com o hábito de leitura** de livros de literatura clássica (romances, dramas, suspense), que por um período da minha vida foi muito presente e marcante, o qual reconheço que até os dias de hoje não voltei a (re)incorporar no meu cotidiano.

Atualmente, sou doutoranda do PPGE/FAE/UFPEL da Linha de Pesquisa de Formação de Professores: Ensino, Processos e Práticas Educativas e tenho intensificado muito as minhas leituras em temáticas relacionadas à formação de professores, à Pedagogia da Comunicação e experiências de práticas pedagógicas coletivas no cotidiano escolar.

Bem, Flávia, escrever esta carta para ti me proporcionou **a satisfação de remexer nas minhas memórias**, de reviver momentos da minha infância, adolescência; enfim, de realizar uma viagem ao passado, relembando histórias das minhas leituras.

Desejo que possas me mandar notícias da tua pesquisa, que tu também me escrevas uma carta, pois ficarei esperando com muita expectativa... expectativa de outrora pelo carteiro...

Um forte abraço para ti
'Lurdinha'

* * *

De modo um tanto curioso, para mim, descubro, nos relatos de ‘Jane’ e de ‘Lurdinha’ uma prática que considero inusitada: a de se fazer listas dos livros lidos. Confesso que também sou uma apreciadora dessas listas (as minhas costumam ser anuais e nelas coloco somente os livros ditos ‘de lazer’ – os acadêmicos e os didáticos têm ficado de fora).

‘Lurdinha’ pontua muito bem as suas memórias de infância, referindo-se aos cuidados com os livros da instituição pública na qual estudava, o que transparece um apreço inicial pela escola.

Da adolescência, possuí, ainda hoje ‘*em uma caixinha em que guardo algumas coisas com significados afetivos*’ uma lista com 71 livros lidos naquele período e a presença do amigo que lhe estimulava e lhe convidava a conhecer obras que achava interessantes.

‘Lurdinha’, assim como outras leitoras, foi uma frequentadora do que Petit (2008a, p. 168) denomina de terra de liberdade, de eleição: a biblioteca da escola e a Bibliotheca Pública de Pelotas, pois refere que ‘*não possuía condições de comprar livros naquele momento da minha vida*’. Fato que não lhe impediu de ler.

Ela também se diz surpresa com o exercício da escrita de uma carta, algo pouco comum nos dias de hoje. Isso a faz lembrar-se de tempos de outrora em que se correspondia com os pais e as irmãs. Refere que esse movimento a fez ‘remexer’ em suas memórias, algo que considero positivo e formador.

‘Lurdinha’ também pertence ao grupo vinculado ao **mitema Aventura – Descoberta – Construção**, pois é alguém que se aventurou pelas bibliotecas, descobrindo uma quantidade de livros maravilhosos para si; ela permitiu a companhia de um amigo que lhe fez as vezes de mediador e incentivador da leitura, entusiasmando-a na sua construção de ser sujeito.

Alguns períodos de pausa fazem parte da natureza da atividade de leitura – sabe-se que há momentos da vida em que se sente, de maneira mais ou menos imperiosa, a necessidade de ler. Não se entra na leitura ou na literatura como se abraça uma religião. Então, como os trajetos dos leitores são descontínuos, marcados por períodos de interrupções breves ou longas, acredito que o ‘rompimento’ de ‘Lurdinha’ com o hábito da leitura provavelmente seja algo de momento, uma questão passageira, pois, quem sabe, em breve, deverá retomar a prática de ler por prazer, constituindo, novamente, uma bela e extensa lista de livros.

A carta de 'Gisa' – “mosaico de livros”

Embora tenha um grande hiato nesta trajetória, me vejo leitora desde sempre. Lembro-me de ler, ainda criança, livros de histórias infantis, coleções clássicas como “O Mundo da Criança”, “As Mil e Uma Noites”, Enciclopédias, fascículos como “Conhecer”, coleções de história da arte, até chegar, ao fim da infância e durante a adolescência, a esgotar toda a obra de alguns autores nacionais e estrangeiros (seguidamente precisavam refazer minha ficha de “sócia” da biblioteca da escola porque acabavam os espaços para registro de retiradas). Numa mistura eclética de estilos, nacionalidades e contextos, li Machado de Assis, Jorge Amado, Ágatha Christie, José Lins do Rego, Ernest Hemingway, Maria José Dupré, Érico Veríssimo, José de Alencar, Eça de Queiroz e muitos outros. Mas também li coleções de bolso, estilo “Brigitte Montfort”, revistas como “O Cruzeiro” e “Realidade” e muito gibi. Tudo isso, antes de entrar na faculdade. Mas hoje percebo que as minhas escolhas eram pouco ousadas. Nenhum clássico de peso, nada de Filosofia, nenhum transgressor “da moral e dos bons costumes”, nenhum poeta revolucionário... Com exceção, talvez, de Jorge Amado, da sedutora Brigitte e da “Rainha do Suspense”, todo o resto tendia ao convencional e ortodoxo.

Quando ingressei na faculdade, o tempo para leitura foi rareando. Na verdade, passou a ser ocupado pelas leituras “obrigatórias” à minha formação profissional. A “coisa” foi piorando até chegar a um período da minha vida em que cheguei a passar anos sem ler uma única obra de ficção! Foi o tempo de minha formação de pós-graduação paralela a muito trabalho, filho pequeno, etc., etc., etc. De qualquer forma, as leituras específicas – técnicas, acadêmicas, políticas – continuaram.

Aos poucos, fui retornando à ficção. Hoje, aos 50 anos, ainda transito pouco por ela. Mas, pelo menos, não está mais excluída das minhas possibilidades. Leio literalmente “de tudo um pouco” – mais ou menos intimista, mais ou menos realista, mais ou menos comercial, mais ou menos açucarado. Via de regra, leio o que um amigo específico me indica. Ele tem mais paciência do que eu para “garimpar” boas leituras e, como temos interesses semelhantes, acabo, a cada vez que o visito, saindo com meia dúzia de livros embaixo do braço os quais se “hospedam” na minha casa por meio ano, às vezes mais... O que não me chega através dele são livros sobre relatos históricos ou que misturam ficção e história – do tipo de “O Príncipe Maldito”, “A Casa das Sete Mulheres” ou “Adriano” – os

quais me agradam bastante.

Hoje, estou vivendo uma “safra” ruim: tenho na cabeceira “A Elegância do Ouriço” – que estou achando muito chato – o qual intercalo com “Cidades Invisíveis”, que também não tem me agradado. Isso faz com que há meses eu não renove minha “fila de espera” de livros, já que raras são as vezes em que não concluo uma leitura. Ao contrário, se gosto realmente de um livro, sou capaz de virar uma noite em claro para, literalmente, devorá-lo. Aí, não preciso de silêncio ao redor; posso ler no meio de uma festa. Caso contrário – se a leitura me interessa pouco – preciso de silêncio absoluto.

Dessa “trajetória” fica a certeza sobre o papel fundamental da leitura na minha formação. Sem ela não seria a mesma pessoa. Todas as vidas que vivi, todas as experiências que acumulei, todas as lágrimas e todos os risos que só através dela me foram possíveis sentir, me tornaram muito melhor do que eu seria sem ela. Vejo, inclusive, que muitas das minhas posturas, das minhas escolhas, das minhas decisões ou omissões vida afora têm a ver com as escolhas de leituras, especialmente as da infância e da adolescência.

Por outro lado, a leitura proporcionou a relativa facilidade com que me expresso através da escrita, o que foi fundamental em inúmeras situações de vida. Das cartas para o namorado à ascensão profissional a partir da formação acadêmica, da alternativa de poder escrever ao invés de falar – dificuldade que a timidez da adolescência me impunha – passando pelo respeito provocado por “quem sabe escrever”, só devo graças ao que a leitura me acrescentou.

*Fica a preocupação, quase desespero, em assistir à formação de gerações de “não leitores”. Brigamos tanto pela garantia de amplo acesso aos livros, à informação, à cultura e hoje, quando este acesso é muito maior do que o foi para gerações anteriores, parece ser muito menor o interesse por ela. Por mais que as “relações midiáticas” também tenham sua riqueza e sua importância, não me parece que possam substituir **tudo o que a leitura é capaz de proporcionar.***

Gisa

Pelotas, agosto de 2011

* * *

A carta de ‘Gisa’ emociona-me (assim como outras tantas) pela beleza de suas palavras e pela maneira rica como se expressa. Tenho a impressão de estar lendo algum trecho

de livro escrito por um daqueles inúmeros autores que são tão caros aos fãs da leitura. Apesar de não conhecê-la pessoalmente, sinto o desejo de procurá-la para lhe cumprimentar, talvez dar-lhe um abraço de agradecimento devido ao conteúdo de sua escrita.

Desejo, ainda uma vez mais, ressaltar um trecho de sua carta no qual reforça a importância que ela atribui à leitura, vindo ao encontro do meu ponto de vista sobre o valor simbólico a ela outorgado:

Dessa “trajetória” fica a certeza sobre o papel fundamental da leitura na minha formação. Sem ela não seria a mesma pessoa. Todas as vidas que vivi, todas as experiências que acumulei, todas as lágrimas e todos os risos que só através dela me foram possíveis sentir, me tornaram muito melhor do que eu seria sem ela. Vejo, inclusive, que muitas das minhas posturas, das minhas escolhas, das minhas decisões ou omissões vida afora têm a ver com as escolhas de leituras, especialmente as da infância e da adolescência.

Por outro lado, a leitura proporcionou a relativa facilidade com que me expressei através da escrita, o que foi fundamental em inúmeras situações de vida. Das cartas para o namorado à ascensão profissional a partir da formação acadêmica, da alternativa de poder escrever ao invés de falar – dificuldade que a timidez da adolescência me impunha – passando pelo respeito provocado por “quem sabe escrever”, só devo graças ao que a leitura me acrescentou.

‘Gisa’ é uma das leitoras que ‘materializa’ as palavras de Petit sobre a leitura. A autora (2008) refere que todos têm direitos culturais; o direito ao saber, mas também (e eu diria, principalmente) o direito ao Imaginário, o direito de apropriar-se de bens culturais que contribuem, em cada idade da vida, para a **construção** ou para a **descoberta** de si mesmo; uma abertura para o outro, para o exercício da fantasia – sem o qual não existe o pensamento e tampouco a elaboração do espírito crítico. Cada homem e cada mulher têm direito de pertencer a uma sociedade, a um mundo, através do que têm produzido aqueles que o compõem (textos, imagens, de onde escritores e artistas têm tratado de transcrever o mais profundo de toda a experiência humana). E ‘Gisa’ constrói um rico, colorido e trabalhado **mosaico**, com suas leituras de diferentes estilos e de toda a vida; obras que a tocam [é lindo o trecho em que ela refere que “sem ela (a leitura) não seria a mesma pessoa”]: vidas que viveu, experiências acumuladas, lágrimas e sorrisos, posturas e escolhas, decisões e omissões que a moldaram na pessoa que é.

A Carta de ‘Flor de Lis’ – “descoberta para construção”

Ao voltar no tempo e buscar lembranças de minha infância, lembro-me de um ano distante numa cidade não tão distante. Eu devia ter uns 6 anos, já frequentava a primeira série, estávamos já no meio do ano letivo e eu ainda não sabia ler.

Minha mãe sempre foi muito rígida comigo. Ela me ajudava no tema de casa. Estava preocupada, pois eu ainda não lia, o que significava que reprovaria. Lembro-me de nós duas sentadas na mesa da sala. Sobre a mesa, meu caderno, lápis, borracha...

A palavra era “hospital”, eu não conseguia ler. Não compreendia que a letra “h” não tinha som, como eu iria lê-la? Aquilo era um mistério... e minha mãe não sabia disso. As lições de casa eram torturantes, ela não sabia lidar com isso e tampouco comigo...

De repente, como num passe de mágica, eu comecei a ler! Aquilo foi maravilhoso para mim, uma felicidade imensa. Queria ler tudo o que via pela frente, placas na rua, rótulos de produtos, tudo! Sempre pedia para minha mãe comprar aquelas sopas de letrinhas, sabe? Adorava olhar as letras surgirem no prato e juntá-las para formar sílabas e palavras.

*Agora que sabia ler, a **descoberta dos livros** foi uma consequência. Lembro-me do primeiro livro que li: “Reinações de Narizinho”. Era um livro grande, de capa verde. Quando fecho os olhos posso ver Narizinho e Emília indo visitar o reino das águas claras e viver muitas aventuras por lá...*

O segundo livro foi “Lúcia já vem vindo”. Li inúmeras vezes. Contava a história de uma lesma que era convidada para uma festa, mas ela era tão lenta que quando chegava à festa, esta já tinha acabado. Meu pai adorava este livro, sempre ria e se divertia com a história. E eu para vê-lo assim, o retirava todas as semanas, chegava a reservar na biblioteca da escola. Ele lembra até hoje dessa história.

Durante minha formação, no ensino fundamental, sempre fui incentivada a ler por minhas professoras. Líamos durante as aulas, fazíamos resumos e apresentações. Nesse período li muita história em quadrinhos, com personagens da Disney e outros.

No ensino médio, isso já não aconteceu. Mas eu sempre gostei de ler. Passei a ler coisas mais informativas. Lia revistas, jornais, reportagens especiais sobre algum assunto que me interessasse. Ficava até altas horas da noite lendo. Foi, nessa época, que nasceu a vontade de ser jornalista.

*A vontade de ir para faculdade foi, sem dúvida, pela **influência que a leitura teve na minha vida e na minha formação**. E pouco disso foi também por um interesse próprio, já que meus pais não tiveram oportunidade de estudar quando eram jovens, **não tinham hábito de leitura e não havia incentivo em casa**.*

***Seguir estudando, ter uma profissão, adquirir conhecimento foram os pontos que nortearam minha vida e isso teve consequências muito importantes na minha família também, pois meus pais voltaram a estudar, concluíram seus estudos e, hoje, meus dois irmãos também estão na universidade**.*

Atualmente, devido a outras atividades e trabalho, leio menos do que deveria e isso me incomoda. Leio mais textos curtos, revistas, jornais, textos acadêmicos, notícias na internet.

*Sinto falta de poder ter mais tempo para ler romances, que sempre foram os meus preferidos, dos mais variados gêneros. Gosto de ler à noite, quando tudo está em silêncio. **As palavras me atingem com mais força**.*

Na minha mesa de cabeceira, sempre há um livro à espera para se revelar. No momento em que a leitura é a melhor companhia...

* * *

Na carta de ‘Flor de Lis’ pode-se perceber a leitura atuando em sua vida, ao mesmo tempo, como **descoberta e construção**. Sua escolha pelo pseudônimo que a identifica simboliza o curso no qual é graduada e suas palavras remetem-me à questão do gesto, à “mão obreira”, de Gaston Bachelard (1998). Ainda hoje, já adulta, as palavras transmitem certa doçura e, ao mesmo tempo, uma vontade firme de construir a aprendizagem, realizando algo tanto para si, quanto para os pais. Sua empreitada acaba sendo bem sucedida e servindo de exemplo a seus familiares (os pais, que retornam aos estudos, e os irmãos que, assim como ela, saem em busca de uma formação).

Em suas próprias palavras, refere o seguinte: ***Seguir estudando, ter uma profissão, adquirir conhecimento foram os pontos que nortearam minha vida e isso teve consequências muito importantes na minha família também, pois meus pais voltaram a estudar, concluíram seus estudos e, hoje, meus dois irmãos também estão na universidade**.*

Seu **núcleo simbólico** é, no meu entender, “descoberta para construção”; isto é, por meio dos caminhos da leitura, ela procura tanto a ampliação de seus horizontes (tendo os livros como companhia) quanto a possibilidade de realizar e de concretizar seus desejos (que

não são somente dela), crescendo como indivíduo e como profissional.

Há beleza e poesia em suas palavras quando refere que: *Gosto de ler à noite, quando tudo está em silêncio. As palavras me atingem com mais força.* Aí está presente o devaneio que a leitura possibilita; algo tão caro ao Bachelard (1989) ‘noturno’, aquele da ‘Chama de uma Vela’.

‘Flor de Lis’ encerra sua carta de modo poético, dizendo que *na minha mesa de cabeceira, sempre há um livro à espera para se revelar. No momento em que a leitura é a melhor companhia...*

Desse modo, encontro em sua narrativa tanto uma polarização diurna quanto noturna, no que se refere à leitura. Isto é, os livros tanto lhe encantam por seu aspecto prático, como fornecedores de conhecimento para a **construção** de algo em sua vida, quanto lhe seduzem pela possibilidade do sonho, da viagem imaginária e do devaneio.

A Carta de ‘Catarina’ – “verdadeiros companheiros”

*Nasci no interior do município de Pelotas/ RS e na mesma região estou até hoje, inclusive convivendo com vários familiares que fazem parte da minha trajetória pessoal e como leitora. Digo isto de imediato para chamar a atenção sobre **o contexto no qual fui me constituindo**, ou seja, apresentando as limitações do **meio rural**; no caso, referindo-me ao **acesso ao mundo da literatura** e, também, fazer referência às pessoas que de uma forma ou outra contribuíram com o meu **processo de desenvolvimento como leitora**.*

*Devo alertar que o **contato com materiais de leitura no meio rural** sempre foi **precário e complexo**, se compararmos com a condição que o meio urbano dispõe. A questão financeira, ou seja, o baixo poder aquisitivo das famílias e os pontos de venda são dois fatores que dificultavam e ainda dificultam a população rural adquirir livros e acessar o mundo da leitura impressa. A venda desse tipo de produto só existe na zona urbana. Na zona rural, em geral, **as escolas se constituem no único espaço social que proporciona o acesso a materiais impressos de leitura**, como livros e jornais, por exemplo.*

*Outro fator que colaborava e, ainda o faz, para falta de acesso ao mundo das histórias é a inexistência, por parte dos pais, de uma cultura para o desenvolvimento do gosto pela leitura pelas crianças. Na minha infância eu costumava ouvir que “**a leitura era para gente grande**”!*

*Fazendo, hoje, esta análise, concluo que, a **leitura** era uma **cultura predominantemente urbanocêntrica**, ou seja, **não estava muito presente na infância rural**. Via crianças urbanas lendo, pois conhecia pessoas urbanas que se preocupavam com seus filhos em relação à leitura. Inclusive, até meus dez anos, não tínhamos TV, nem ao menos energia elétrica. Assim, como hoje, podemos ter a possibilidade de ter o hábito da leitura antes de dormir, por exemplo, antigamente, isso era economicamente inviável, pois à luz de velas ou lampiões a querosene, gerava um custo alto, sem contar que a qualidade de iluminação era precária.*

As imagens que guardo na memória são de meus avós maternos lendo, principalmente meu avô, que foi um exímio leitor até seus 89 anos, em 2009. Também lembro que a minha mãe frequentava a Biblioteca Pública Pelotense para acessar o mundo de suspense e mistério de Agatha Christie, principalmente; também alguns romances brasileiros e literatura que resgatava as guerras.

Neste contexto fui crescendo e construindo a minha relação com a leitura. Provocando-me a autorreflexão penso que posso dividir a minha trajetória como leitora em quatro momentos: na primeira infância, na idade escolar, na adolescência e na fase adulta.

*O primeiro contato como o mundo da leitura aconteceu, em minha vida, desde **muito cedo**, já na primeira infância. Eu era a “filha da professora” daquela comunidade! Também neta do professor na mesma região! Considerando que sou da geração em que as crianças costumavam mais ouvir histórias contadas por adultos do que ler em livros, não trago muitas lembranças desse período, como leitora e, sim, como ouvinte. Poucos eram os livros e nem costumávamos tocar ou folhá-los.*

Ouvia muitas histórias que envolviam personagens como animais, heróis, e também aquelas de “bicho-papão”, Saci e Lobisomem. Aprendi muitos versos e muitas parlendas e cantigas folclóricas com meus familiares.

*Já em idade de pré-escolar podia manusear os **materiais didáticos da mãe professora** e também as obras da escola em que ela trabalhava, assim como a possibilidade que eu tinha de consultar os livros existentes na escola em que meu avô era professor.*

Lembro-me que meu contato com material de leitura, em casa, se limitava a algumas revistas³⁰ - geralmente desatualizadas, jornais produzidos pelos órgãos mantenedores da igreja evangélica, almanaques, uns e outros livrinhos de história (principalmente histórias bíblicas) e os gibis.

*Enfim, livros de todos os jeitos e tamanhos, de todas as cores, de todos os cheiros e sabores eu tinha a possibilidade de acessar. Esta condição de acesso era **privilégio** meu, comparando-me com os demais colegas, filhos de pequenos agricultores, na maioria.*

Ao ingressar na escola, como estudante na primeira série, já alfabetizada, estava numa condição de vantagem em relação aos demais colegas pelo fato de que o material que a escola dispunha, para mim, já não era novidade e também porque eu já sabia ler. Hoje recordo de algumas obras e seus formatos, porém não me lembro dos títulos. Sei que envolviam muitas fábulas com suas morais de histórias. Nesse período, recordo de uma obra que me chamou muito a atenção, ganhei de minha mãe. Era um livrinho em que cada página era ilustrada em preto e branco, porém com a ajuda de um pincel e água, eu ia colorindo.

Lembro-me, também, de duas obras que ganhei na infância: uma trazia histórias clássicas como Chapeuzinho Vermelho e que tinha atividades para serem feitas, e outra que se intitulava “O Castelo dos Três Pendões”. Desta última obra a recordação é triste.

³⁰ Refiro-me aqui à Revista Cruzeiro / Manchete – emprestadas desatualizadas, Revista do Ensino, Jornal Evangélico e Amigo das Crianças.

*Ganhei-a no final de um ano letivo, da professora, como prêmio por ter alcançado as melhores notas, porém nunca li. Para mim, na época, o **livro** parecia **assustador!!!** Era muito grande e de difícil entendimento. Um livro com poucas ilustrações, cheio de letras, capa grossa, pesado... Nossa! Esta foi uma referência ruim que lembro até hoje.*

Ainda na infância, semanalmente, por um período de 5 a 6 anos, lia histórias bíblicas, porque participava de encontros dominicais³¹ da igreja. Nesses encontros ouvíamos as histórias que contavam sobre os povos e a vida antes e depois do nascimento de Cristo. Eram encontros para catequizar as crianças. Aprendíamos a ler a Bíblia e a estudávamos, também.

*Mais tarde, sei que fui **perdendo o gosto pela leitura**. Confesso que acabei me afastando bastante deste mundo, ou seja, lia algumas obras de vez em quando. Tinha a preferência pelos gibis e, por serem de mais fácil aquisição econômica, a mãe sempre que podia, comprava. Li muito Zé Carioca, Pato Donald, Bolinha, Luluzinha, da Turma da Mônica e do Cebolinha, Tio Patinhas (e sua luta contra os irmãos Metralhas), Prof. Pardal (com suas invenções malucas), também, da Turma do Mickey, até chegar na adolescência.*

Na fase da adolescência foi preciso buscar um contato maior com o mundo literário, afinal, na escola urbana em que vim completar o ensino fundamental, tínhamos que usar a biblioteca semanalmente. Deste período lembro-me apenas do título de uma obra que adorei: “As aventuras do avião vermelho (com seu capitão Tormenta)”.

*Já, no ensino médio, **lia apenas para dar conta dos trabalhos escolares** (às vezes recorrendo à ajuda da mãe que me auxiliava). Neste período lia, principalmente, os romances da literatura clássica brasileira. Como exemplo, lembro-me de ter lido Iracema, As Pupilas do Senhor Reitor, A Moreninha, Noite na Taberna. A leitura de “É tarde para saber”, do escritor Josué Guimarães, se constituiu num evento marcante e jamais esquecido. Para uma adolescente, o texto “caiu como uma luva”. Sentei para lê-lo e só parei no final da tarde quando cheguei na última página. A cada página que lia, crescia a vontade de querer saber o que viria a acontecer. Este dia ficou guardado na memória e até hoje indico aos meus alunos esta leitura. O enredo da obra trazia a paixão vivida por dois adolescentes, no Rio de Janeiro, na década de 1970. Mariana era filha de um rico empresário simpatizante da ditadura militar, e Cássio um rapaz de origem humilde. No período mais repressivo do regime, quando todas as manifestações intelectuais e artísticas eram duramente censuradas, quando informantes do governo infiltravam-se entre os jovens nas salas de aula do país e a vida política nada mais era do que um jogo de cartas marcadas, a triste realidade faz*

³¹ Eram as chamadas “Escolas Dominicais” – existentes até hoje em algumas igrejas da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

divergir o caminho dos dois jovens.

*Contudo, admito que nesta fase eu tinha **aversão à leitura**. O problema era começar a ler a obra, depois até que gostava. Talvez consiga lembrar os títulos das obras por terem sido poucas as lidas. Eu **detestava as aulas de literatura**, não pelo conteúdo desenvolvido, mas **porque certamente tínhamos que ler**.*

*O tempo foi passando e as escolhas profissionais, na fase adulta, foram me encaminhando cada vez mais para o mundo da leitura. Com **a docência, a exigência da leitura se instalou definitivamente em minha vida**. Era preciso ler! E diversos estilos e materiais! E eu entendi o valor expressivo e as contribuições da leitura para o desenvolvimento do ser humano; então, como trabalhar na contradição, ou seja, como uma professora vai provocar o desejo pela leitura em seus alunos se ela mesma não servir como exemplo? Trabalhando com alfabetização, como não me utilizar do mundo imaginário escondido nas histórias infantis? Isto é um campo profícuo a ser explorado!*

*Também, o fato de ser mãe, vivendo em outra fase da minha vida, com mais maturidade, com maior influência dos comerciais sobre a importância da leitura, me estimulava a colocar meus filhos em contato com diversos livros de histórias por acreditar que verdadeiramente **a leitura influencia na vida das pessoas** e tentar evitar que acabassem não gostando de ler.*

*Dando continuidade aos meus estudos de formação docente, a leitura foi me acompanhando e, no momento em que minha vida absorve as exigências de um curso de doutorado, **sinto falta de leituras voltadas para o lazer**. Estas têm ficado ao largo, pois tenho me limitado a leituras teóricas, prioritariamente. Inclusive, um dos esboços de projetos para seleção no curso de mestrado estava voltado para a pesquisa sobre as formas de leitura de que os professores se utilizavam. Talvez estivesse refletindo sobre a influência do “corre-corre” diário do mundo moderno que muitas vezes impossibilita a reserva de momentos para a dedicação à leitura, reforçando o estereótipo de que “o professor não lê”.*

*Mas a vida dá muitas voltas e, numa dessas “curvas”, acabei desempenhando funções como bibliotecária e responsável por trabalhar em projetos de Hora do Conto, nas escolas em que trabalhei / trabalho. Certamente que este fato exigiu um **esforço** ainda maior para pensar em **estratégias que desenvolvessem o gosto pela leitura nos estudantes**.*

*Embora vivamos numa sociedade em que o conhecimento é elemento definidor na educação e desenvolvimento do ser humano, e que as informações chegam facilmente até nossos estudantes, se percebe que **a leitura não é um hábito cultural muito difundido entre***

as crianças na zona rural. Neste caso, entendo que a escola exerce um papel fundamental na difusão desta cultura e por isso a bibliotecária precisa estar atenta às formas de trabalho, no sentido de cooptar o interesse de seus estudantes, inclusive estendendo a toda comunidade escolar.

A experiência que construí ao longo de doze anos, como bibliotecária, aponta que este é o caminho que deve ser trilhado. Tenho obtido ótimos resultados e, realmente, estou convencida de que é preciso começar com os nossos baixinhos, na mais tenra idade.

*Atualmente, leio diversos portadores de texto, inclusive materiais virtuais, porém basicamente teóricos. **Tenho um amor muito grande pelos livros porque eles são nossos verdadeiros companheiros para onde quer que vamos.** Fico extasiada com as obras de literatura de que dispomos em nossa biblioteca escolar. Sinto-me mobilizada pela vontade de devorar cada obra que recebemos a fim de melhor explorar com os estudantes, mas sinto-me prejudicada pela falta de tempo e acabo fazendo leituras esparsas. Um dos meus sonhos, na atualidade, é poder **saciar esta vontade de ler.** Um sonho capaz de ser realizado. Em breve.*

Afinal, como encantar e conquistar novos leitores, principalmente, em se tratando de um trabalho desenvolvido na escola, se os estudantes não encontrarem na figura do bibliotecário um leitor apaixonado pelos seus companheiros de biblioteca: os livros?

E os meus netos (futuros), não irão merecer uma vovó contadora de histórias, semelhante à “vovó Candinha” que cantava e encantava as crianças na soleira da porta, provocando-as a viajarem e embalarem seu sono cercado de fantasias e sonhos? Ou como a “Vó Etia” – como a chamam, lá no interior, encantando seus netos com suas lendas, ainda hoje? He, he, he!!!

* * *

É preciso mencionar que ‘Catarina’ não economiza palavras ao se narrar. Sua carta é detalhada, rica e entusiasmada. Escreveu para mim com a desenvoltura de uma antiga conhecida sem, no entanto, termos nos visto.

Em sua carta, consegue lembrar-se de muitos detalhes de sua história de vida como leitora e, por isso, ela se torna tão interessante. Por meio de sua narrativa, espiamos, por uma provável fresta do entendimento, de que modo aconteceu sua formação, isto é, como e por que se tornou professora, já que foi influenciada por uma ‘dinastia’ de professores: o avô, a mãe e agora ela. Também nos esclarece os hábitos de uma leitora rural, um tanto quanto diferentes dos de um leitor urbano.

Apesar de comentar que a leitura faz parte de uma cultura ‘urbanocêntrica’, a vida no campo e o acesso diferenciado aos materiais de leitura não lhe servem como impedimento para ler. Ela é curiosa e vai atrás de seus desejos. É interessante sua referência ao livro que lhe parecia assustador. Michèle Petit (2008b) também faz uma referência a esse tipo de situação em sua obra autobiográfica. Isso demonstra a ‘corporeidade’ que os livros apresentam: seu aspecto (acolhedor, repulsivo ou aterrador), seu tamanho, seu cheiro, a presença ou a ausência das imagens (tão apreciadas pelas crianças e, por que não, pelos adultos), o formato das letras...

‘Catarina’ refere-se aos livros como “verdadeiros companheiros” – seu **núcleo simbólico**. Trata-se de uma pesquisadora, uma estudiosa; então, os livros fazem e farão parte de sua vida. Termina sua carta confessando seu desejo insaciável: *um dos meus sonhos, na atualidade, é poder **saciar esta vontade de ler**. Um sonho capaz de ser realizado. Em breve.*

A Carta de ‘Flor de Pessegueiro’ – “viagem fantástica do imaginário”

São Lourenço do Sul, 30 de agosto de 2011

Prezada Flávia,

Meu nome é (...), sou professora municipal, trabalho na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Frömming, na localidade de Harmonia, 4º distrito do município de São Lourenço do Sul. Minha formação é Pedagogia anos iniciais (UFPEL - 2006) e pós-graduação em Educação Ambiental (FURG - 2009). Por duas décadas fui alfabetizadora, já integrei a equipe diretiva da escola e atualmente trabalho no laboratório de informática com alunos da Educação Infantil ao 9º ano, onde tento fazer do espaço tecnológico um ambiente diversificado, prazeroso e muito criativo em parceria com os colegas, dialogando com projetos e atualidades e também integro o Projeto Jovem Protagonista, representando a Secretaria Municipal de Educação em parceria com a EMATER. Este projeto articula ações com alunos do 8º e 9º ano de três escolas municipais rurais e uma escola do Ensino Médio, proporcionando aos jovens oportunidades de reflexões, busca de sonhos e perspectivas de futuro, visando também à sucessão na agricultura familiar. Tenho 50 anos de idade e 32 na profissão. Meu pseudônimo: Flor de pessegueiro.

*Aceitar o desafio de escrever um pouco sobre a **minha trajetória como leitora significa muito para mim**. Durante o andar acadêmico os memoriais fizeram parte da rotina e foi neste caminhar que pude voltar às raízes e construí minha **linha da vida** fundamentada em questionamentos que na época ainda pude dialogar com minha saudosa mãe.*

*Subitamente, no mundo das letras, minhas lembranças reconduzem-me aos seis anos de idade quando ainda não frequentava a escola. Lembro com clareza que o brinquedo preferido era minha boneca de pano que me acompanhava em todas as aventuras. Não recordo do letramento dos dois irmãos mais velhos. Só lembro que adoravam brigar comigo. Mas meus pensamentos já construíam histórias fantásticas. Joana, minha boneca, era minha aluna para decifrar as letras encontradas nas latas de bolacha Maria que meu pai comprava para alimentar seus seis filhos. Ainda sinto o gosto da bolachinha embebida no café com leite. Na lata tinha também a palavra Neugebauer. Minha mãe me mostrou a inicial do meu nome. Nunca mais esqueci. Minha boneca também aprendeu. **Acho que já nasci professora**, pois era o sonho de minha mãe.*

Ao ingressar na escola aprendi a decorar: Ivo viu a uva... Eva vê a ave... Como era

linda a cartilha. Minha mãe me ajudava em casa... e na escola conseguia ler direitinho. Gostava muito de escrever, ler minhas escritas e reescrever. Na terceira série, já tinha uma composição (era a denominação de produção textual) selecionada a nível municipal. Os recursos de leitura eram somente os oferecidos na escola. Não me lembro de nenhum livro adquirido pelos meus pais nesta fase escolar, o primário.

*No ensino fundamental, década de 70, foi a fase dos gibis. Como aumentou o ciclo de amizades, houve muita aquisição destas revistas por colegas que tinham uma situação financeira mais avantajada, que emprestavam os gibis com todo carinho, os quais eram lidos na mesma noite, embora **à luz de velas**, para serem devolvidos e trocados no dia seguinte. Surgia a fase da adolescência onde o Pateta e a Clarabela formavam par, assim como o Mickey e a Minnie. Era tudo de bom. Quando os olhos se fechavam de cansaço, a revista caía lentamente para o lado, começavam os sonhos, os devaneios... **o imaginário nos conduzia por caminhos mágicos que só eram interrompidos pelo cantar do galo que anunciava um novo amanhecer.***

*Paralelo ao ensino médio, as revistas Capricho superaram os gibis. Foi a fase de **novas descobertas**. Curiosidades com o corpo, sentimentos, inquietudes. Na disciplina de Literatura, clássicos brasileiros eram lidos para a tal ficha de leitura. A Mão e a Luva, romance de Machado de Assis, foi o meu primeiro livro lido. Não tenho lembranças do enredo da história. A série Vaga-lume foi praticamente toda conhecida.*

*As revistas sempre fizeram parte da minha vida. Na fase adulta, com a chegada dos filhos, os títulos: Pais e Filhos, Nosso Amiguinho, Capricho (de novo), Super Interessante, entre outros. Sempre **adorei ler** muito. Sempre tentei ler tudo o que meu casal de filhos lia. Comprei muitos livros, cujos assuntos eram pertinentes à idade em que se encontravam, auxiliando-me nas informações. Assinaturas de jornais também fazem parte da rotina da minha família. Jornal O Lourenciano e Zero Hora. Depois de lidos são reaproveitados na totalidade na escola. Suporte rico na leitura.*

*Há décadas, as leituras em sala de aula são o **passaporte** para uma boa aprendizagem dos alunos. Como alfabetizadora associo o bom rendimento deles à leitura que sempre utilizei com eles. Literatura variada, com letras, só ilustrações, livros grandes, pequenos, até minúsculos, na sala de aula, à sombra das árvores, tarefa de casa também. Muitos projetos se construíram por esses anos: Baú da Aprendizagem, Sacola da Vizinhança, Cordinha do Saber, Tapete Mágico, entre tantos outros. O que sempre considerei fundamental é a atitude de também **ler com os alunos naquele momento destinado à leitura**. Observei muitas vezes*

os alunos embarcarem na **viagem fantástica do imaginário**, assim como eu própria muitas vezes fui surpreendida pelos alunos, para contar o que tinha lido.

Já contei e li muitas histórias. Um livro que jamais vou esquecer é Passarolindo, o qual tive que recontar inúmeras vezes. Ainda recordo: “lê de novo, profe...”

Teve um tempo em que viajava no transporte escolar. Eram trinta minutos de muita leitura. Foi o período em que consegui ler **um livro por semana**. Tenho como costume carregar meus livros dentro de um saco de pano. Tenho vários: listrado, de bolinha, colorido, variados, o que despertava curiosidade nos alunos. Alguns **alunos me contam que aprenderam a gostar de ler porque a professora lia muito**. Sempre procurei distribuir livros para os alunos, em forma de incentivo. Tenho uma grande colaboradora que é a empresa DPascoal.

Atualmente, as TICs nas escolas possibilitam a interação virtual e as leituras tomam um **novo rumo** neste mundo letrado. Os alunos têm acesso a um acervo inusitado, assim como os educadores também. Particularmente ainda não me adaptei à leitura na tela.

Mas, neste meio século de vida, continuo adorando um bom **livro**, que **me possibilita viajar conforme a minha imaginação**, ora enrolada num cobertor nos gélidos dias de inverno, outras vezes no embalo da rede no entardecer primaveril ou então numa cadeira de praia nas férias de verão.

Hoje meus temas preferidos são livros espíritas, de auto-ajuda e pedagógicos. Estou lendo Jornada dos Anjos, de Sandra Carneiro. Ontem fui na palestra de Raul Teixeira e comprei o lançamento “Minha família, o mundo e eu”.

Sabendo que o mundo das letras é encantador, finalizo esta agradecendo a oportunidade e colocando-me à disposição para futuros diálogos e novas aprendizagens, porque segundo Márcia de Araújo, **o que move a humanidade é a possibilidade da criação de sonhos e, principalmente, de devaneios**.

Atenciosamente
'Flor de Pessegueiro'

* * *

‘Catarina’ e ‘Flor de Pessegueiro’ são duas leitoras que habitam fora da *urbe*, num ambiente essencialmente rural, às vezes de poucos recursos de leitura; contudo, distante de ser um universo empobrecido. A riqueza dessa narrativa talvez seja capaz de entusiasmar a ler até mesmo aquelas pessoas que não apreciam a leitura, tal é a sua paixão pelos livros e a beleza

da história que nos conta. Criar o distanciamento acadêmico necessário, ao ler a sua carta, é parte difícil, complicada, devido ao teor de sua escrita. Além de leitora entusiasta, o modo como constrói seu texto faz-nos imaginar que aquele ou aquela que lê constantemente, possivelmente escreva de modo sedutor, pois somos tentados a isso por sua escrita.

A leitura, para ‘Flor de Pessegueiro’, foi e será sempre uma **aventura** e uma **descoberta**. Ficam perceptíveis, em sua carta, as trilhas que percorre em sua formação como leitora e como professora e o tanto que esses dois papéis lhe encantam e satisfazem. Seus trinta e dois anos de profissão parecem não lhe pesar, pois como ela mesma diz: *Acho que já nasci professora* (...).

A maneira como menciona o hábito de ler, encaminha-nos a uma simbologia ligada ao Imaginário, pois se refere à leitura como ‘passaporte’ e ‘viagem fantástica’. Petit (2008a) afirma que o livro abre a porta para o sonho, permitindo a criação de um mundo próprio; em qualquer idade, sem sonho, sem jogos com o Imaginário, não existe pensamento.

Finalmente, tive minha atenção capturada por ‘Flor de Pessegueiro’ ao mencionar que *o imaginário nos conduzia por caminhos mágicos que só eram interrompidos pelo cantar do galo que anunciava um novo amanhecer*, pois ficou em mim a impressão de estar lendo um texto ‘noturno’ de Gaston Bachelard, autor que tem balizado os estudos sobre o Imaginário dentro de nosso grupo de pesquisa, o GEPIEM.

A Carta de ‘Júlia’ – “leitora de carteirinha”

Rio Grande, RS, 24 de agosto de 2011

Flávia,

Minha história com a leitura começa desde muito cedo. Sou a terceira filha de cinco irmãos. Mas, quando era criança, em casa tínhamos cinco pessoas: pai, mãe e três filhas. Nesta época eu era a caçula, com uma diferença de oito e dez anos das minhas irmãs mais velhas. Assim, quando eu estava na fase de alfabetização tinha no mínimo o referencial de quatro pessoas mais velhas do que eu.

Lembro-me de ver meu pai e minha mãe, à noite, antes de dormir, lendo. Ele tinha, e ainda tem, o hábito de ler a Bíblia Sagrada; e ela lia livros de história, curiosidades, biografias, entre outros muitos assuntos que lhe agradavam. Minhas irmãs estudavam, então, as presenciava fazendo os temas, cuidando dos cadernos ou forrando os livros didáticos.

Sempre conversamos muito, até hoje, somos o tipo de família que tem muito orgulho uns dos outros. Destarte, sempre compartilhávamos nossas descobertas feitas através da leitura.

Mesmo sem saber ler, lembro-me de pegar os livros de fábulas e ficar inventando histórias como se estivesse lendo e minha família, ali, escutando e dizendo que eu estava lendo muito bem. O resultado disso foi que não tive problemas de alfabetização.

*Atualmente, sou uma **leitora de carteirinha!***

Gosto de ler em qualquer lugar e sempre tenho um livro na minha bolsa. Leio no ônibus, na beira da lagoa, sentada na calçada, no canaleta ou na biblioteca. Leio antes de dormir e nas primeiras horas do dia, mas prefiro a leitura feita nas horas tranquilas da madrugada.

Minhas sobrinhas costumam dizer que a frase que me define é: “Eu li, estes dias, em um livro que...”, hehehehehe.

*Nas experiências que tive como **professora de Matemática**, levei **textos para discussão** em sala de aula, o que causou certo **estranhamento** por parte dos alunos. Como pós-graduanda, tenho momentos intensos de leitura e como diz Pierre Lèvy, na primeira leitura que faço, o texto geralmente fica esburacado, com falhas, mas conforme vou me apropriando, passo a ser o texto.*

*Às vezes me pergunto se este **fascínio pela leitura** está relacionado ao momento*

acadêmico que estou vivendo e eu mesma me respondo, a leitura não está relacionada a um momento, ela é uma construção, por isso, leio livros, artigos, pessoas, o mundo e a mim mesma.

* * *

Assim como nossas entusiasmadas leitoras anteriores, e também não menos apaixonada, ‘Júlia’ narra suas **aventuras** como leitora; ela própria define essa prática como **construção** e, no seu caso, como algo que começa já na tenra infância e vai acontecendo por toda a sua vida. A família de leitores – a mãe, o pai, as irmãs mais velhas – serve-lhe de inspiração inicial para ingressar no mundo da leitura: *Lembro-me de ver meu pai e minha mãe, à noite, antes de dormir, lendo. Ele tinha, e ainda tem, o hábito de ler a Bíblia Sagrada; e ela lia livros de história, curiosidades, biografias, entre outros muitos assuntos que lhe agradavam.*

No presente, ela própria se constitui como essa significativa referência para as sobrinhas: *Minhas sobrinhas costumam dizer que a frase que me define é: “Eu li, estes dias, em um livro que...”*

Outro ponto interessante de sua carta é a menção que faz ao fato de ser professora de Matemática – ‘Júlia’ é igualmente seduzida pela exatidão dos números e pela magia das letras: *Nas experiências que tive como professora de Matemática, levei textos para discussão em sala de aula, o que causou certo estranhamento por parte dos alunos.*

Costuma andar com livros na bolsa, lendo em qualquer lugar: *Gosto de ler em qualquer lugar e sempre tenho um livro na minha bolsa. Leio no ônibus, na beira da lagoa, sentada na calçada, no canaleta ou na biblioteca. Leio antes de dormir e nas primeiras horas do dia, mas prefiro a leitura feita nas horas tranquilas da madrugada.* O silêncio é seu companheiro de leitura, assim como para ‘Flor de Lis’.

Referindo que precisa se apropriar daquilo que lê, caso contrário, o texto *fica esburacado, com falhas*, ‘Júlia’ concebe a leitura como **construção**, pois os livros parecem contribuir para alicerçar sua vida desde sempre, exatamente como refere ao final de sua carta: *a leitura não está relacionada a um momento, ela é uma construção, por isso, leio livros, artigos, pessoas, o mundo e a mim mesma.*

A Carta de ‘Naná’ – “leitura em qualquer lugar”

Meu nome é (...), tenho 28 anos, sou casada, tenho 4 filhos e sou professora de Geografia nas escolas Mate Amargo e Antônio Carlos Lopes, em Rio Grande. Trabalho com turmas de 5ª a 8ª série.

Minha história como leitora, pelo que me lembro, começa na escola, quando estudava, por volta da 2ª série.

Toda a semana eu levava um livro para ler em casa. Me atraíam livros coloridos, com ilustrações em todas as páginas, mas com textos grandes. Não gostava de histórias muito curtas, até porque só podia trocar o livro na data estabelecida, então, se fosse muito pequeno, eu ficaria sem ter o que ler.

Me criei assim, envolta pela leitura, passaram os anos e meu hábito de ler não diminuía, passei a me interessar por jornais e por revistas também.

Com a chegada dos filhos e o grande tempo em que ficava no trabalho (fui merendeira por 6 anos antes de ser professora), meu tempo para ler diminuiu um tanto, mas sempre que dava aproveitava, era um momento “meu”.

Quando entrei para a faculdade, as leituras se intensificaram novamente, eu fui “obrigada” a encontrar tempo para a leitura. Com isso, todo lugar era lugar: no banheiro, no ônibus, na pracinha, nas assembleias sindicais, nas mobilizações, muitas vezes sentada em frente à prefeitura, enquanto protestava, lia...

Confesso que nem todas as leituras que fiz durante a faculdade me deram prazer, mas eram necessárias à minha formação; hoje refaço algumas destas leituras e elas têm outro caráter, pois hoje fazem sentido, estão inseridas na minha realidade.

As leituras que mais gosto de fazer são revistas de educação, livros que tratem do mesmo assunto (Paulo Freire, Jussara Hoffman, Milton Santos, entre outros).

Costumo ler no ônibus durante a viagem, em casa no quarto e nos intervalos sem aula, na escola.

Incentivo muito meus filhos a ler e eles, felizmente, gostam. Este hábito me trouxe um diferencial, pois percebo que não tenho dificuldade para me expressar e sei que isso faz a diferença hoje, pois temos muitas pessoas diplomadas que têm erros de grafia inexplicáveis, além de dificuldade em se fazer entender. Desejo que meus filhos levem este hábito para a vida.

*Nos meus alunos sinto esta falta, pois têm uma **dificuldade enorme em interpretar**, acredito que pela **ausência da leitura habitual**.*

Bem, espero ter ajudado.

Grata pela atenção,

‘Naná’

* * *

Seduzida pelos leitores professores (dos quais a maioria não conheço nem sequer a face), considero todos os relatos atraentes. A carta de ‘Naná’ interessa-me como as demais, pois as narrativas me colocam a imaginá-los ainda pequenos, começando a frequentar os bancos escolares, indo até as bibliotecas, às vezes sem conseguir ainda alcançar os balcões para dizer às bibliotecárias quais livros desejavam. ‘Naná’ põe-nos a par de suas preferências de criança: livros com ilustrações, mas com textos não muito curtos, para durarem uma semana; o tempo de poder pegar outro livro: ***Toda a semana eu levava um livro para ler em casa. Me atraíam livros coloridos, com ilustrações em todas as páginas, mas com textos grandes. Não gostava de histórias muito curtas, até porque só podia trocar o livro na data estabelecida, então, se fosse muito pequeno, eu ficaria sem ter o que ler.***

‘Naná’ considera a prática de leitura um momento ‘seu’, algo de que tem necessidade, e para isso parece sempre dar um jeito; assim, qualquer lugar é propício para leitura: *Com isso, **todo lugar era lugar: no banheiro, no ônibus, na pracinha, nas assembleias sindicais, nas mobilizações, muitas vezes sentada em frente à prefeitura, enquanto protestava, lia...*** Acho estimulante a passagem de sua narrativa na qual comenta que lia enquanto protestava.

Petit (2008a, p. 146) refere que

há uma dimensão de transgressão na leitura. Se tantos leitores leem à noite, se ler é com frequência um gesto que surge na sombra, não é apenas uma questão de culpa: assim se cria um espaço de intimidade, um jardim protegido dos olhares. Lê-se nas beiradas, nas margens da vida, nos limites do mundo. Talvez não se deva iluminar totalmente esse jardim. Deixemos à leitura, como ao amor, uma parte de sombra.

Então, sustentada pelo raciocínio da autora, destaco, em sua carta, as artimanhas que ela encontra para poder se dedicar à leitura, porque consegue encontrar tempos e lugares para essa prática que lhe move no sentido de ser uma **aventureira** e uma **descobridora**, pois ao mesmo tempo em que busca o contínuo conhecimento, aventura-se também na arte de interpretar e de escrever, **construindo** para si, para seus filhos e alunos aquilo a que ela chama de diferencial (algo a que eu chamaria de uma cidadania viva).

A Carta de ‘Paty’ – “ler para construir”

Canguçu, 06 de agosto de 2011

Flávia,

*Como vais? Tudo bem? Olha, será gratificante poder auxiliar uma colega no PPGE; irei me **desafiar** nesta escrita, colocando minhas lembranças de leitura e se quiseres aproveitar, será um prazer...*

Sou de Canguçu e trabalho há 20 anos na Prefeitura Municipal de Canguçu como professora, atuando com séries iniciais e séries finais; atualmente, trabalho com 4º ano e do 6º ao 9º com as disciplinas de A. A. R. (Agricultura e Administração Rural), filosofia e religião. A escola é de ensino fundamental Irmã Maria Firmina Simon, localizada em um dos bairros de periferia do município. Na pesquisa nem sei que nome poderia ser utilizado³².

*Minhas memórias de leitura da infância incluem-se as revistas em quadrinhos, que meus tios tinham e me emprestavam – Tio Patinhas (lembro da moedinha número 1), e toda família Donald (com suas trapalhadas), Peninha (sempre tentando levar vantagem), os sobrinhos (salvando com ideias criativas), a Margarida (bonita, apaixonada), Zé Carioca (suas aventuras no Rio de Janeiro sempre tentando dar uma de malandro, ganhar vantagem...). Minha mãe sempre lia, tinha revistas em casa, fotonovelas, almanaques (gostava de acompanhar horóscopo, nomes por mês)... **A leitura foi passada por minha vó materna, através dela os livros apareciam, inclusive foi ela que ensinou meu vô a ler.***

*Na adolescência, as lembranças perpassam principalmente nos livros de histórias da Bianca, Sabrina... nossa... era muito legal, **não conseguia parar de ler**, tinha que chegar no final e ver como ia terminar aquela **história fascinante**. Sempre a **imaginação** levava a ser aquela moça da história. Os amigos da igreja também apresentaram o livro “Deus Negro”, cujo autor é Barros (não lembro direito), esta leitura começou a me trazer algumas **reflexões**... lia também alguns folhetos da igreja, principalmente músicas, do livro de cânticos. Outra leitura que lembro que marcou foi do livro didático de Ciências do 7º ano, conhecer o corpo humano, era fascinante desvelar este assunto. Também no de formatura da 8ª série ganhei um livro de mensagens da professora paraninfa, que era sobre mensagens, pensamentos, este também recorde de ler com atenção, retomava a leitura vez ou outra...*

³² A grande maioria dos pseudônimos foi sugerida pelas próprias leitoras professoras. Em alguns casos, eu os sugeri enviando-lhes mensagem por e-mail (como foi o caso de ‘Paty’).

*Do curso do magistério lembro-me de alguns textos de didática e a **leitura marcante** foi com o jornal Mundo Jovem, assinei inclusive o jornal... Tinha muitas leituras sobre política, liderança, assuntos para adolescência, como relacionamentos, seja entre pais e filhos, seja namoro, sexualidade... Infelizmente, da minha primeira faculdade **não guardo lembranças de leitura**, até gostaria de retomar, poder cursar novamente, por que **não tenho leituras que me foram significativas neste processo**. Já no curso de **Pedagogia**, a **leitura dos pensadores da educação são marcantes**: Rosseau, Macarenko, Gadotti, Arroyo, Brandão, Kieling, Ghiggi, principalmente Paulo Freire, pois depois desta leitura parece que algumas percepções são diferentes; adoro ler Freire, e busco levar sempre o que aprendo com este autor ao meu trabalho e às minhas demais relações.*

*Hoje, como disse, busco ler Freire, e também leio autores ligados à História das instituições escolares, como Magalhães, Flávia Werlle, pois meu trabalho é nesta linha. Como trabalho com **pesquisa de uma instituição escolar**, busco em jornais de época (década de 30 a 70) informações, bem como de acordo com o objeto de pesquisa, instituição franciscana. As leituras são feitas basicamente em casa, biblioteca (pública e escolar).*

*Para meu trabalho como professora são **várias as fontes procuradas**, desde livros didáticos, matérias do dia-a-dia, como jornais, revistas, internet, bulas, contas, ainda trabalho com jornal Mundo Jovem (que me dá muito subsídio para trabalhar várias questões com os jovens). No curso de Pedagogia em que trabalho como professora formadora pela UFPEL, nos são disponibilizados vários autores que tratam do assunto, além de matérias produzidas pelo próprio curso.*

*Na minha **escola**, temos dedicado **15 minutos por dia** para que os alunos façam **leitura**, cada professor oportuniza em sua aula. É um desafio, não é fácil fazer com que os alunos se apropriem da **importância da leitura** e o quanto podem aprender com este trabalho.*

*Sou uma leitora desde minha infância, hoje faço leituras dirigidas ao meu estudo e **trabalho**, não tenho por hábito ler antes de dormir, ler romances... gosto de livros também de autoajuda, como Augusto Cury, Paulo Coelho. Gosto muito de Leonardo Boff, Guareski e tantos outros que ajudam em meu fazer.*

Meu tempo de leitura é pouco, trabalho 60 horas, faço mestrado, então meu tempo tem que ser muito bem administrado para dar conta de tudo. Agora, com minha licença de 20 horas, vou aproveitar minhas tardes para efetuar as leituras para continuar minha pesquisa.

Flávia, acredito que seria um pouco das minhas referências sobre a leitura em minha

vida, caso deseje mais alguma informação pode entrar em contato... e se ajudei de alguma forma, que bommm...

Um grande abraço, bom trabalho prá ti!!!!

Paty

* * *

Por meio da leitura da carta de ‘Paty’ ficou reforçado em mim, uma vez mais, meu pressuposto de tese – de que é atribuído um valor simbólico à leitura – e, também, de que é possível se (auto)biografar, relatando-se o trajeto de leitura de cada um.

Consigo perceber que ‘Paty’ passa a descrever a infância, a adolescência, os rumos profissionais que vão, aos poucos, se desenhando em sua vida; as lembranças de momentos de leitura que lhe foram marcantes, o Curso de Magistério, a Pedagogia, o trabalho como professora e, presentemente, o curso de pós-graduação.

Gostaria de salientar, em especial, dois trechos de sua carta que ilustram um pouco essas suas lembranças: *A leitura foi passada por minha vó materna, através dela os livros apareciam, inclusive foi ela que ensinou meu vô a ler.*

Na adolescência, as lembranças perpassam principalmente nos livros de histórias da Bianca, Sabrina... nossa... era muito legal, não conseguia parar de ler, tinha que chegar no final e ver como ia terminar aquela história fascinante. Sempre a imaginação levava a ser aquela moça da história.

Toda a sua trajetória é descrita através dos autores e dos livros que leu; que lhe marcaram e marcam ainda hoje.

Consigo perceber, em suas memórias de vida-leitura, que ler é uma prática que vem lhe acompanhando sempre e desde muito cedo (as HQs lá da infância) e que ela vai se construindo leitora ao longo da vida, na mesma medida em que busca na leitura a **construção** de si. Parece ser uma via de mão dupla: ela se doa para a leitura e da leitura retira inspiração para ela própria. Percebo aí uma relação de reciprocidade, de troca. Pelo exposto, escolhi como **núcleo simbólico** de sua carta a expressão “ler para construir”.

Petit (2008a) refere que, em qualquer idade, a leitura pode se constituir num caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar sentido à própria existência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento ou dar forma a seus desejos e sonhos.

Penso que a missiva de ‘Paty’ relaciona-se adequadamente ao **mitema Aventura – Descoberta – Construção**, porque no relato de suas lembranças o que mais fortemente a mim

transparece é justamente o componente ascensional e diurno [de que nos fala Durand (2002)] de sua busca pelos estudos, por implementar seu trabalho e por enriquecer seu cotidiano através dos conhecimentos que ela encontra nos livros.

A Carta de ‘Gigi’ – “nunca é tarde para ler”

Pelotas, 28 de agosto de 2011

Olá querida Flávia,

Espero que estejas bem.

*É com imenso prazer que te escrevo esta carta contando um pouco da minha **trajetória de leitora**. Como faz algum tempo que não nos falamos, vou te localizar no tempo e no espaço em relação ao que estou fazendo profissionalmente neste momento.*

Como já sabes, sou professora da rede pública de ensino estadual e municipal, sendo concursada para trabalhar com as séries iniciais, mas faz 5 anos que estou afastada da sala de aula, atuando como diretora da E.E.E.F. Laura Alves Caldeira e, no município, atuo como professora de Atendimento Educacional Especializado na E.M.E.F. Dona Mariana Eufrásia.

*Ao escrever esta carta rememorando minhas lembranças de leitora, a primeira que vem ao pensamento é que por muito tempo **eu não gostava de ler**, tinha muita **dificuldade e vergonha**. A vergonha devia ser provavelmente em função das dificuldades encontradas. Lembro que na sala de aula, isto lá pela 5ª série, tínhamos uma dinâmica de leitura em que cada aluno lia um parágrafo, e valia nota. Então, como **estratégia**, eu contava que parágrafo ia cair para eu ler e enquanto os outros colegas liam em voz alta o que lhes era atribuído, eu decorava o meu parágrafo para ter certeza de que não ia errar, lembro que neste momento não me interessava saber o conteúdo do texto, só estava preocupada em ler a minha parte. Quando ocorria alguma eventualidade, como algum colega sair no meio da leitura por algum motivo, era horrível, eu ficava vermelha e lia muito mal, pois caía para mim um parágrafo diferente do que eu tinha decorado.*

*Assim, **na infância, ler não era uma atividade prazerosa**, de lazer que fizesse parte do meu cotidiano. Lembro que fazia parte do meu cotidiano **escutar histórias lidas e contadas** pelo meu pai todas as noites; às vezes ele queria que lesse, eu dizia que não, que queria que ele fizesse a leitura.*

*Na adolescência, minha primeira lembrança de leitura é em relação às **leituras obrigatórias da escola**, eu **detestava** aquilo, tiveram apenas dois livros que li na escola que adorei, “A viuvinha” e “Cinco minutos” de José de Alencar. Lembro que estes dois romances*

estavam em um mesmo livro, lembro que a capa era preta, fazia parte de uma coleção. E outro livro que eu adorei foi “Capitães de Areia”, de Jorge Amado; lembro até hoje que a parte que mais me **impressionou** foi a que se referia a um dos meninos que lia com a luz de um toco de vela. Os demais eu lia pela metade, penso que se tivesse internet naquela época eu seria uma destas alunas que tanto criticamos hoje, as que procuram os resumos, copiam e colam. Mas **nesta fase da vida eu não posso dizer que não gostava de ler**, pois adorava ler fotonovela e Best sellers, leitura que minha mãe vivia chamando de “cultura inútil”; dizia que eu jogava dinheiro e tempo fora.

Mas ler fotonovela e Best sellers foi só em uma fase da adolescência, depois entrei na faculdade, na área das ciências exatas, e passei a ler só livros técnicos por muito tempo, abandonando as leituras citadas acima.

Com o nascimento do meu filho, passei a ler livros infantis para ele, desde muito cedo, como meu pai fazia comigo. Estes eram momentos de leitura muito significativos e prazerosos, gradativamente fui me tornando uma leitora de literatura infantil. Depois, quando fiz as didáticas do magistério, já com 35 anos de idade, era **apaixonada pelas aulas de literatura infantil** e até hoje ler para os meus alunos e para mim mesma livros infantis é um momento de leitura ímpar na minha vida.

Com o ingresso na Pedagogia, concomitante com o meu ingresso na carreira do magistério, fui me tornando uma leitora mais assídua, mas **quem realmente despertou em mim o gosto e o significado da leitura como momento de lazer foi meu filho**, pois desde que passei a ler para ele **nunca mais deixei de ler**. E hoje ler faz parte do meu cotidiano, ler por prazer, para me qualificar e por prazer, para me deleitar com bons livros literários.

Em algumas tardes, eu e ele sentamos no sofá e cada um pega um livro para ler; esse é um momento que gosto muito de apreciar, **ele é um leitor voraz e fez de mim uma leitora assídua**. Em alguns destes momentos, penso em minha mãe, quando estou lendo, por exemplo, Saramago, penso que talvez minha mãe tivesse razão quando dizia que eu perdia tempo lendo “cultura inútil”, mas também penso que bom teria sido se em vez de me criticar ela tivesse sentado a meu lado e lido comigo.

Bem, amiga, foi um prazer escrever esta carta para ti, espero que minhas lembranças sobre leitura ajudem no propósito de teu trabalho. Vou ficando por aqui, pois já estou com lágrimas nos olhos; **quando mexemos no baú de nossas memórias sempre mexemos com as nossas emoções**, com o nosso passado e com as marcas que ele nos deixou, ou melhor, com as **marcas que vão ficando gravadas em nossa memória e construindo a**

nossa identidade.

Espero que tenhas sucesso em teu trabalho, desculpa algum erro de português, e podes contar comigo sempre que precisares.

Um grande abraço da colega ‘Gigi’

* * *

No relato de ‘Gigi’ há muitas passagens que me chamam atenção. O trecho a seguir resume um pouco de toda a sua reflexão: ***quando mexemos no baú de nossas memórias sempre mexemos com as nossas emoções, com o nosso passado e com as marcas que ele nos deixou, ou melhor, com as marcas que vão ficando gravadas em nossa memória e construindo a nossa identidade.*** Em sua carta, ela pontua, com muita clareza, cada uma das fases de sua vida a partir de suas memórias de leitura.

Sua primeira lembrança não é realmente das melhores. O início de sua ‘carreira’ de leitora não é dos mais felizes, como é possível perceber quando se refere às dificuldades e às angústias pelas quais ela passava quando precisava ler em voz alta, na sala de aula, e era avaliada por sua atuação. Em contrapartida, ela conseguia encontrar prazer ao escutar as histórias lidas e contadas pelo pai todas as noites:

Assim, na infância, ler não era uma atividade prazerosa, de lazer que fizesse parte do meu cotidiano. Lembro que fazia parte do meu cotidiano escutar histórias lidas e contadas pelo meu pai todas as noites; às vezes ele queria que lesse, eu dizia que não, que queria que ele fizesse a leitura.

‘Gigi’ guarda consigo também as recordações de leituras da adolescência: as leituras obrigatórias e o aspecto dos livros, assim como as fotonovelas (um curioso tipo de entretenimento desconhecido pelas gerações atuais) e os best sellers.

A **descoberta** pelo prazer de ler parece se afirmar na idade adulta, com a chegada do filho e o ingresso no magistério. Sua **aventura** como leitora parece realmente começar nas aulas de literatura infantil do Curso de Pedagogia. Tenho a impressão de que seu filho é convidado a fazer parte desses momentos. Sua narrativa se torna ainda mais encantadora para mim quando menciona que *desde que passei a ler para ele nunca mais deixei de ler.*

O filho, por ser um leitor voraz, transformou-a numa leitora assídua e esse fato deixa transparecer, em minha compreensão, sentimentos de prazer, de contentamento e até de certo orgulho por parte dela.

Pela sua narrativa, considero que seu núcleo simbólico é “nunca é tarde para ler”, pois

compreendo que sempre há tempo para que alguém descubra os prazeres de um livro – basta encontrar aquela obra que lhe chame a atenção ou, no caso de ‘Gigi’, o companheiro certo para tardes prazerosas de muita leitura.

A Carta de ‘Leitora X’ – “o prazer pela leitura”

Pelotas, 15 de agosto de 2011

Querida Flávia!

Em primeiro lugar, quero te agradecer pela oportunidade e espero poder contribuir com a tua pesquisa; também sou acadêmica do mestrado e entendo a importância da investigação para conclusão do nosso trabalho e mais do que isso, para nossa vida.

*Bem, vou resgatar na memória lembranças da minha infância relacionadas à leitura, que é o objetivo da minha carta. Lembro que sempre **tive muita vontade de aprender a ler, talvez porque observava meus irmãos todos mais velhos lendo**. Na época em que ingressei na escola, aprendíamos a ler na primeira série e para passarmos para a segunda série o teste era ler um trecho de um livro, espero que atualmente seja diferente pelo menos a metodologia. Recordo que naquela época não tinha dificuldade em aprender, fazia as tarefas com facilidade e aprendi a ler antes do teste, adorava passear no centro da cidade e ler o nome das lojas, os cartazes, o destino dos ônibus...*

*No dia marcado para a “**leitura de final de ano**”, não lembro muito bem quem estava comigo, mas fiquei muito nervosa, porque me disseram que eu tinha que “ler tudo certinho, sem errar nada”, senão não passaria para a série seguinte e teria que repetir o ano. Lembro que lia duas vezes antes de pronunciar cada palavra e também desta ter sido **a primeira e pior experiência com a leitura**, nunca mais esqueci aquele momento; quando terminei e disseram que eu tinha sido aprovada, senti um grande alívio.*

*Na minha família, vivíamos com muitas dificuldades financeiras e os livros eram escassos, às vezes conseguíamos emprestados **gibis**, que eram a **minha leitura predileta**, lia várias vezes até decorar, já **aos livros não tínhamos acesso**. Na biblioteca da escola, não eram emprestados livros e não recordo de ter recebido incentivo para leitura naquele período. Quando tinha nove ou dez anos, **meus irmãos trouxeram alguns livros para casa**, acho que por indicação da escola onde estudavam, eram livros de Machado de Assis e Érico Veríssimo; eu começava a ler e achava muito chato. Lembro-me de minha mãe insistir para eu ler os livros, mas **não conseguia passar das primeiras páginas** e me entediava e logo pegava os gibis.*

Nesta época, achava que não gostava de ler porque não conseguia terminar nenhum livro, até que um dia uma amiga me emprestou um livro dizendo que era muito bom e eu

*peguei para agradá-la e comecei a observar o livro e pensei: não é muito grosso, é pequeno e ilustrado, vou tentar ler. Foi a **minha primeira leitura prazerosa** de um livro, nunca mais esqueci nenhum detalhe do livro e li várias vezes, o nome era “Os patins de prata”, era uma história linda de uma menina que sonhava em ter um par de patins de prata. Acredito que era uma leitura adequada à minha idade, por isso gostei tanto. Depois desta experiência me **aventurei** em muitas outras leituras; algumas ia até o final, outras nem sempre...*

Ainda hoje, não me considero uma grande leitora, só leio quando o assunto me interessa muito, como livros da minha área de formação, sobre educação, revistas e jornais.

*Quando o meu filho aprendeu a ler, lembro-me de procurar sempre indicar leituras adequadas à idade dele e sempre o deixei à vontade para escolher, mas **os gibis também eram a preferência**, apesar de ter muitas opções de leitura. Hoje, posso dizer que ele é um bom leitor, porque já leu muitos livros e está sempre à procura de alguma leitura.*

*Esta é a minha história como leitora, pelo menos o que lembrei agora. Ter acesso à leitura adequada à minha idade foi decisivo para despertar **o prazer pela leitura**. Refletindo sobre a minha trajetória como leitora, penso que se ela não me proporcionar esse sentimento de prazer, ainda hoje, acabo deixando de lado.*

Querida Flávia, a vida é tão curta, temos que procurar atividades que nos proporcionem prazer! Não achas?

Agradeço novamente a oportunidade e coloco-me à disposição para colaborar sempre que necessário.

Beijos e um grande abraço carinhoso!

‘Leitora X’

* * *

Agrupei próximas e propositalmente as cartas de ‘Gigi’ e de ‘Leitora X’ porque elas apontam alguns pontos de semelhança entre si. Seriam algumas memórias de infância que se aproximam? Percebo que as duas leitoras valorizam em seus relatos os fatos acontecidos na infância e as primeiras memórias de leitura de sala de aula; aqueles momentos em que os pequenos eram avaliados por seu desempenho, tendo de comprovar que realmente dominavam a habilidade de ler em voz alta e sem tropeçar nas palavras: as leituras de final de ano. Há também o apreço pelos gibis, fato que se comprova em outras narrativas.

Ao ler (e reler) a carta de ‘Leitora X’ fico me perguntando por que a biblioteca da escola em que ela estudava não emprestava livros para os alunos. Seria para que não se

extraviassem, estragassem ou ficassem demasiadamente manuseados? Essa ‘cultura’, infelizmente, ainda é percebida em algumas escolas (principalmente as públicas). As bibliotecas guardam os livros, às vezes ainda empacotados em plásticos para que não se estraguem. Mas, não vou me demorar nesta discussão, pois ela pode alongar-se por muitas páginas e não é esse o foco desta tese.

Outra questão que considero interessante são os incentivadores da leitura de ‘Leitora X’. Primeiro, ela desejava começar a ler logo por causa dos irmãos mais velhos e são eles que trazem para casa os livros que lhe chamam a atenção. Há também a amiga que, ao lhe sugerir um título de que gosta, acaba por lhe despertar o interesse e o gosto pela leitura:

*Nesta época, achava que não gostava de ler porque não conseguia terminar nenhum livro, até que um dia uma amiga me emprestou um livro dizendo que era muito bom e eu peguei para agradá-la e comecei a observar o livro e pensei: não é muito grosso, é pequeno e ilustrado, vou tentar ler. Foi a **minha primeira leitura prazerosa** de um livro, nunca mais esqueci nenhum detalhe do livro e li várias vezes, o nome era “Os patins de prata”, era uma história linda de uma menina que sonhava em ter um par de patins de prata. Acredito que era uma leitura adequada à minha idade, por isso gostei tanto.*

Apesar de não se considerar uma grande leitora, mais adiante, em sua vida, procura incentivar no filho esse hábito e ele também é um apreciador dos gibis, assim como a mãe, na infância. Aí também percebo certa similitude com o relato de ‘Gigi’. As duas parecem, de certo modo, resgatar um pouco dessa prática através de seus filhos, demonstrando que sempre há tempo e possibilidades para isso.

‘Leitora X’ também faz parte do grupo que se organiza em torno do **mitema Aventura – Descoberta – Construção** porque, em sua percepção, ler é aventurar-se, é descobrir o desconhecido, é construir algo de novo em sua vida.

A Carta de ‘Orquídea’ – “a leitura nos leva a mundos inimagináveis”

Pelotas, 13 de agosto de 2011

Prezada Flávia,

O objetivo desta carta é narrar-te um pouco de minha trajetória como leitora. Antes de iniciar meu exercício de “volta ao tempo”, vou me apresentar. Sou a ‘Orquídea’; formada em Letras (fomos “companheiras” nesse caminho) e exerço a profissão docente. Trabalho com a disciplina de Língua Portuguesa, no Ensino Médio. Como adoro flores – especialmente orquídeas e azaleias – posso ser representada por qualquer uma delas.

*Minhas lembranças enquanto leitora não são especiais. Acredito que o que guardo na memória é o que toda criança comum guarda. Todavia, vou narrá-las, conforme mencionei no início desta carta. Gostava e gosto muito de ler. **A leitura nos leva a mundos inimagináveis.***

*Lembro-me de que há pouco havia sido alfabetizada, quando ganhei um livro lindo, em que sua capa predominava o azul turquesa. O livro se chamava “A Galinha Ruiva”. O colorido de suas páginas era maravilhoso. Não me lembro exatamente como era a história, mas lembro-me das personagens e como eu **ficava horas olhando o livro e pensando** (sei lá o quê) naquela galinha com seus pintinhos. Parece que me enxergo sentada folheando aquele livro. Esse livro, o guardei por muito tempo, entretanto, não lembro se minha filha chegou a lê-lo e o fim que foi dado a ele. Outra coleção, que é bem presente em minha memória, é uma de contos de fada. Os livrinhos eram um verde, outro azul e outro vermelho. Também me lembro de lê-los e relê-los como o livro da Galinha Ruiva. Tenho presente em minha lembrança a apresentação e as ilustrações das páginas. Todas elas apresentavam o mesmo formato de desenho, independente da história. Meus filhos tiveram acesso a essa coleção.*

*Na minha fase de adolescência, como não foi incentivada à leitura, **não tinha o hábito de ler**, a não ser que fosse solicitada. Lembro-me apenas de comprar um livro e que o guardo até hoje. Foi um livro publicado sobre a vida de John Lennon, por ocasião de seu assassinato. Lia também sobre a história do Rio Grande do Sul, pois era Primeira Prenda e precisava desse conhecimento. Mas era uma leitura que se limitava às necessidades do momento; não era uma leitura por fruição, de que nos fala Geraldini (2001).*

Chegando à fase adulta, diga-se de passagem, “bem adulta”, retornei a minha “vida

de leitora” quando ingressei na universidade para cursar Letras. A partir dessa época, até o momento, estou sempre lendo. Praticamente não tenho mais tempo de ler por fruição, a não ser um jornal. Preciso dar conta das leituras para minha tese de doutoramento ou para a preparação de minhas aulas. **Embora os momentos de leitura pelo simples prazer de ler sejam inexistentes, as leituras que atualmente realizo me dão muita satisfação, já que me permitem conhecer “mundos” que até então ignorava e isso me encanta. O conhecimento é algo fascinante e há conhecimentos que só descobrimos por meio da leitura e da reflexão que ela nos proporciona.**

Bem, estimada Flávia, acredito que era isso que tinha para te revelar sobre minhas lembranças enquanto leitora. Como já mencionei anteriormente, não há nada de especial nelas, mesmo assim, desejo que sejam úteis ao teu trabalho.

Um forte abraço

‘Orquídea’

* * *

Reconheço, na carta de ‘Orquídea’, um **núcleo simbólico** sugerido – ainda que de modo não intencional – por ela própria: “a leitura nos leva a mundos inimagináveis”. E ela refere-se a esse fato em dois momentos de sua escrita, no início e no final:

Gostava e gosto muito de ler. **A leitura nos leva a mundos inimagináveis.**

Embora os momentos de leitura pelo simples prazer de ler sejam inexistentes, as leituras que atualmente realizo me dão muita satisfação, já que me permitem conhecer “mundos” que até então ignorava e isso me encanta. O conhecimento é algo fascinante e há conhecimentos que só descobrimos por meio da leitura e da reflexão que ela nos proporciona.

Essa referência de ‘Orquídea’ leva-nos a refletir sobre o aspecto de que, ao final de uma leitura, o mundo apresentado pelo livro continua tendo uma vida autônoma dentro de nós, porque às vezes nos vemos forçados a criar novas histórias a partir desse mundo. (PETIT, 2008a, p. 35)

Apesar de ser um pouco mais sucinta do que algumas das outras leitoras que compõem o grupo a que ela pertence, sua narrativa também carrega em si um história interessante, na qual há um detalhamento maior voltado para suas memórias de leitora infantil – e isso reforça as palavras de Nóvoa (2010) ao mencionar que cada pessoa escolhe um determinado momento da vida para realçar em sua escrita (auto)biográfica.

‘Orquídea’ pertence ao grupo relacionado ao **mitema Aventura – Descoberta – Construção**, pois ela deixa transparecer em suas palavras o desejo de **aventurar-se** pelos caminhos da leitura, com o intuito de **descobrir** “os mundos inimagináveis” a que faz referência para, então, **construir** para si o caminho que ela deseja, pois a busca de si, o encontro consigo mesmo talvez seja o que há de mais importante para o ser humano.

A Carta de ‘Mana Negra’ – “experiência diversificada”

Pelotas, 04 de setembro de 2011

Oi, Flávia,

Escrevo esta, com a certeza de estar colaborando com teu trabalho.

Bem, tenho como **lembrança, meu pai lendo muito**, pois ele foi aluno do antigo Abrigo de Menores de Pelotas; às vezes, lia algo para nós. **O hábito da leitura entrou por outro viés, a música**, pois minha mãe cantava em rádio, ela estudou apenas até a terceira série, mas lia muito bem as letras das músicas para decorá-las.

Talvez por esta **experiência diversificada** de leitura, não tenha um estilo preferido, leio o que gosto, me dá prazer, de notícias a textos poéticos, muita literatura infantil, pois leio para minha filha de nove anos e um sobrinho de dez anos. Leio em lugares que sejam tranquilos, geralmente em casa, quietinha, geralmente à noite e nos finais de semana.

Lembro que muito antes do ingresso na escola, já lia e escrevia, pois já era alfabetizada, mais ou menos com seis anos. Lembro, também, que gostava de **brincar de escola**, algumas primas maiores eram as professoras e, deste modo, **praticava a leitura através das atividades que na “escolinha” eram solicitadas**.

Hoje sou professora (pedagoga, com especialização em Educação), tenho algumas escritas poéticas próprias e estou encaminhando a **publicação de um livro infantil**, meu segundo e esperado filho. **Gosto muito da literatura relacionada às minhas origens afro-brasileiras**; em um trabalho escrevi: “Ao ler, gostei muito, gostei tanto que decidi compartilhar minhas leituras, a sabedoria e a beleza que existem no universo da literatura relacionada ao povo negro”.

Particpei e sou uma das professoras que está participando do livro organizado a partir das experiências apresentadas no Poder Escolar e neste mês de agosto passado (30/08/11), participei do sarau poético, da Biblioteca Pública Pelotense, com três do que chamo de “minhas escritas”, um momento ímpar que neste momento fica difícil relatar, mas inesquecível.

Penso que trouxe um pouco das minhas experiências, espero estar colaborando para o sucesso do teu trabalho.

Abraço, ‘Mana Negra’

* * *

‘Mana Negra’, em seu relato, contribui com uma declaração interessante – a de que a leitura entrou em sua vida de maneira diferente, por meio da música, já que sua mãe era cantora de rádio.

Seu interesse pela leitura é diverso: *Talvez por esta **experiência diversificada** de leitura, não tenha um estilo preferido, leio o que gosto, me dá prazer, de notícias a textos poéticos, muita literatura infantil, pois leio para minha filha de nove anos e um sobrinho de dez anos. Leio em lugares que sejam tranquilos, geralmente em casa, quietinha, geralmente à noite e nos finais de semana.*

A experiência como leitora começa bastante cedo em sua vida; na alfabetização precoce e nas brincadeiras de escola, quando, talvez, tenha começado a se tornar professora:

*Lembro que muito antes do ingresso na escola, já lia e escrevia, pois já era alfabetizada, mais ou menos com seis anos. Lembro, também, que gostava de **brincar de escola**, algumas primas maiores eram as professoras e, deste modo, **praticava a leitura através das atividades que na “escolinha” eram solicitadas.***

Ela dedica-se também à escrita, ao declarar que possui textos poéticos seus e um livro infantil sendo produzido à época da escrita de sua carta.

O gosto pela literatura relacionada às suas origens afro-brasileiras denota que ler é conhecer a experiência de homens e mulheres, daqui ou de outros lugares, de nossa época ou de épocas passadas, transcrita em palavras que podem nos ensinar muito sobre nós mesmos, sobre certas regiões de nós mesmos que ainda não havíamos explorado, ou que não havíamos conseguido expressar. (PETIT, 2008a, p. 94)

Ao longo das páginas de um livro, é possível experimentar em nós, a um só tempo, a verdade mais subjetiva, mais íntima, e a humanidade compartilhada. E esses textos que alguém nos passa, e que também passamos aos outros, representam uma abertura para círculos de pertencimento mais amplos, que se estendem para além de parentesco, de localidade ou de etnicidade. (op. cit., p. 95)

Então, a lição que a leitura é capaz de nos ensinar é a de que antes de pertencer a este ou àquele território, somos seres humanos, pois cada um de nós é um indivíduo, e isso é tudo.

Na continuidade deste texto, apresento o segundo **mitema** – a Leitura como **Ferramenta** – representado por apenas uma carta.

6.2- 2º mitema: a Leitura como Ferramenta

Este segundo **mitema** – a Leitura como **Ferramenta** – é representado por uma única carta; então, o **núcleo simbólico** percebido na carta do leitor professor identificado como ‘Amigão’ coincide com o **mitema** encontrado (núcleo simbólico = mitema = A Leitura como Ferramenta):

Diagrama II - FERRAMENTA



Do mesmo modo como fui buscar na origem etimológica das palavras a explicação para os substantivos escolhidos, para esta carta também inseri a etimologia do vocábulo designado para representar o 2º **mitema** desta tese.

A etimologia da palavra **ferramenta** origina-se do Latim e é uma palavra plural que quer dizer “conjunto de instrumentos de ferro”, ou seja, qualquer instrumento ou utensílio empregado nas artes e ofícios. Assim, podemos interpretar, na narrativa de ‘Amigão’, que ele vislumbra os livros e a leitura como “ferramentas” das quais tem se utilizado para ‘transformar’ a realidade que o cerca.

Dos ofícios ligados à transformação dos metais, o de ferreiro é o mais significativo quanto à importância e à ambivalência dos símbolos que implica. A forja comporta um aspecto cosmogônico e criador; um aspecto infernal e também iniciático.

A arte de trabalhar o ferro é também considerada, às vezes, como uma arte secreta reservada aos reis e sacerdotes.

O forjador ou soldador *solda* o mundo – seu trabalho é a constituição do ser a partir do não-ser. Conforme a noção taoísta, o Céu e a Terra são a grande fornalha e a transformação é feita pelo grande fundidor. Para os povos montanhesees do Vietnã do Sul, a obra da criação é uma obra de ferreiro (Bung toma um pequeno martelo e forja a terra; depois, usando um martelo curto forja o céu. Tian, a terra, casa-se com Tum, o céu...). Hefestos (Vulcano) forja a

arma de Zeus. A arma ou **ferramenta** cosmogônica é, na maior parte das vezes, o raio ou o trovão – símbolos da atividade celeste.

Além disso, o simbolismo da forja (do ferro e da ferramenta) liga-se também à atividade criadora do Verbo, da palavra.

O ferreiro, na obra cosmogônica, simbolicamente, carrega consigo também um aspecto ambivalente: seu poder é tanto maléfico quanto benéfico; existe o perigo da relação com a atividade satânica, proibida. Há uma relação com o fogo subterrâneo, com a feitiçaria e a magia. Os ferreiros podem ser representados por monstros ou identificados com os guardiões dos tesouros ocultos. Por outro lado, em outras culturas, o ferreiro desempenha o papel de detentor dos segredos celestes, obtendo a chuva e a cura para as enfermidades. A união da água e do fogo seria a Grande Obra alquímica.

O êxito dessa obra de fundição – pela têmpera e pela liga dos metais – é uma união da água e do fogo, do yin e do yang, reconstituição perfeita da unidade primordial, ou ainda, o retorno ao estado edênico, a obtenção da imortalidade.

A **ferramenta** é necessária aos cultivadores e caçadores – duas ocupações fundamentais na vida das civilizações tribais. A **ferramenta** remonta à ideia de robustez, de dureza, de obstinação, de rigor excessivo e de inflexibilidade.

Percebi contida, na carta a seguir, essa ideia de obstinação e rigor, já que para ‘Amigão’ a leitura não se constitui em fonte de prazer ou mesmo em hábito. Sua declaração sobre o que sente em relação aos livros remeteu-me à ideia de utilização da leitura como uma **ferramenta** da qual se utiliza para seguir adiante em sua vida.

A Carta de ‘Amigão’ – a leitura como “ferramenta”

Pelotas, 09 de agosto de 2011

Prezada professora e pesquisadora Flávia G. Mancini,

*Durante o **trabalho investigativo** que realizei em 2009, denominado **Formação e Desenvolvimento Profissional em Educação Física: dilemas e desafios na educação inclusiva**, foi o **período que mais fiz leituras**, pois fazendo uma referência a minha formação inicial, recordo-me das **escolas públicas e privadas** que frequentei e do **desgosto** que sentia pelo uso obrigatório do uniforme escolar, pelas filas para entrar e sair da sala de aula, pelas cadeiras e classes postadas uma atrás das outras e de frente para a classe da professora, pelos conteúdos programáticos maçantes transcritos na lousa com tempo determinado para serem copiados, das **leituras orais** frente à turma, além de outros elementos disciplinares rigorosos à época e que acabaram manifestando **minhas insatisfações com a leitura** e esses educandários.*

*As aulas de atletismo foram as que representaram melhor os momentos de prazer e de interesse. Corridas, saltos em altura, saltos à distância, competições interescolares e outras oportunidades vivenciadas com satisfação foram, aos poucos, sendo sobrepujadas pelo descontentamento da sala de aula, que perdurou até a sexta série do 1º grau; momento em que **perdi o foco pelos estudos**, passando a trabalhar no comércio local e **afastando-me da vida escolar** por quatro anos.*

*A experiência de onze meses no exército brasileiro motivou uma postura mais consciente e independente, oportunizando-me o retorno aos estudos fundamentais, na época, **supletivo** de primeiro grau, **momento em que fiz muitas leituras**, de dia, nos intervalos do trabalho, e à noite, no cursinho de supletivo (CPV).*

*Aos vinte e três anos de idade³³, senti a necessidade de **recuperar o tempo perdido** e, após **quatro anos de muita leitura e dedicação**, consegui a primeira aprovação em concurso público (vestibular) para frequentar o Ensino Superior.*

Todavia, depois de algumas aulas no curso de Meteorologia da Universidade

³³Aprovado no antigo exame supletivo de 1º grau e no teste de competência para frequentar o ensino de 2º Grau do curso noturno de técnico em contabilidade da Escola Estadual João XXIII, em Pelotas-RS.

*Federal de Pelotas, não identificado com a área das ciências exatas e da terra, **rompi** com o aprendizado e refiz **novas leituras** para **novo** concurso **vestibular**.*

*No ano seguinte, aprovado para a área das ciências humanas no curso superior público de Licenciatura em Letras, habilitação Inglês/Português, não senti novamente a predestinação em frequentá-lo e **desisti novamente**.*

Finalmente, em 1993, identificado com a área das ciências da saúde e aprovado para frequentar o curso de Licenciatura Plena em Educação Física e Técnico em Desportos, na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, pensei em tornar-me Técnico em Desportos e trabalhar com preparação física a níveis de competição.

Contudo, durante o aprendizado, fui compreendendo, através dos diálogos, debates, leituras, testes e experiências, que a formação estava voltada para a licenciatura e que as reflexões feitas iam constituindo uma visão crítica aos aspectos relacionados à realidade do mercado de trabalho, ética profissional, interdisciplinaridade, educação pública, êxito docente e outros assuntos da realidade cotidiana.

Voltado para uma formação profissional que pudesse confrontar os métodos conservadores vivenciados na infância, procurei diversificar o aprendizado junto às pessoas³⁴ de camadas sociais desfavorecidas de nossa comunidade.

*Após **leituras esclarecedoras** e algumas experiências significativas para a formação profissional, comecei uma aproximação com as ideias de Paulo Freire, que defende que todo aluno e aluna têm uma qualidade retraída e, com uma metodologia diversificada, participativa e realista, pode-se contribuir para a espontaneidade e a expressão desses alunos, liberando assim suas emoções cognitivas e satisfazendo uma troca de aprendizados mútuos.*

*Atualmente, **minhas leituras estão relacionadas à formação continuada**, como aulas de Educação Física Adaptada para pessoas com deficiência física ou intelectual, cursos de aperfeiçoamento/qualificação de docentes, congressos, simpósios e seminários relacionados à Educação Especial.*

*Minha preocupação em conhecer mais e melhor a maneira como se desenvolve o processo de aprender a ensinar, oportunizou, recentemente, no Curso de **Mestrado** da ESEF-UFPel, a **leitura** de algumas obras de FREIRE, AFONSO, CARMO, HUBERMAN, JOSSO,*

³⁴ Integrantes do Instituto de Menores de Pelotas – Centro de Orientação Profissional (1996). Participantes do Projeto Amizade de educação de crianças e adolescentes em situação de risco nas ruas de Pelotas, ESEF/UFPEL (1997). Pessoas com deficiência da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Pelotas, (1997).

KRUG, NASCIMENTO, NÓVOA, OLIVEIRA, SILVEIRA, TARDIF, entre outros.

*Confesso não ser um leitor nato, talvez seja por causa de minha formação inicial que não foi como a de costume e isto me levou a ter preguiça de ler um romance, uma ficção, um conto... Lembro que **na infância tinha coleções de gibis do Zé Carioca, Tio Patinhas, Professor Pardal e hoje, casado e com um filho de quinze anos, ainda não li o livro que comprei do Içami Tiba – Quem ama, Educa!***

*Hoje em dia, por ser muito ativo e com **pouca paciência** (desculpa), minhas leituras diárias estão direcionadas para o jornal escrito e virtual e **só leio rapidamente o que me interessa.***

*Estou num período em que decidi ‘ficar de papo pro ar’ após ter lido muito! Finalizei o Curso de Mestrado em 2009 e sinto que este período vai chegar ao fim logo, tendo em vista que já começo a pensar num **doutoramento**, quando **muitas e muitas leituras ainda estarão por vir**, não é, professora?*

Um abraço e bom trabalho!

* * *

‘Amigão’ é o único professor/colaborador do sexo masculino desta pesquisa, num universo feminino de cartas (no total, são 18; portanto, 17 cartas de leitoras e 1 carta de um leitor).

Como referido anteriormente, não existe neste trabalho um cuidado específico com a questão de gênero. Entretanto, mesmo sem ter em mente a relevância desse fato, o teor e a forma como sua carta é escrita diferencia-se das demais, pelo modo objetivo, um tanto destemido (*Confesso não ser um leitor nato*) e talvez surpreendente como ele se (auto)biografa.

Não há, de sua parte, por exemplo, uma preocupação por não ser ele aquele tipo de leitor considerado ‘ideal’, que lê assiduamente e que conhece muitas obras. Não há receio em se contar: a escola, inicialmente, lhe desagradou; ele acaba até por afastar-se dela, para retornar anos mais tarde. Faz algumas tentativas de ingresso no Ensino Superior e só parece dar-se por satisfeito quando encontra o curso com o qual realmente se identifica.

Confessa não ser um apreciador daquela leitura que normalmente se faz por prazer, por fruição: *hoje, casado e com um filho de quinze anos, **ainda não li o livro que comprei do Içami Tiba – Quem ama, Educa!***

No entanto, tive a impressão de que se utiliza da leitura como uma **ferramenta** de trabalho, já que menciona as muitas obras que leu para o seu Curso de Mestrado, por exemplo.

Referi, anteriormente, que achei sua carta surpreendente e interessante, porque minha expectativa inicial era de que receberia relatos de pessoas que apreciam o ato de ler como fonte de prazer e de equilíbrio (os leitores de ‘sucesso’). Essa espécie de quebra no paradigma esperado preliminarmente, para a pesquisa (e para a pesquisadora), é algo bastante salutar, na medida em que este tipo de relato redimensiona e modifica o foco, a direção e a perspectiva que, mesmo inconscientemente, talvez tenha tido (mesmo sem querer) a tendência de estabelecer como algo que seria previsto.

Situo sua narrativa fora dos dois agrupamentos que estabeleci com os demais relatos. Ou seja, seu relato, para mim, estabelece-se **entre** os dois grupos encontrados, pois não se situa nem no grupo da **aventura, descoberta e construção** e nem no grupo do **refúgio, cura e esteio**. O núcleo simbólico desta carta é, para mim, a leitura como **ferramenta**.

Percebo, em minha interpretação, um componente diurno e ascensional na narrativa de ‘Amigão’, pois ele parece dizer que a leitura é necessária quando se deseja realizar uma tarefa. Suas palavras remetem-me à citação de Gaston Bachelard (2002, p.14) quando pontua que:

A mão ociosa e acariciante que percorre as linhas bem feitas, que inspeciona um trabalho concluído, pode se encantar com uma geometria fácil. Ela conduz à filosofia de um filósofo que vê o trabalhador trabalhar. No reino da estética, essa visualização do trabalho concluído conduz naturalmente à supremacia da imaginação informal. Ao contrário, a mão trabalhadora e imperiosa aprende a dinamogenia essencial do real, ao trabalhar uma matéria que, ao mesmo tempo, resiste e cede como uma carne amante e rebelde.

Sua carta dá-me a impressão de referir-se àquela filosofia ativa das mãos que pertencem aos artistas, aos alquimistas, aos obreiros e a todos os que enfrentam a matéria para transformá-la; seria, então, a vontade transformadora da matéria.

Nas palavras de Petit (2008a), a leitura serviria a ‘Amigão’ como forma de conjugar as relações de inclusão, ajudando-o nos momentos de negociar suas mudanças e evoluções, diminuindo o abismo criado pelo mundo dos estudos.

A leitura como **Ferramenta** que o auxilia na realização de uma tarefa ou, mais largamente, de um projeto de vida.

A seguir, apresento o agrupamento de cartas relacionadas ao terceiro e último **mitema**: a Leitura como **Refúgio, Cura e Esteio**.

6.3- 3º mitema: a Leitura como Refúgio, Cura e Esteio

O **mitema Refúgio – Cura – Esteio** relaciona-se com as duas cartas-relato analisadas a seguir: a carta de ‘Mari’ e a carta de ‘Angel’, duas leitoras professoras que apresentam em comum uma necessidade de buscar na leitura um bálsamo que lhes alivie a alma dos sofrimentos causados pela vida.

Nas convergências simbólicas desses relatos percebi uma polarização do Regime Noturno a que Durand (2002) faz referência: a necessidade de refugiar-se, de às vezes ficar só, de refletir, para buscar a cura para os males do corpo e da alma, tanto para si como para os seus, a fim de erguer-se, uma vez mais, para continuar a jornada. A estrutura mística do Regime Noturno relaciona-se aos *schèmes* da descida e da intimidade, fazendo-se presente nos relatos a dominante digestiva, subsumindo as técnicas do continente e do hábitat, os valores alimentares e digestivos, a sociologia matriarcal e alimentadora.

Neste segundo agrupamento de cartas (e terceiro **mitema**), há uma convergência simbólica em que também se reúnem imagens semelhantes, homólogas, como um tipo de variação sobre um mesmo tema, apesar das particularidades existentes em cada uma das cartas.

Diagrama III – REFÚGIO, CURA E ESTEIO



Assim, são três os substantivos escolhidos para representar o terceiro **mitema**, ou seja, o foco de minha interpretação: **Refúgio – Cura – Esteio**.

Para este agrupamento de cartas, três substantivos que parecem expressar as imagens homólogas presentes nos relatos foram escolhidos e, novamente, recorri à etimologia dos termos para auxiliar-me na explicação do sentido que tais palavras carregam consigo.

Refúgio – do Latim *refugium*; abrigo, asilo, lugar para onde alguém se retira para evitar um perigo; lugar onde alguém se pode ocultar, esconder, sentir-se a salvo de alguma perseguição ou coisa que o moleste; meio de escapar; retiro, proteção, agasalho.

Cura – do Latim *cura*; tratamento, cuidado, situação de organismo que tenha superado o estado de doença e recuperado um equilíbrio mais ou menos estável de suas funções; retorno ao estado de normalidade.

Esteio – a origem deste vocábulo remete-nos ao Antigo francês *estaie*, ao holandês *staeye* e ao inglês *stay* e significa sustento, amparo, apoio, garantia, segurança, proteção.

Na sequência deste texto, as duas cartas que compõem o grupo relacionado ao 3º **mitema**, acompanhadas de suas respectivas análises.

A Carta de ‘Mari’ – “em busca de refúgio”

Pelotas, 03 de agosto de 2011

Querida Flávia,

Meu nome é (...), sou professora de Literatura da 1ª série do Ensino Médio. Em teus relatos gostaria de ser referida com o nome de Mari.

Minha trajetória como leitora não começou muito bem. Fui alfabetizada pela minha mãe, e **ela não tinha muita paciência para ensinar.** Achava que eu aprenderia melhor se, quando errasse, levasse umas palmadas, de modo que levei muita palmada até que me tornasse uma conhecedora do beabá.

Ao contrário de minha mãe, que era a instruída da casa, com sua 5ª série primária, havia o **meu pai** que **não era alfabetizado**, mas tinha muito orgulho de mim. Lá por meados de 81, o sabão OMO lançou uma promoção: você comprava não sei quantas caixas de sabão e ganhava um roteiro de uma novela famosa. E meu pai chegou em casa com um roteiro desses. Era um calhamaço enorme para uma criança que mal juntava as letrinhas. Eu não me lembro mais de uma palavra do que li, mas li o tal roteiro para agradar meu pai.

Já na terceira, quarta série, eu me tornei leitora de gibis, principalmente de gibis de aventuras: Homem-Aranha, Titãs... Vim conhecer Lulu e Bolinha, Turma da Mônica e o Palhaço Alegria perto dos 13 anos.

Nessa época, mudamos do Ceará para o Rio Grande do Sul. Saí de uma cidadezinha do interior, onde as escolas mal tinham paredes, para escola grande e com o **paraíso da biblioteca.** E foi um paraíso mesmo... porque os demais alunos zombavam do meu sotaque, e eu, muito tímida e sem amigos, **descobri nos livros amigos que não riam de mim e tinham muito assunto.** Passava os recreios trancada na biblioteca e sempre levava algum livro para casa. Os clássicos da Literatura Brasileira, que me pediram para ler na Universidade, eu já os tinha lido, quase todos, entre os quinze e os dezoito anos: Iracema, O Guarani, Dom Casmurro, Memórias Póstumas de Brás Cubas, as poesias de Mário Quintana, de Carlos Drummond de Andrade.

Meus pais passaram a brigar comigo porque eu também me isolei do convívio familiar. Mas a verdade é que eu estava numa fase em que deveria descobrir quem eu era, e eu não queria muito ser como os meus pais. Principalmente eu não queria ser como a minha mãe. E os livros me ajudavam nessa busca.

Passei toda a minha adolescência sem ter namorado e o que eu sabia de romance e de amor vinha das histórias que eu lia. Então meu referencial romântico era ao mesmo tempo meu referencial de leitura. Confesso que isso não me ajudou muito na realidade.

*Só aos 22 anos fiquei sabendo mesmo que ficção é ficção e realidade é bem diferente. Como o meu casamento não andava bem das pernas, **me refugiei nos livros de novo**. Só que dessa vez, minhas leituras eram religiosas. Eu li a Bíblia de capa a capa umas dez vezes. E li mais ainda livros que explicavam a Bíblia. Dos 25 aos 30 anos, passei envolvida puramente com obras de caráter religioso. Eu me separei. E não precisei mais do **refúgio** bíblico. Ainda leio obras religiosas, mas não mais com o frenesi que foi nos **anos de sofrimento**.*

Agora, sou uma leitora para o meu trabalho. Eu trabalho com Literatura Clássica e Medieval. E tenho lido muitas obras dessas épocas para o meu trabalho em sala de aula: a Guerra de Tróia, Tristão e Isolda, Odisseia, As Brumas de Avalon, Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda e outros.

Espero que este relato ajude no teu trabalho. Tudo de bom para ti.

Beijos.

Mari

* * *

Para as pessoas interessadas em estudar os diferentes (e ricos) aspectos da leitura, os relatos de pessoas que se dispõem a tal parecem sempre muito interessantes; pode parecer de certo modo difícil o tão necessário estranhamento por parte de quem pesquisa, principalmente depois de acontecer um entranhamento causado pelas muitas leituras das cartas recebidas. Cada narrativa contém uma espécie de universo no qual se pode espiar, por uma pequena fresta, um recorte espaço/temporal da vida de um(a) leitor(a).

‘Mari’ oferece para quem a lê uma narrativa agri-doce, porque, ao contar passagens de sua vida, vai escrevendo sua história de leitora como alguém que percebe na leitura um **refúgio**, ou como refere Petit (2009), maneiras de sobreviver diante às adversidades da vida, encontrando nos livros os fiéis companheiros, os amigos que não riem e que sempre têm assunto. Vejamos, a seguir, um trecho da carta de ‘Mari’ que ilustra esse raciocínio:

*Nessa época, mudamos do Ceará para o Rio Grande do Sul. Saí de uma cidadezinha do interior, onde as escolas mal tinham paredes, para escola grande e com o **paraíso da biblioteca**. E foi um paraíso mesmo... porque os demais alunos zombavam do meu sotaque, e eu, muito tímida e sem amigos, **descobri nos livros amigos que não riam de mim e tinham***

muíto assunto.

Na obra autobiográfica de Petit (2008), intitulada “Una infância en el país de los libros”, encontro eco para as palavras de ‘Mari’, quando a autora afirma que a leitura pode ser um ‘outro espaço possível’, ‘uma terceira dimensão’, ou ainda, ‘uma terra de adoção’ para alguém que se sente sozinho, isolado.

Percebo, na carta de ‘Mari’, que a leitura para ela não se constitui somente em fonte de conhecimento ou auxílio para seu trabalho como professora de Literatura. Os livros – apesar do seu difícil começo como leitora – lhe acompanham, pela vida, ajudando-a em suas buscas e nos momentos de aflição ou dificuldade. Por isso, o **núcleo simbólico** que vislumbro na carta de ‘Mari’ é “em busca de refúgio”.

Em suas vivências de leitura, ela encontra abrigo, proteção e amparo. E aí se faz presente o Imaginário como o equilibrador biológico, psicológico e social de que nos fala Durand em obras já mencionadas nesta tese, uma vez que “o cultivo da imaginação não é fruto de mero acaso nem de súbita inspiração, mas uma **necessidade vital**, visto que o falso conflito entre razão e imaginação, que dominou a modernidade, já não se sustenta”. (ARAÚJO & ARAÚJO, 2009, p. 7)

Nas palavras do mestre do Imaginário:

não simplesmente ópio negativo, uma máscara que a consciência ergue diante da medonha figura da morte, mas bem pelo contrário, dinamismo prospectivo que, através de todas as estruturas do projeto imaginário, tenta melhorar a situação do homem no mundo. (DURAND, 1984, p. 118)

Então, para ‘Mari’, os livros funcionariam de um modo balsâmico, isto é, a função eufemizadora da imaginação, aquela que nos ajuda a suportar as intempéries da vida e a driblar as faces do tempo.

A Carta de ‘Angel’ – “a cura”

Olá,

Sou ‘Angel’, professora desde os 18 anos, atuando desde a educação infantil, séries de alfabetização, ensino médio, ensino superior e pós-graduação. Atualmente sou concursada como supervisora pedagógica, assumindo como diretora de ensino, pesquisa e extensão desde o início deste ano; sou também docente dos cursos de licenciatura e do curso de pós-graduação em educação. O chamamento da carta de apresentação da pesquisa em muito me mobilizou, pois **a leitura é algo muito significativo em minha vida**. Contarei um pouco.

Sou a filha mais velha, minha mãe é professora (embora aposentada hoje, sempre ostenta o título) e meu pai mecânico (hoje aposentado e dono de uma microempresa de transportes). Quando nasci, minha mãe ainda dava aulas no interior, como professora primária, morávamos com minha avó materna e uma tia solteira, e, segundo minha mãe, era um clima muito bom, pois **todos tomavam conta de mim**, da casa. Tenho sensações muito boas desta primeira infância, pois convivi até adulta com minha avó, “mãe véia”, como todos os netos mais queridos a chamavam ou, vó Pê, por todos os outros. Eu era das preferidas, e esta é uma boa lembrança. A família de minha avó materna era do campo, meu avô laçador, meus tios, meus primos, primas, todos do campo. Minha mãe, a única professora, o orgulho de meu avô, pelo que me falavam, e as outras tias com **histórias de mulheres muito fortes**, decididas, são **sete** as irmãs de minha mãe. Sob os olhares de minha mãe véia, como exemplo de mulher forte, inteligente, decidida, cresci! Todas as sete moças casadas, como comum à época, com rapazes próximos, de famílias conhecidas, exceto minha mãe, que resolveu casar, já tarde para o tempo, com quase trinta anos, com um rapaz da cidade, que não tinha nenhuma inclinação para trabalhar com o gado e com a terra. Dizem as lendas familiares que minha avó não gostou, foi contra, não foi nem no casamento! Dizia que não gostava do casamento de minha mãe com um “alemãozinho da cidade”. Mas recebeu-o em casa! Na sequência, eu nasci e tudo ia bem. Importante colocar que meu pai é de origem alemã, família da cidade, meu avô paterno taxista e funileiro (esta profissão comum aos imigrantes); já minha mãe de origem não sei, costume dizer “daqui mesmo”, acho que meu avô era um típico gaúcho, laçador de renome na região, até hoje, e minha avó também, tem até uma carinha de índia, não sei ao certo, e acho que nunca saberei... mas, em andanças pelo Uruguai, no verão passado, juro que vi muitos iguais a meu avô e a minha mãe véia... Bem, o tempo passou rápido e em seguida meu pai e minha mãe fizeram casa e fomos morar nela...

os problemas que meu pai já apresentava com o consumo de bebida aumentaram e daí pra frente as brigas se tornaram constantes.

Entrelaço isto com a minha história de leitora, por estar diretamente ligada à relação com meu pai e minha mãe. Até meus exatos sete anos, meu pai apresentava um quadro de alcoolismo cada vez mais intenso, tenho vagas lembranças... Exatamente no ano de 1982, 14 de janeiro, lembro que vi meu pai saindo de casa cedo da noite, o que era raro, visto que ele costumava voltar tarde da noite do trabalho, pois ficava bebendo... Nesta época, meu único mano (hoje com trinta anos, professor) tinha meses de idade e a mãe comentando que achava que ele iria para o grupo de alcoólicos anônimos. Então, tudo se modificou, com o pai entrando num processo de controle da doença. Nesta época, eu frequentava primeira ou segunda série, tinha **dificuldades na leitura e na escrita**, e isso me lembro de ouvir a mãe falando, nem sei se isto mesmo, mas o fato que me movimenta até hoje é que eu **via meu pai lendo muito**, na época, ele passava muito mais tempo em casa e muito deste tempo lendo. Hoje, tenho nesta a **grande referência de minha vida**, pois **a cura de meu pai** associa às leituras que via ele fazendo. Daí lembro de mim lendo, lembro da mãe reclamando que eu passava mais tempo lendo do que qualquer outra coisa, lembro dela comentando com uma tia disso, e a tia respondendo pra ela deixar. **Lia de tudo**, lembro dos livros didáticos da mãe, que tenho até hoje; lembro de ler a Bíblia para crianças, que acho que também tenho. Aliás não sou católica, mas um dos primeiros presentes que dei às minhas filhas foi uma Bíblia infantil.

Tem outra situação muito interessante em minha trajetória na escola, pois eu costumava passar horas lendo escondida atrás da capela da escola. Cabulava muitas aulas. No final da quinta série reprovei em Português e Matemática, pois **lembro que o que a professora de Português falava em aula não tinha nada a ver com o que eu lia**. Aliás, nunca me perguntaram se eu lia. **A biblioteca era meu lugar preferido** pra ler e namorar, he,he,he...

Sempre gostei de escrever e tive certa criatividade nos textos; atribuo isto às leituras que sempre fiz. Minha **habilidade em ler, interpretar e escrever** desabrochou no curso de magistério, pois tive incentivo para escrever, sem ficar atrelada às normas; daí passei a ter segurança na escrita, ampliei minhas leituras, mas sinto que havia orientação qualificada para leituras específicas.

Hoje me sinto uma leitora, não dada a ler romances – se bem que ainda ano passado li o *Historiador*, que conta a história de conde Drácula –, procuro leituras mais específicas daquilo que pesquiso, mas são momentos, fases, épocas... E acho que isto também acontece

com minha filha mais velha, que ama ler.

*Bem, se tem **algo que aprendi com meu pai é que ler é saúde**. Das pessoas que significaram pra mim, como minha mãe-véia, aprendi a ler o mundo, pois ela, apesar de analfabeta, me ensinou a ser mulher.*

* * *

Impressiona-me a carta de ‘Angel’ por sua contundência e por seu desvelamento. Sua narrativa é destemida, corajosa, assim como sua personalidade, que deixa transparecer o componente heroico de que nos fala Durand (2002). Suas mentoras são mulheres por ela chamadas de fortes; a mãe-professora lhe serve de modelo, assim como a avó, chamada de “mãe-véia”.

‘Angel’ parece ser capaz de superar qualquer dificuldade que a vida lhe apresenta e a leitura lhe auxilia nessa às vezes espinhosa empreitada. Na leitura que realizo, consigo visualizar, além do componente heroico já mencionado, a importância da família como o ninho que acolhe, protege, mas que também ensina e prepara para a vida. Existe ainda a valorização de suas raízes, ou seja, mesmo depois de deixada a casa materna para alçar voos mais altos, ela jamais é esquecida ou desvalorizada.

Deixo, propositalmente, para o final, a grande importância que ‘Angel’ atribui à leitura. São verdadeiramente marcantes para mim três passagens de sua carta:

- *a **cura** de meu pai associa às leituras que via ele fazendo;*
- *a biblioteca era meu lugar preferido;*
- *se tem **algo que aprendi com meu pai é de que ler é saúde**.*

Para a jovem leitora, a biblioteca era o **refúgio** do qual tanto nos fala Petit em suas obras estudadas para esta tese; a autora (2008b, p. 11) refere que os livros fazem com que o mundo se torne um lugar mais habitável.

‘Angel’ associa, ainda hoje, a **cura** de seu pai com a leitura; ou seja, o poder da leitura como bálsamo curativo para a doença que o acometia e que afligia a ele e a todos da família. Uma vez mais a leitura atuando como uma tecnologia do Imaginário, isto é, um equilibrador biológico, psicológico e social na vida de alguém que, como todo o *antropos*, necessita de harmonia.

No seguimento deste texto, apresento minhas reflexões finais a respeito desta tese.

Pelos caminhos da leitura,
Nossos antepassados se organizaram.
Para registrar a história do seu povo,
A escrita cuneiforme criaram.

Pelos caminhos da leitura,
Que no Atlântico viajou,
Com a conquista dos portugueses,
Uma nova língua aqui chegou.

Pelos caminhos da leitura,
A escola é nosso segundo lar;
Muitos mestres se formaram
Para o bê-a-bá ensinar.

Pelos caminhos da leitura,
Documentos podemos registrar;
Ocupar no universo o espaço,
Cidadãos honrados nos tornar.

Pelos caminhos da leitura,
Todo cidadão se alfabetizar;
Este é o grande objetivo
Para um mundo melhor, transformar.

Pelos caminhos da leitura,
Encanto, aventura e emoção;
Tornar a leitura hábito diário
É uma das metas da Educação.

O sonho em realidade transformar
Na área do conhecimento e da cultura;
Muitas viagens realizar,
Pelos caminhos da leitura.

Prof.^a Noeli Peter Martins

Escola Municipal de Ensino Fundamental Ulisses Guastucci

Cerrito / RS – Localidade do Alto Alegre

(16/07/2012 – 11º Encontro sobre o Poder Escolar)

Uma pequena dose de ousadia rumo ao valor simbólico da leitura presente nas cartas (auto)biográficas de leitores professores

Pelotas, novembro de 2012

Prezado leitor, prezada leitora,

Escolhi como epígrafe desta parte final o poema de uma professora que conheci no Poder Escolar do ano de 2012, quando fui debatedora de uma mesa que versava sobre leitura. Penso que a vida é feita de encontros e que o ‘cosmos’ atua no sentido de reunir pessoas que compartilham afinidades. Para mim, as palavras da professora Noeli (que atua como fomentadora da leitura numa região da zona rural do município de Cerrito/RS) caíram como uma luva, pois quando eu as li, lá, naquele encontro, fiquei surpresa e emocionada: aquele texto parecia resumir poeticamente tudo o que tenho pesquisado e estudado para compor esta tese.

Também resolvi ousar um pouquinho e me dirigir a ti, que estiveste comigo durante o percurso deste texto, como meu leitor ou minha leitora, porque, de certa forma, participamos juntos dessa experiência. Coloquei como título “uma pequena dose de ousadia...” para esta parte da tese, porque decidi escrevê-la na forma de uma carta.

Mais uma vez as cartas... Por quê? Porque foram as cartas que me ofertaram os dados nos quais fui buscar as provas hermenêuticas para este estudo – quais sejam: de que existe um **valor simbólico** nas trajetórias de leitura. Porque foram elas que compuseram o meu primeiro movimento de pesquisa e porque, me utilizando de uma carta, fui em busca de meus sujeitos de pesquisa: os leitores professores. Finalmente, porque, por meio delas, consegui chegar até aqui, tecendo algumas conclusões a respeito do que tenho estudado e pesquisado.

O caminho percorrido durante o Doutorado (e a escrita de uma tese) pode parecer extenso, longo, demorado; para alguns, um verdadeiro exercício de paciência e até de certas privações dos pequenos acontecimentos da vida cotidiana. Entretanto, tenho a impressão de que não se pode ter tudo, pois é preciso abrir mão de algumas coisas em favor de outras. Uma questão de escolhas, eu diria, e também de prioridades. Então, em se tratando de uma escolha, sabemos quais são as regras do jogo, não é verdade?

Todavia, é preciso dizer dos enormes ganhos que tive durante todo este tempo. Concluída a experiência, estou, com certeza, um tanto mais rica, mais amadurecida; talvez um pouco mais sábia e muito, mas muito mais feliz.

Fazer parte – pela primeira vez – de um grupo de pesquisa é, sem dúvida, uma experiência difícil de traduzir em palavras, pois o GEPIEM é um grupo no qual não somente se estuda, mas é também um lugar onde se aprende a conhecer gente; um espaço e um tempo em que conheci pessoas e, principalmente, exercitei o (re)descobrimento de mim mesma. Uma verdadeira experiência de vida e formação, como tão bem traduz Josso (2004).

Falando em (re)descobrimento de si, quero voltar só um pouco lá no início da tese, onde realizei o exercício de me (auto)biografar, contando fragmentos de minha história por meio das experiências de leitura e dos livros que tenho lido ao longo da minha vida. Esse movimento possibilitou um valoroso exercício de (auto)conhecimento; uma espécie de balanço, de volta no tempo; um exercício de rever momentos importantes da vida da gente. Enfim, uma experiência formadora, pois, como refere Petit³⁵ (2008), se um terapeuta necessita de terapia, de modo a cuidar adequadamente de seus pacientes, alguém que vai trabalhar com as biografias alheias tem de, em primeiro lugar, ser capaz de se (auto)biografar.

No seguimento deste trabalho, lancei mão de ‘suplementos’ teóricos que me alimentaram durante a minha jornada ou, como diz a professora Magda Floriana Damiani, algo que me ajude a fazer meu texto “parar de pé” (minha orientadora Lúcia prefere que os textos “dancem” ritmada e harmonicamente – de qualquer modo, para se dançar ou para se ficar de pé é preciso de tônus muscular). Este ‘tônus’ foi-me fornecido por uma tríade teórica, isto é: como “carro chefe” (e esta expressão é do meu querido colega de grupo, professor doutor Alexandre Vergínio Assunção – Alex, para os íntimos) os estudos do Imaginário, pela sabedoria de Gilbert Durand e Gaston Bachelard, assim como também de mestres mais próximos (temporal e espacialmente falando): Alberto Filipe Araújo, Lúcia Maria Vaz Peres e Juremir Machado da Silva; sem esquecer, é claro, dos meus colegas mestres e doutores já formados pelo grupo e com quem, certamente, aprendi muito.

Os estudos sobre histórias de vida e (auto)biografias formativas transcorreram, principalmente, por conta de autores como Pierre Dominicé, António Nóvoa, Matthias Finger,

³⁵ “Todo psicoanalista debe ser analizado él mismo. Tal vez todas las personas que trabajan con la lectura deberían pensar un poco en su propia trayectoria como lectores: pero por favor no convirtamos esto en un ejercicio obligatorio: que cada quien, si así le apetece, ya sea para sí mismo o para el destinatario que elija, reencuentre los senderos por los cuales la lectura lo condujo del espacio de la intimidad al espacio público.” (PETIT, 2008, p. 17-18)

Adèle Chiené, Christine Delory-Momberger e Marie-Christine Josso. E ao estudar a Antropologia da Leitura mergulhei (em tudo o que foi possível encontrar), principalmente, nos textos de Michèle Petit. Como estou escrevendo uma carta, posso confidenciar aos meus leitores que essa pesquisadora francesa é um verdadeiro xodó para mim. Desejo conhecê-la pessoalmente!

Voltei a citar os meus caros autores (e companheiros de trabalho), porque desejo referir quais as principais tatuagens teóricas que em mim ficaram e que percebi diretamente relacionadas com os dados coletados e que espero ter traduzido nesta tese.

Dos estudos do Imaginário na abordagem sobre o valor simbólico da Leitura...

Seres humanos que somos, somos também seres de simbolização e de imaginação. No entre-saberes do Imaginário vamos construindo a teia que nos sustenta ao longo da nossa existência. Vivemos entre dores e alegrias, amores e rancores, e a imaginação é o bálsamo que nos ajuda a suportar o que a vida nos tem a ensinar – às vezes um tanto duramente. Na bacia semântica do Imaginário buscamos o alento para nossos sofrimentos e dificuldades existenciais. O motor da imaginação nos impulsiona a seguir em frente, eufemizando as dores, a finitude da existência e ajudando a “driblar as faces do tempo”.

Tal qual aquele que anda na corda bamba, necessitamos da equilibração em todos os sentidos: biológico, social e psicológico, tentando fugir da doença, da loucura e da morte. Entre os Regimes Diurno e Noturno, oscilamos, tal qual o pêndulo de um relógio, funcionando nas três dominantes (postural, digestiva e cíclica) que nos ensina Durand. Tudo isso para nos mantermos caminhando sobre a corda, sem cair...

Das (Auto)biografias Educativas como Trajetos de Formação relacionados à leitura...

Todos – e cada um de nós – carregamos conosco um passado escrito na memória, com características comuns devidas ao nosso passado antropológico e ancestral, mas com particularidades e especificidades singulares, tornando-nos absolutamente individuais e únicos, porém uma parte de um grande e complexo conjunto chamado Humanidade.

Neste contexto, a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida, com as (auto)biografias desempenhando dois papéis importantes: um meio de investigação e um instrumento pedagógico. Essa dupla função justificando sua utilização no domínio das ciências da Educação e da formação.

Desse modo, o acontecimento de se contar tem, para algumas pessoas, um importante

aspecto formativo, uma genuína experiência de vida e de formação, em que escolhemos, dentre uma vastidão, as recordações que nos são mais caras e mais marcantes, onde desenhamos o nosso próprio retrato, segundo nosso próprio ponto de vista, pintando-o com as cores que nós escolhemos naquele momento específico de nossas trajetórias, em que somos convidados a contar as nossas histórias. Ou seja, aquilo que resolvemos contar não é idêntico em todos os momentos de nossas vidas, nem em todos os contextos nos quais nos exprimimos. Também se trata da nossa visão e não da visão de outrem sobre o vivido e o percebido.

Sobre a Antropologia da Leitura como fomentadora do Imaginário...

Volto às palavras de Petit (2009) quando refere que a leitura abre para um novo horizonte e para tempos de devaneio que permitem a construção de um mundo interior, um espaço psíquico, além do sustento de um processo de autonomização, a construção de uma posição do sujeito.

Nesse sentido, verifiquei neste estudo que a prática da leitura, para algumas pessoas, funciona como um **equilibrador** em suas vidas, através do **valor simbólico** que é atribuído por elas para a leitura.

Para Durand (1993), a imaginação simbólica funciona dinamicamente, de modo a negar a morte e a passagem do tempo e o pensamento simbólico funciona como um restabelecedor de equilíbrio: psicossocial, antropológico e vital (comprometido pela inteligência da morte).

Acredito que tenha conseguido demonstrar esse fenômeno, nesta tese, por meio de minhas próprias memórias de vida-leitura e, principalmente, por meio dos **núcleos simbólicos** percebidos nas cartas de meus sujeitos de pesquisa. **Núcleos simbólicos** que, em sua redundância, reuniram-se nos três **mitemas** desta tese:

1º **mitema**: a Leitura como **Aventura, Descoberta e Construção**;

2º **mitema**: a Leitura como **Ferramenta**;

3º **mitema**: a Leitura como **Refúgio, Cura e Esteio**.

O primeiro **mitema** apresenta-se relacionado à estrutura heróica do Regime Diurno, presentificada pelos *schèmes* da ascensão e da separação; esse Regime tem a ver com os rituais da elevação e da purificação; com a dominante postural e a tecnologia das armas, com a sociologia do soberano mago e guerreiro. (DURAND, 2002)

A estrutura mística do Regime Noturno relaciona-se ao terceiro **mitema** e aos *schèmes*

da descida e da intimidade: a sociologia matriarcal e alimentadora, os valores alimentares e digestivos; a dominante digestiva subsumindo as técnicas do continente e do hábitat. (op.cit.)

A estrutura dramática (também Regime Noturno) relaciona-se ao segundo **mitema** e une, de modo cíclico, o primeiro e o terceiro **mitema**, como também as duas estruturas anteriores. Essa estrutura agrupa os símbolos naturais ou artificiais do retorno, os mitos e os dramas astrobiológicos; as técnicas do ciclo, do calendário agrícola e da indústria têxtil. (op. cit.)

Sob esse ponto de vista, o **1º** e o **3º mitemas** apresentariam uma polarização referente aos dois Regimes (Diurno e Noturno) e estariam ‘unidos’ pelo **2º mitema**.

Esse raciocínio pode ser expresso pelo diagrama a seguir:



As estruturas antropológicas relacionadas ao Regime Diurno levam-nos a ter atitudes

heroicas, decisivas e às vezes até demasiadamente impositivas, enquanto as estruturas antropológicas relacionadas ao Regime Noturno ajudam-nos a eufemizar as vicissitudes pelas quais passamos e os temores relacionados à passagem do tempo e à finitude da vida.

Após o contato com as cartas desta pesquisa e a partir de minha percepção como pesquisadora, reafirmo a concepção teórica inicialmente estudada de que assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a leitura. Nos livros, os leitores vão buscar as manifestações universais de toda a Humanidade, em todos os tempos. Não há povo e não há pessoa que possa viver sem isso, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Então, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a **leitura**, concebida em um sentido amplo, parece corresponder a uma **necessidade universal**, que precisa ser satisfeita e que se constitui em um direito.

A imaginação difunde-se em todas as direções, reanimando as experiências anteriores, despertando recordações adormecidas, irrigando os campos sensoriais adjacentes. É na leitura que nós surpreendemos o fenômeno do ecoar ou da reverberação pelo qual o *schème*, por sua vez, produz as imagens. (RICOEUR, 1986)

Então, retomo as palavras de Petit (2008a) que resumem, com propriedade, as percepções encontradas no empírico desta tese. Ainda que a leitura não nos torne mais virtuosos nem preocupados com os outros, porque ela não irá reparar o mundo das desigualdades ou da violência, ela propicia um espaço íntimo, no sentido de encaminhar-nos mais para o pensamento do que para a violência, abrindo um campo de possibilidades onde antes parecia não existir “nenhuma margem de manobra”.

Por meio da pesquisa, também pude perceber e reafirmar o que inicialmente era meu pressuposto de tese: de que a leitura carrega consigo um **valor simbólico**. Essa percepção é expressa nas cartas daqueles que são leitores assíduos ou de ‘sucesso’, como, por exemplo, a quase totalidade de leitoras professoras reunidas nos grupos do **1º** e do **3º mitema**. Contudo, também pude observar esse mesmo valor atribuído à leitura no trajeto de leitores não tão assíduos e também não tão apreciadores deste hábito. Haja vista a carta de ‘Amigão’, por exemplo.

Ainda fazendo uma referência aos **mitemas** encontrados, um último comentário em relação a cada um deles:

O **1º mitema**: a Leitura como **Aventura – Descoberta – Construção** reúne o agrupamento de quinze cartas de leitoras professoras que, no meu entender, vislumbram a

leitura como um passaporte para outro mundo; a possibilidade de viajar sem sair do lugar, de **aventurar-se** para **descobrir** o desconhecido e, só então, concretizar o sonho, o que é imaginado; **construir** algo de novo para a vida pessoal e profissional.

O 2º **mitema**: a Leitura como **Ferramenta** organiza-se em torno de uma só carta, coincidentemente aquela escrita pelo único leitor professor do sexo masculino, que vislumbra a leitura como um meio do qual ele se utiliza para conseguir a realização de algo que é necessário em sua vida. Talvez sua percepção da leitura seja menos lúdica do que a visão do grupo anterior; provavelmente vislumbrando-a através de aspectos de maior objetividade e concretude.

O 3º **mitema**: a Leitura como **Refúgio – Cura – Esteio** reúne as cartas de duas leitoras professoras que, na minha visão, percebem a leitura como um remédio ou mesmo um bálsamo para suas almas; algo que nos possibilita o **refúgio** necessário quando é preciso **curar** o corpo ou a alma (nunca dissociando uma da outra) para, só então, encontrar o tão buscado equilíbrio.

Desejo também salientar a questão de como as pessoas se apropriam da leitura ou com que finalidade: há aquelas que se utilizam dela não somente para fins lúdicos, mas também com a finalidade de adquirir conhecimento e, com isso, realizar ações em suas vidas. Quero dizer que não se lê somente por prazer, ou por gosto, mas também por necessidade.

Outra percepção é a de que as cartas desencadeiam – tanto em quem as escreve como em quem as lê – uma espécie de contemplação da vida; ou seja, o que Gaston Bachelard (1984) denominou de poética do devaneio.

Um fato que considero digno de ressaltar (e as cartas referendam isso de modo seguro) é o de que não há impedimentos para o leitor desejoso de um livro ou de outro material de leitura (os gibis, por exemplo). Aquele ou aquela que querem ou que precisam, criam algum tipo de estratégia para o conseguirem.

A leitura, pelo que pude inferir nas cartas, contribui para a *Bildung* humana, auxiliando na **construção do processo temporal e histórico da formação de um indivíduo**. A viagem através dos livros afirma-se como um motor, ou como uma bacia semântica, já que a imaginação trama e projeta as imagens tão necessárias à formação do que Montaigne denomina de “cabeças bem feitas”. O Imaginário não é algo com que se nasce. É algo que se elabora, se desenvolve, se enriquece, se trabalha, ao longo dos encontros conosco mesmos, com os outros, com o mundo, com os livros.

Então, afinal de contas, para que e por que se lê?

Lê-se, enfim, para se ter acesso ao saber, para se apropriar da língua, para construir-se a si próprio, para ir a um outro tempo ou lugar, para conjugar relações de inclusão ou para criar círculos de pertencimento mais amplos, como tão propriamente refere Petit (2009) e como pude verificar nessa pesquisa.

Finalmente, desejo evidenciar que ao iniciar o processo de coleta de dados havia em mim o desejo de retribuir a meus sujeitos, de alguma forma, aquilo que a mim, generosamente, estavam doando: fragmentos de suas histórias de vida – algo tão rico e peculiar, que precisava ser tratado com todo respeito e cuidado. O aspecto formativo percebido pelos leitores professores ao escreverem as cartas e a posterior satisfação por eles demonstrada quando lhes enviei suas cartas com as respectivas análises por mim efetuadas serviram, de certa forma, para me tranquilizar. A escrita das cartas levou-os à compreensão de seus percursos de formação, já que a dimensão afetiva acompanha os tempos fortes da existência; a organização social transpareceu nas marcas da cronologia de suas vidas; os momentos considerados ‘charneira’ manifestaram-se como momentos de regulação individual, tornando os processos de se contar, simultaneamente, intelectuais e afetivos.

Com a sensação de que ainda há muito para conhecer, estudar e efetuar em minha prática docente e no meu trajeto de pesquisadora, porém com o sentimento de realização de uma empreitada, despeço-me do meu caro leitor e da minha cara leitora, com as palavras do escritor Ray Bradbury (1953): “Sem narrativa, não há memória; sem memória, não há vida”. (Fahrenheit 451)

Em qualquer tempo, em qualquer lugar ou estação da vida, sempre valerá a pena a companhia de um livro, pois ele poderá nos indicar um caminho, ajudando-nos a seguir em frente e acreditando na existência de dias mais felizes e ensolarados...

Muito obrigada por teres estado comigo durante a leitura desta tese!

Até a próxima!
Um abraço cordial e fraterno!

da Flávia

Referências

ABREU, Gilda. **Bonequinha de Seda**. Rio de Janeiro: Minerva Ltda., s/d.

ARAÚJO, Alberto Filipe; ARAÚJO, Joaquim Machado de. **Imaginário educacional**. Figuras e formas. Niterói/RJ: Intertexto, 2009.

ARAÚJO, Alberto Filipe; TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 7-13, out./dez. 2009.

ARAÚJO, Alberto Filipe; WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Educação e imaginário**. Introdução a uma filosofia do imaginário educacional. São Paulo: Cortez, 2006.

AZEVEDO, Fernando; ARAÚJO, Joaquim Machado de; PEREIRA, Cláudia Sousa; ARAÚJO, Alberto Filipe (Coords.). **Imaginário, identidades e margens**. Estudos em torno da Literatura Infanto-Juvenil. Serzedo/Portugal: Edições Gailivro, 2007.

AZEVEDO, Nyrma Souza Nunes de Azevedo (Org). **Imaginário e educação**. Reflexões teóricas e aplicações. Campinas, SP: Alínea, 2006.

BACHELARD, Gaston. **La poetique de la rêverie**. 8. ed. Paris: PUF, 1984.

_____. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A água e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BOLLÉME, Geneviève. **O povo por escrito**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BUENO, Francisco da Silveira. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. Santos: Brasília Limitada, 1974.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**. Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. A leitura. Uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger (Org.) **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade,

1996.

_____. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas: Mercado das Letras: ALB: FAPESP, 1999.

_____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (org.) **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. **Leituras e leitores na França do antigo regime**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

_____. **O mundo como representação**. Estudos Avançados. São Paulo: Instituto Avançado, USP, 5 (11): jan/abr, 1991.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CHIENÉ, Adèle. A narrativa de formação e a formação de formadores. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O Método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 129 – 142. (Coleção Pesquisa (Auto)biográfica & Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

CLANCIER, A. Psycho lecture des romans de Raymond Queneau. In: PICARD, M. **La lecture littéraire**. Paris: Clancier-Guénaud, 1987.

DARTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**. Figuras do indivíduo-projeto. Natal: Ed. da UFRN, 2008.

DOMINICÉ, Pierre. Biografização e mundialização: dois desafios contraditórios e complementares. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Eliseu Clementino de. **(Auto)biografia: formação, territórios e saberes**. Natal: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2008. p. 25 – 46. (Coleção Pesquisa (Auto)biográfica & Educação, n. 2)

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O Método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 81 – 95. (Coleção Pesquisa (Auto)biográfica & Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

DOMINICÉ, Pierre. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 189 – 222. (Coleção Pesquisa (Auto)biográfica & Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, São Paulo, 2002.

_____. **A imaginação simbólica**. 6. ed. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. **Champs de l'imaginaire**. Textos reunidos por Danièle Chauvin. Grenoble: Ellug:

1996.

_____. **O imaginário**. Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

ENDE, M. **La historia interminable**. Madrid: Alfaguara, 1982.

FERREIRA SANTOS, Marcos. **Práticas crepusculares: mytho, ciência e educação no Instituto Butantan. Um estudo de caso em antropologia filosófica**. 1998. 2 vols. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FINGER, Matthias. As implicações sócio-epistemológicas do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O Método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 119 – 128. (Coleção Pesquisa (Auto)biográfica & Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

GILBERT, Elizabeth. **Comer, rezar, amar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

GOULEMONT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

HESS, Rémy (1985). In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O Método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (Auto)biográfica & Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

HOWELL, James. Disponível em: <<http://www.sitequente.com/frases/carta.html>>. Acesso em: 23 nov. 2012.

JAUSS, H. R. **Pour une esthétique de la réception**. Paris: Gallimard, 1978.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Experiências de vida e formação. São Paulo: Paulus; Natal: Ed. UFRN, 2010. Resenha de: PERES, Lúcia Maria Vaz; MANCINI, Flávia Griep; OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes de. Título da resenha. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 152-156, ago./dez. 2009.

JUNG, Carl Gustav. **Types psychologiques**. 7. ed. Genève: Georg Éditeur, 1991.

KEYES, Marian. **Melancia**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LAPLANTINE, François & TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense. (Coleção Primeiros Passos). Disponível em: <<http://www.portaldetonando.com.br>>. Acesso em: 30 mar. 2009.

MANCINI, Flávia Griep. **A produção de inferências na leitura de narrativas literárias por alunos de Letras**. (114 f.). 2002. (Dissertação de Mestrado em Letras/Linguística Aplicada) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.

McLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Ed. da USP, 1969.

MORENO, Leda Virgínia Alves; ROSITO, Margaréte May Berkenbrock (Orgs.). **O Sujeito na Educação e Saúde**. Desafios na contemporaneidade. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Edições Loyola, 2007.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O Método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 155 – 187. (Coleção Pesquisa (Auto)biográfica & Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O Método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação. Clássicos das Histórias de Vida).

PAIVA, Aparecida. A produção literária para crianças. Onipresença e ausência de temáticas. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (Orgs.). **Literatura infantil**. Políticas e concepções. Belo Horizonte: Autêntica: CEALE, 2008. (Coleção Literatura e Educação, n. 8)

PERES, Eliane & ALVES, Antônio Maurício Medeiros (Orgs.). **Cartas de Professor@s, Cartas a Professor@s**. Escrita epistolar e educação. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

PERES, Lúcia Maria Vaz. **Dos saberes pessoais à visibilidade de uma pedagogia simbólica**. (159 f.). 1999. (Tese de Doutorado em Educação) – UFRGS, Porto Alegre.

_____. (Org.). **Imaginário**. O “entre-saberes” do arcaico e do cotidiano. Pelotas: Ed. e Gráfica Universitária UFPEL, 2004.

_____. Os saberes pessoais “no tempo” de uma pedagogia simbólica. In: **Cadernos de Educação**. Edição especial de 2005. p. 27-43. Cuiabá: EdUNIC, 2005.

PERES, Lúcia Maria Vaz; EGGERT, Edla; KUREK, Deonir (Orgs.). **Essas coisas do imaginário...** . Diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, 2009.

PERES, Lúcia Maria Vaz; PORTO, Tânia Maria Esperon (Orgs.). **Tecnologias da educação**. Tecendo relações entre imaginário, corporeidade e emoções. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.

PERES, Lúcia Maria Vaz; ZANELLA, Andrisa Kemel (Orgs.). **Escritas de Autobiografias Educativas**. O que dizemos e o que elas dizem? Curitiba: CRV, 2011.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**. Ou como resistir à adversidade. São Paulo: Ed. 34, 2009.

_____. **Lecturas. Del espacio íntimo al espacio público**. México: Fondo de Cultura Económica, 2008.

_____. **Os jovens e a leitura**. Uma nova perspectiva. São Paulo: Ed. 34, 2008a.

_____. **Una infancia en el país de los libros**. Barcelona/México: Oceano Travesía, 2008b.

PETRUCCI, Armando. Ler por ler. Um futuro para a leitura. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo. **História da leitura no mundo ocidental 2**. São Paulo: Ática, 1999.

PINEAU, Gaston. **Vies des histoires de vie**. Universidade de Montreal; Faculte de l'Éducation Permanente, 1980.

PIÑON, Néida. A leitura como ato essencial da vida. In: CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português**. Linguagens. v. 1. 5. ed. São Paulo: Atual, 2005 (Ensino Médio).

PORTER, Eleanor H. **Pollyanna**. 15. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

ROBERT, M. **Roman des origines et origines du roman**. Paris: Gallimard, 1972.

QUINTANA, Mario. Disponível em: <<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/mario-quintana-poemas/>>. Acesso em 20 jun. 2011.

SARTRE, Jean-Paul. **L'imaginaire**. Paris: Gallimard, 1940.

SILVA, Deonísio da. **De onde vêm as palavras II**. Frases e curiosidades da língua portuguesa. São Paulo: Mandarim, 1998.

_____. **A vida íntima das palavras**. Origens e curiosidades da língua portuguesa. 4. ed. São Paulo: Arx, 2002.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

_____. As tecnologias do imaginário. In: PERES, Lúcia Maria Vaz (Org.). **Imaginário**. O "entre-saberes" do arcaico e do cotidiano. Pelotas: Ed. e Gráfica Universitária, 2004.

SOARES, Magda. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA, Aparecida, MARTINS, Aracy, PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Democratizando a leitura**. Pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Autêntica: CEALE, 2004. (Coleção Literatura e Educação, n. 5).

SPYRI, Johanna. **Heidi**. Rio de Janeiro: Brasil-Americana, 1969. (Clássicos Infantis)

TELLES, Tereza Maria de Paula. O texto literário em sala de aula: uma alternativa para a formação do ser humano. In: MORENO, Leda Virgínia Alves; ROSITO, Margaréte May Berkenbrock (Orgs.). **O sujeito na educação e na Saúde**. Desafios na contemporaneidade. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Edições Loyola, 2007.

THEROUX, Phillis. Disponível em: <<http://www.sitequente.com/frases/carta.html>>. Acesso em 23 nov. 2012.

ULSON, Glauco. **O Método junguiano**. São Paulo: Ática: 1988. (Coleção Série Princípios).

WALTY, Ivete Lara Camargo. Literatura e Escola. Anti-lição. In: EVANGELISTA, Aracy *et al.* **Escolarização da leitura literária**. O jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WILLIAMS, Garth. **Animaizinhos da Fazenda**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S. A., 1966.

Anexo 1



Pelotas, agosto de 2011

Prezada(o) Colega,

Sou estudante do Curso de Doutorado em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas. Faço parte do GEPIEM – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória – coordenado pela Prof.^a Dr.^a Lúcia Maria Vaz Peres. Estou estudando o valor simbólico da leitura na perspectiva dos estudos do Imaginário e minha pesquisa será embasada em narrativas de leitores professores que estejam dispostos a contar – por meio de uma carta – um pouco de seus trajetos como leitores, contando para mim coisas do tipo: Quais são as tuas memórias de leitura? O que, quando e onde tu lêes? Desde quando lembrás que és um(a) leitor(a)? Entre outras coisas que quiseres me contar...

Sei que cada leitor tem lá a sua história e é isso que desejo revelar em meu trabalho. Acredito que o exercício de escrever sobre si mesmo é bem interessante, como forma de (auto)conhecer-se.

Na carta, peço-te que te identifiques, dizendo o teu nome, a disciplina ou a série em que lecionas e, se quiseres, o nome da escola onde trabalhas, mas também que escolhas um pseudônimo para ter a tua privacidade preservada. No prosseguimento da minha pesquisa, eu te enviarei a análise que fiz sobre o teu relato e o conjunto (tua carta + minha análise) somente será publicado na tese com o teu consentimento.

Podes endereçar a tua carta via internet para o meu e-mail pessoal: mancini_fg@yahoo.com.br. Desse modo, também saberei o teu endereço virtual.

Conto com a tua preciosa ajuda para a minha pesquisa.

Desde já, agradeço a tua valiosa colaboração.

Atenciosamente

Flávia Griep Mancini

Anexo 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: CULTURA ESCRITA, LINGUAGENS E APRENDIZAGEM

CARTA DE ACEITE

Eu, _____,
portador/a do RG _____, CPF _____, professor/a
da Escola _____ declaro, para os devidos fins, que
participei da pesquisa “O valor simbólico da leitura: cartas (auto)biográficas de leitores
professores”, da aluna pesquisadora Flávia Griep Mancini, do curso de Doutorado em
Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas.

Por meio desta carta de aceite, autorizo a publicação da carta (auto)biográfica enviada
à pesquisadora, assim como a análise do seu conteúdo, com a omissão de minha identidade,
podendo ser usado o pseudônimo que foi utilizado na referida pesquisa.

Pelotas/RS, janeiro de 2013.

(assinatura)